

RELEND O MINI CORÃO TEFEPISTA

ANÁLISE DO LIVRO

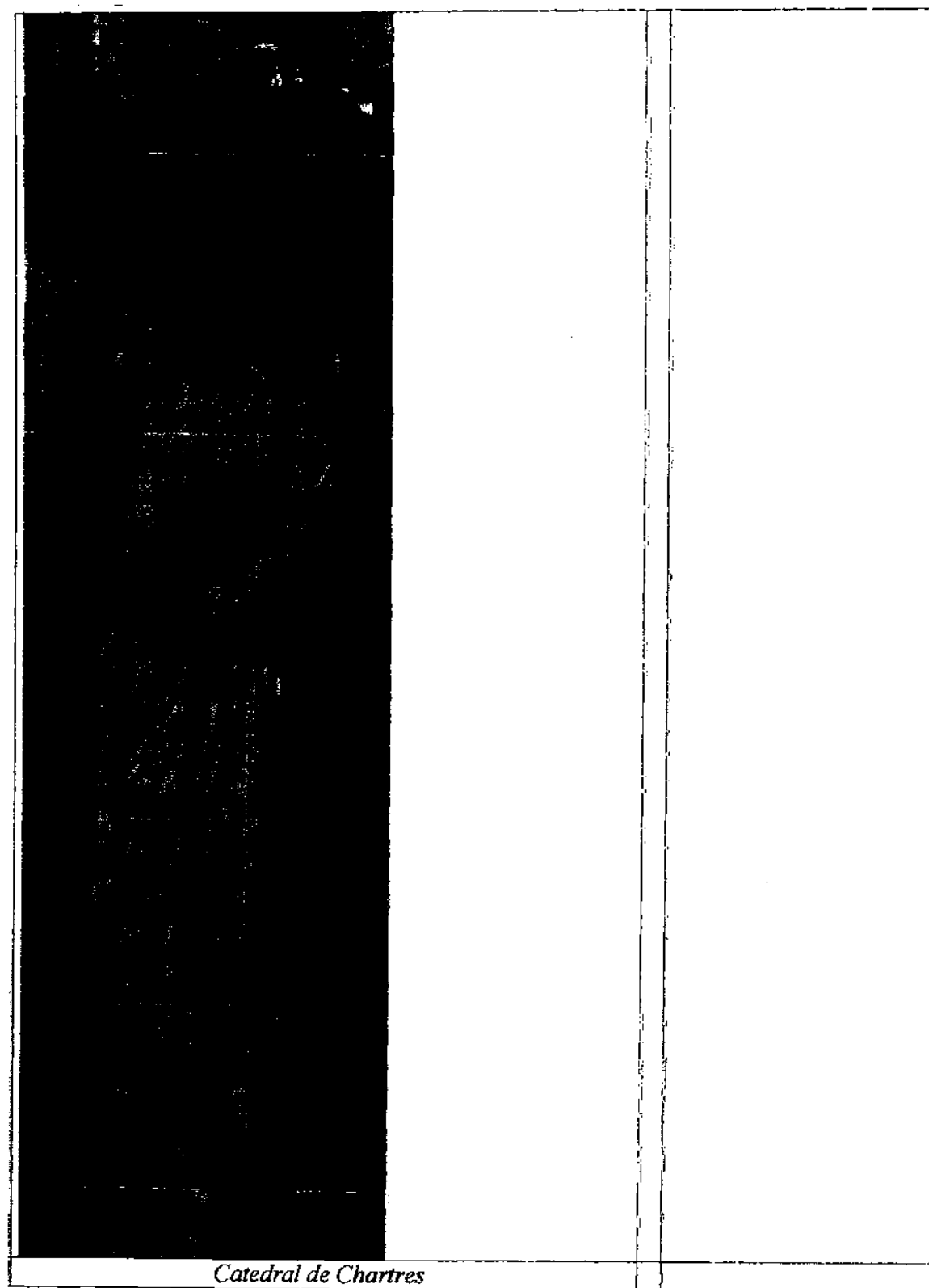
REVOLUÇÃO E CONTRA REVOLUÇÃO

DE

PLÍNIO CORRÊA DE OLIVEIRA

POR

ORLANDO FEDELI



Catedral de Chartres

OBSERVAÇÃO INICIAL: PORQUE ESTE COMENTÁRIO

UT VIDEANT, DOMINE!

Durante 30 anos freqüentei o grupo de Plínio Corrêa de Oliveira, que deu origem à TFP.

Lá, permaneci por cerca de 20 anos, "no gelo", praticamente só, porque me acusavam de não ter "o espírito de Dr Plínio".

Não entendia o que isso queria dizer, mas o isolamento me obrigou a estudar só, ou com poucos alunos, isolados como eu, porque nada tinha mais que fazer.

Oh beata solidão! Oh profícua solidão que me forçou a ler, a estudar e a abrir os olhos!

Conhecera o futuro "profeta" de Higienópolis, quando jogava ping pong e futebol na Faculdade de Filosofia de São Bento, na já horrível PUC, das Perdizes, onde aulas quase não existiam.

O Doutor Plínio, como queria ser chamado, era professor de História Moderna e Contemporânea. Era pessoa muito inteligente, e falava bem.

Naturalmente, ele me impressionou, pois não tinha outros professores a comparar com ele, e a um moço sem conhecimentos e entusiasmado é fácil iludir. Assisti à aula dele sobre as "Três Revoluções" (Reforma-Revolução Francesa e Revolução Russa), e me encantei com o nexos entre elas.

Isso foi em 1952.

Em 1959, já no grupo de Plínio, ele escreveu o trabalho **Revolução e Contra Revolução**, ao qual ele dava uma importância transcendental, julgando que o seu pequeno livrinho poderia desencadear a "bagarre", isto é, uma grande convulsão que poria fim à era revolucionária, dando início a uma nova era histórica.

Publicado o livrinho, ^{após ter sido} preparado em grande segredo para evitar que as forças ocultas fizessem algo que impedisse sua edição, não aconteceu absolutamente nada.

Segunda-feira continuou a vir depois do domingo, e, rotineiramente ela continuou a ser seguida pela terça-feira, no ramerrão do calendário indiferente ao grande brado "profético" de Plínio.

Nada mudou na vida e no mundo.

Na antiga PUC, se continuava a jogar ping pong e futebol, e ainda a sexta-feira vinha, como sempre, depois da quinta. O Brasil continuou a esperar a ser o país do futuro. Futuro que nunca chegava, pois quando chega o amanhã, ele sempre fica o hoje de sempre. E na TFP, se continuou a esperar a "bagarre" para ... amanhã. Um amanhã da ilusão, que sempre se torna irremediavelmente o prosaico hoje, que nos obriga a almoçar e jantar, escovar os dentes e dormir.

Amanhã, porém—se diz, hoje, na TFP -- amanhã será a "bagarre". Como Dr Plínio profetizou.

Amanhã.
Vocês vão ver...

Lera eu, há décadas, o livro de Plínio, e com prazer, e dava aulas sobre as "Três Revoluções".

Soube, anos depois, pelo próprio Dr. Plínio, que ele não estava gostando do modo como eu dava essa aula.

Declarou ele, enfiado, e dando indiretas ao estilo Corrêa de Oliveira: "Fiquei sabendo que não se está dando aula das Três Revoluções como eu quero que se a dê. Por isso, vou dá-la, de novo, para que sigam a maneira que dou essa aula".

E lá deu ele, de novo, a sua aula, à sua maneira, com uns desenhinhos de tiara papal, mitras episcopais, barretes presbiteriais, refulgente coroa imperial, coroa real, coroa de Príncipe, etc.

Uns desenhinhos encomendados no quadro negro. Bonitinhos.

Desenhinhos caprichados que pedagogas achariam lindos!

Em minha aula não havia desenhinhos.

E não lera eu, de novo, o livrinho de Plínio, que estupidamente os tefepistas eram obrigados a decorar, palavra por palavra, "para responderem à CPI do Rio Grande do Sul, sem entender o que repetiam literalmente.

Papagaiamente.

Entrementes, já lera o suficiente para poder acrescentar ao texto de **Revolução e Contra Revolução** dados que me pareciam necessários. Daí a reclamação de Dr. Plínio, a que não dei a menor importância, continuando a dar a famosa aula a meu modo.

Sem desenhinhos.

Sem papagaiar.

Agora, passados tantos anos, respondendo a uma carta de um leitor do site Montfort, tive que citar o livro "profético", e lhe fiz algumas críticas.

Isso provocou uma leve polêmica com um ~~ex~~-eremita tefepista do exterior, e as cartas de um iludido tefepista da Bahia, protestando contra mim, cartas que publico abaixo, e que me forçaram a reler o livro fundamental de Plínio.

E que surpresas não tive em sua releitura!

Ler com olhos já envelhecidos pela experiência da vida, e com os olhos gastos por tantas leituras, foi uma experiência extraordinária para mim. As vistas curtas de olhos septuagenários fazem enxergar muito melhor o que as vistas boas e inexperientes não conseguiam ver.

Ah si jeunesse savais! Ah si vieillisse pouvait!

Se a velhice em que estou pudesse ler, de novo, todos os livros lidos outrora, quanto não aproveitaria o velho que sou do que o jovem engoliu sem meditar.

Reli o livrinho de Plínio para responder ao desafio de um tefepista maduro, mas ainda iludido. Essa a razão da publicação deste trabalho apressado, escrito nos intervalos entre as centenas de cartas que tenho acumuladas para responder.

Escrevi, visando fazer bem a iludidos, e ~~(para fazer)~~ cegos—Talvez? Sim. Talvez... -- enxergarem.

Sem muitas esperanças... Porque à cegueira também há quem se acostume, e que prefira fechar os olhos para não ver, como a Sinagoga de Strasburgo, de pálpebras cerradas, para não perceber sequer vultos da verdade através do véu diáfano que lhe cobre as vistas.

Apesar disso, escrevi, porque a esperança em Deus é tão grande, que supera qualquer descrédito humano.

In spem, contra spem.

É bem sabido que os maometanos tem o Corão—livro que atribuem ao falso profeta Maomé – como um livro inspirado por Deus. Os crentes do Islam lêem o Corão, decoram-no, e se recusam a analisar racionalmente o seu texto.

De modo muito semelhante, os tefepistas acreditaram no que lhes dizia Plínio Corrêa de Oliveira sobre si mesmo: que era um profeta inerrante em matéria de Revolução e Contra Revolução. Por isso, liam e lêem seu pequeno livro, **Revolução e Contra Revolução**, sem analisá-lo seriamente. Decoravam-no, e se recusam, até hoje, a fazer-lhe qualquer crítica, como se fosse uma obra inspirada por Deus.

Usam-no como os maometanos usam o Corão. Daí o título que dei a este trabalho.

Claro que não espero convencer os “maometanos” do Profeta de Higienópolis, porque, para eles, como para os Islamitas, o que está escrito, está escrito: Maktub!

E aí dos ímpios que sacrilegamente tentarem analisar racionalmente o que escreveu Plínio no Mini Corão da TFP.

A eles se aplicará, um dia, depois da “bagarre” a shariah tefepista. Porque Deus é Deus, e Plínio é o seu Profeta!

Maktub!!!

Está escrito!

Entretanto, o público poderá ser esclarecido sobre as falácias e sofismas dessa obra que, por dizer algumas verdades distorcidas, pode enganar a muitos incautos.

E mesmo para os cegos, escrevi.

Contra spem.

Mas... in spem.

Que Deus lhes abra, enfim os olhos.

Domine, ut videant!

Ut videant, Domine!

Desafio Tefepista

"Ridendo et... "zumbindo"... mutuca castigat mores plinianos"

16 / 10 / 2004 por Joaquim de Souza souzaj47@hotmail.com
Salvador - BA.

IDENTIDADE PROFÉTICA

Prof. Fideli.
Salve Maria!

Li, e não nego, sorrindo, a sua preocupação de negar a todo custo identificação com a continuação da obra do Prof. Plínio Corrêa de Oliveira. Por mais que o senhor queira negar, é impossível não perceber como sua alma ficou marcada pelo tempo em que ele conviveu, embora não deixando que sua alma fosse tomada pela importância dele na sua vida. Pode-se dizer que esse convívio o marcou, como o ferro em brasa marca, sendo impossível que se apague a marca. Todo mundo percebe só o senhor não. O seu comportamento é idêntico, sobre certo prisma, ao comportamento daquele herege, "Cilas com C", pela teimosia e cabeça dura, que o senhor também encrepou, defendendo a Santa Igreja e Nossa Mãe Santíssima. Que Nossa Senhora, de quem somos escravos, abra sua alma mesmo que tardiamente e não o deixe ofender mais a um seu filho dileto.

"Ridendo et... "zumbindo"... mutuca castigat mores plinianos"

Ó imprudente Joaquim,

Salve Maria!

Vejo que você considera Dr. Oliveira *"um filho dileto de Nossa Senhora"*, coisa de que discordo totalmente, e que o revela como pliniano e tefepista enrustido.

Você me diz que fui marcado, como *"com ferro em brasa"*, pelo Profeta de Higienópolis, e que só eu não percebo isso.

Alto lá, meu caro!

O Dr Oliveira me acusava exatamente do oposto: de ser o anti Plínio.

Ele me acusava de não ter o seu *"espírito"*, e me alcunhava de *"Fumaça preta"* de *"Inimica vis"* e etc.

Um arauto, que foi de meus alunos,--- um tanto perereca--- costumava dizer que, na ttp, havia uma divisão profunda: de um lado, os que haviam sido alunos do Professor, do outro lado, ... os outros.

Os que tinham o *"espírito"* de Plínio.

Agora, você só notou o que, durante 30 anos , o "Inerrante" não notou: que tenho a marca em brasa do dr Oliveira?

Você está sendo pouco pliniano, meu caro e imprudente Joaquim.

Você já leu as duas cartas anti românticas que publiquei analisando artigos do "Profeta" ?

Leu?

Onde, nelas, existe o "*espírito*" do dr Oliveira?

Sua observação me parece um tanto... mediúnica...
Vade retro, Joaquim!

Sua falta de percepção vai me obrigar a publicar mais uma das sete cartas anti românticas, que escrevi contra o estilo, o pensamento, e o "*espírito*" de Pc dos Ohs.

Requiscat in pace!
Amén!

Vai ser divertido.

Você é quem provocou...
Não vá se queixar.

Eu estava quietinho, aqui, em meu canto, desde o falecimento da tff, sem nem pensar mais nisso, e você vem lá me cutucar...

Você acordou o mutuca.
Ele vai mutucar.

Prepare-se para se coçar.

In Corde Jesu, semper,

Orlando Fedeli.

PS Será que você me faria a caridade de me mostrar, nesta carta, o que há do "*espírito*" de Plínio?

"Ridendo et "zumbindo" mutuca castigat mores plinianos". OF

Insistindo no Desafio

Subject: Site (): Plínio Corrêa de Oliveira Enviada em 08 / 11 / 2004 por Joaquim Souza
E mail souzaj47@hotmail.com **Escolaridade :** Superior concluído
Profissão: Auditor Fiscal. **Religião :** Católica Local: Salvador - BA , Brasil

Prof. Fedeli.

Já escrevi anteriormente sobre o assunto e não me contive, mais uma vez, e volto a escrever.

Como disse da última vez que escrevi, não me move o desejo de alterar o seu pensamento sobre o Sr. Dr. Plínio, mas o de reparar injustiças.

Li uma resposta à consulta sobre Dr. Plínio (a quem o senhor faz questão de negar o título de doutor, por questões de formalidades acadêmicas, quando o próprio dicionário diz ser usual esse título, no Brasil, a quem foi graduado em Universidade) e o livro RCR. Nela o senhor procura desmerecer as teses contidas na RCR e aproveita para apontar vários erros que segundo o senhor o livro contém e que os membros da TFP não percebiam.

Inicialmente diz que: " para responder a você peguei esse livro de Dr. Plínio, (...), e que não abria há muitos anos, e li suas primeiras frases, para lhe responder". A seguir diz há na frase "Crise do homem contemporâneo" um erro muito grave. Ora, qual é o erro grave da frase? Dr. Plínio estava se dirigindo para os homens do seu tempo, logo seus contemporâneos, a quem queria explicitar o processo revolucionário, que como processo, iniciado nos fins da Idade Média, inclui a Idade Moderna e os que nela viviam. **Sobre os erros do Modernismo faz alusão** sim e sempre cita São Pio X quando necessário.

Logo depois cita um trecho em Dr. Plínio coloca, como campo de ação da Revolução, o próprio homem. O senhor aponta aí outro erro, dizendo que houve omissão da crise na Igreja. Tal afirmação advém, me parece, como o senhor declara no início, dos anos que se passaram desde que o senhor o abriu e, possivelmente por desdém, não o leu. Se o houvesse lido veria que logo na Introdução Dr. Plínio coloca a santa Igreja como vítima principal da Revolução, coisa que faz em diversas partes do livro, o que não invalida a afirmação de que é o homem, enquanto membro do Corpo Místico de Cristo que é a Igreja, o que sofre na prática a ação da Revolução. Pois se não houvesse o homem qual seria o sentido da Revolução? Mesmo assim Dr. Plínio dedica o Capítulo XII do livro ao tema, sob o título de "A Igreja e a Revolução".

Continuando, com a crítica sem razão alguma, diz o senhor que ele "devia ter colocado precedendo o fundamento da alma humana - fundamento moral - deveria ter sido o metafísico". Mais uma vez a falta de leitura o traiu, pois Dr. Plínio dá sim importância ao aspecto metafísico da Revolução, já na Introdução, ao dizer: "Ambos os aspectos (orgulho e sensualidade), que têm em última análise caráter metafísico,(...)" .

Sobre gnose e outros é tão sem sentido e sem fundamento que não vale a pena discorrer a respeito, pois, com todo o respeito, o assunto gnose é uma obsessão no senhor, e que pode afastá-lo daquilo que preza defender.

Os aspectos históricos das relações com o clero e as discussões teológicas, são além de complexas, cheias de nuances e de necessidade de bom senso, que não posso contestá-las nessas linhas. Só a fidelidade ao carisma para o qual foi chamado e inserido e as graças

do Espírito Santo, resultantes dessa fidelidade, podem indicar qual o melhor caminho a trilhar em diversos momentos históricos, em assuntos de alta complexidade e que estão em jogo a salvação das almas e a fidelidade à Igreja, de forma a evitar cismas desnecessários e entregar de bandeja ao inimigo os destinos dela. Os inimigos internos da Igreja são mais perigosos que os externos, não se pode entregar a eles a barca para que naveguem sozinhos. Como dizia Nosso Senhor Jesus Cristo, que tem ouvido para ouvir que ouça!

As demais críticas, feitas em círculos, o são em busca de assuntos que o livro RCR, para quem o leu com o espírito aberto, e compreendendo a sua oportunidade no momento em que foi lançado, percebe, não se propunha a tratar, e nem era o caso, já que não se trata de um compêndio de teologia nem de um livro de História, das várias heresias ou dos problemas internos que passou e que passa a Santa Igreja. O livro RCR é a explicitação de um processo e dá todas as premissas para quem quer analisar os acontecimentos com os olhos católicos e quer viver de acordo com os ensinamentos imutáveis da Igreja. Fundamenta ele o espírito ortodoxo de muitas pessoas e dá diretrizes, mesmo que indiretamente e as vezes deformadas pela falta de fidelidade à origem, a vários movimentos criados por pessoas que tiveram contato com as idéias nele explicitadas. Os assuntos tratados nesse site é exemplo disso, tenho dúvidas se sem a RCR ele existiria.

Que o Imaculado Coração de Maria, alcance para todos nós misericórdia e que o divino Espírito Santo nos ilumine, para que despidos de vaidade e que o divino Espírito Santo nos ilumine, para que despidos de vaidade e rancor prestemos verdadeiro serviço à causa católica.

Resposta a um Desafio

Muito prezado Joaquim,
salve Maria!

Disse-lhe que não me provocasse. Mas você não entendeu. E, cabeçudamente, insiste, exigindo que eu refute a obra **Revolução e Contra Revolução** – a bíblia tefepista - escrita pelo pseudo Doutor sem tese, o “inerrante e imortal Profeta” de Higienópolis, o falecido Plínio Corrêa de Oliveira.

Requiescat in pace. Amen!

Escrevi a “bíblia” tefepista. Melhor teria sido dizer o Corão tefepista, pois o sequazes do pseudo profeta de Higienópolis decoravam e citavam essa obra, sem análise maior, como os maometanos decoram e citam o Corão do pseudo profeta de Meca, sem qualquer exame. A cada pseudo profeta o seu Corão. A cada Corão os seus fanáticos.

Você se mostra bem tefepista em sua carta-desafio:

1) Cegamente repete slogans e sofismas tefepistas sem passar por nenhum crivo racional;

2) Cegamente mantém seu ódio. E a tal ponto que recusa dar-me até mesmo a saudação tradicional “Salve Maria” e nem me chama de senhor.

Deus o perdoe!

Pois aceito seu desafio e vou, por sua causa, escrever uma breve crítica do livreco **Revolução e Contra Revolução**, demonstrando seus erros e debilidades. Não se queixe.

Foi você quem me provocou.

In Corde Jesu, semper, Orlando Fedeli.

ANÁLISE DO LIVRO REVOLUÇÃO E CONTRA REVOLUÇÃO

DE PLÍNIO CORRÊA DE OLIVEIRA

I - INTRODUÇÃO

LUTA ENTRE A IGREJA E A SINAGOGA DE SATANÁS NA HISTÓRIA

1- O PECADO ORIGINAL E A GNOSE

Lê-se, na Sagrada Escritura, que Deus proibiu Adão e Eva de comerem o fruto da "Árvore do Conhecimento do bem e do mal".:

"Praeceptique ei dicens: "Ex omni ligno paradisi comedere; de ligno autem scientiae boni et mali ne comedas. In quocumque enim die comederis ex eo morte morieris" [E deu-lhes como preceito dizendo: "Comerás o fruto de toda árvore do paraíso. Mas não comerás o fruto da árvore da ciência do bem e do mal. No dia em que comeres desse fruto, morrerás"] (Gen. II, 16-17).

Que estranha árvore era essa, e que estranho fruto era o proibido!

Que conhecimento daria esse fruto, que foi proibido ao homem?

A árvore do conhecimento do bem e do mal!

Conhecimento em grego é Gnosis.

Duas coisas o homem não pode conhecer: Deus e o pecado.

Deus, o Bem absoluto, Bem infinito, está absolutamente acima da compreensão do homem. O mal, isto é, o pecado, é aquilo que é absolutamente incompreensível para o homem, porque o pecado vai contra a razão.

Ora, a Gnose pretende dar exatamente a seus adeptos o conhecimento da essência divina, assim como a compreensão do mistério do mal, do que é o pecado.

E, fazendo isso, a Gnose promete ao iniciado em seus mistérios alcançar a divinização: "Eritis sicut dii scientes bonum et malum". "Sereis como deuses, conhecedores do bem e do mal"(Gen. III 5).

A árvore do Conhecimento do Bem e do mal era a da Gnose. Simbolizava a Gnose. Foi isto que Deus proibiu a Adão: o pretender conhecer a essência de Deus e compreender o mal. Ser como Deus.

Mas o demônio prometeu divinizar o homem, e Adão, crendo na Serpente, romanticamente sonhou se tornar deus.

Adão foi o primeiro romântico.

Adão foi o fundador do antropocentrismo.

O pecado de Adão foi o pecado de Gnose e foi um pecado de romantismo, pois tanto a Gnose como o romantismo prometiam a divinização do homem.

E é bem interessante constatar como uma especialista em Gnose, Simone de Pétrement, confirma tudo isso ao escrever:

"Nós dissemos que os gnósticos são românticos; nós poderíamos dizer que o romantismo é gnóstico" (Simone de Pétrement, *Le Dualisme Chez Platon, les Gnostiques et Manichéens*, PUF, Paris, 1947, p. 344).

Georges Gusdorf, um especialista nos estudos do Romantismo, concorda com essa posição:

"Existe uma relação entre a função mítica e a gnose, especulação meta-religiosa que se aventura além dos limites prudentes dos territórios eclesiásticos. O saber gnóstico, transmitido pela iniciação, assegura aos depositários dos segredos escatológicos o benefício da salvação eterna.. A Gnose se apresenta sob a forma de parábolas confiadas aos homens por uma benevolência divina, cuja luz intrínseca desamarra a da contradição do real. O mito gnóstico do *andrógino*, evocador de uma unidade originária dos sexos, antecedente à sua dissociação, propõe por exemplo uma inteligibilidade adaptada às delícias, paixões e horrores do amor. Os românticos recorreram a este arquétipo existencial para justificar o injustificável nas paixões da humanidade. A situação gnóstica da razão ultrapassada e confundida é, por excelência, uma situação romântica; o romantismo é um renascimento gnóstico, vaga de fundo que submerge as seqüelas da filosofia das luzes. Schelling é um gnóstico, cujas convicções se desenvolvem à medida que ele avança em idade, da mesma forma que Baader; a *Naturphilosophie* impõe à pesquisa científica cifras gnósticas. Na França, em seqüência de Saint Martin ed e Fabre d'Olivet, a gnose triunfa nos escritos de Ballanche; ela subentende o gênio poético de Victor Hugo; ela está presente no Lamartine das *Visions* e no Nerval dos *Ilumines*"(G. Gusdorf, *Le Romantisme*, Payot & Rivages, Paris, 1992 -1993, 2 volumes, I vol. pp. 511-512. Negrito e sublinhado são nossos).

Por sua vez, Jamil Mansur Haddad, em seu livro **"Romantismo Brasileiro e as Sociedades secretas do tempo"** afirma:

"Se nem sempre o Romantismo foi maçônico, a Maçonaria foi sempre romântica". "O espírito maçônico é o espírito romântico" (Jamil Mansur Haddad, op. Cit. p. 49).

Sendo, então, o Romantismo gnóstico, não é de surpreender como as seitas gnósticas pretendem recuperar a inocência primeva, sonhem com o Grande Retorno—Le Grand Retour -- ao Éden, restaurador do homem no paraíso original, sonhando com a Idade de Ouro, e com Reinos de Deus -- ou Reino de Maria -- na Terra.

Desse modo fica patente como entre o pecado de Adão e o pecado de Romantismo há uma relação profunda. E como o Romantismo, através do pietismo, é filho do protestantismo e pai da utopia do comunismo, podemos dizer que há profunda relação entre o pecado de Adão e o pecado de Revolução. Pois a Revolução é a Religião do Homem erigindo-se como deus, no lugar de Deus. E assim Adão foi o primeiro adepto do antropoteísmo.

2- A MALDIÇÃO DA SERPENTE

Quando Adão pecou, Deus amaldiçoou a serpente que enganara nossos primeiros pais, dizendo-lhe:

"Porei inimizades entre ti e a mulher, entre tua descendência e a dela. Ela e esmagará a cabeça, e tu armarás ciladas ao seu calcanhar" (Gen. III, 15).

Nesta maldição da serpente, está resumida toda a História do mundo.

Deus afirma que colocará ódios entre a serpente – o demônio – e a Mulher—a Virgem Maria. Isto porque assim como a perda da humanidade veio por meio de uma mulher, Eva, sua salvação viria por meio de outra mulher, a Virgem Maria.

Maria é a Mulher.

Assim como Pilatos disse de Cristo: "Eis o Homem" (Jo. XIX, 5), da mesma forma Cristo disse: "Mulher, eis aí teu filho" (Jo. XIX, 26).

Entre a serpente e a Virgem Maria foi colocada uma posição absoluta. Por isso Deus fez Maria Imaculada desde sua concepção.

Deus afirmou ainda que o a serpente seria esmagada pela descendência da Mulher, isto é, por Cristo, e pelos filhos da Virgem Maria, pelos cristãos, visto que, no Calvário, em seu testamento, Cristo nos colocou como filhos da Virgem e nos deu Maria por Mãe ao dizer a São João: "Eis aí tua Mãe" (Jo. XIX, 27).

Daí, quem não tem Maria por Mãe, não tem a Deus por Pai. E este é o caso dos protestantes. Mas a maldição da serpente diz mais. Deus nela afirma que a serpente também possui uma descendência. Que o demônio tem filhos.

E como pode o demônio ter filhos, se ele é um anjo e não possui corpo e nem sexo?

Entretanto há filhos do demônio, visto que o próprio Cristo disse que os fariseus tinham o demônio por pai, porque queriam fazer a vontade dele.

"Vós tendes por pai o demônio, e quereis satisfazer os desejos de vosso pai. Ele foi homicida desde o princípio, e não permaneceu na verdade, porque a verdade não está nele. Quando ele diz a mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira". (Jo. VIII, 44-45).

Esse texto do Evangelho é sumamente revelador. Nosso Senhor nos ensina, nele, que há filhos do demônio, filhos espirituais, evidentemente, que são todos aqueles que querem satisfazer a vontade do demônio. Note-se ainda que Jesus não diz que o demônio é pai de mentiras. Ele o qualifica de pai da mentira, no singular, mostrando que o demônio opõe à verdade revelada por Deus e ensinada pela Igreja, uma só mentira, a Gnose, que o diabo ensinou a Adão.

Mais ainda. Cristo nos disse que há uma unidade entre os filhos do demônio, uma espécie de união de vontades no fazer o mal.

Veja-se o que Jesus falou dos fariseus: chamou-os de serpentes, porque eles eram filhos da Serpente.

"Serpentes, raça de víboras! Como escapareis da condenação ao inferno? Por isso, eis que eu vos envio profetas, sábios e escribas, matareis e crucificareis uns, e açoitareis outros em vossas sinagogas, e os perseguireis de cidade em cidade, para que caia sobre vós todo o sangue justo que se tem derramado sobre

a terra, desde o sangue do justo Abel até o sangue de Zacarias, filho de Baraquias, que matastes entre o templo e o altar. Em verdade vos digo que tudo isso virá sobre esta geração" (Mt. XXIII, 33-36).

Esse texto é muito denso de verdades.

Como poderiam os fariseus do tempo de Cristo serem responsabilizados pelo sangue de Abel? Como poderiam eles serem culpados do assassinato praticado por Caim, milhares de anos antes?

Repare-se ainda que Cristo os responsabiliza não só por esse crime primeiro, como também pelos crimes futuros, pois os verbos são colocados por Cristo no futuro: "matareis", "crucificareis", "perseguires", "açoitareis".

Cristo coloca como crime dos fariseus de seu tempo todos os crimes da História, desde o do justo Abel até os crimes que seriam feitos até o fim dos tempos.

Como seria possível culpar homens de uma época por todos os crimes da História?

Jesus apresenta os fariseus como membros da "raça" da serpente, mostrando que os maus, na História, têm uma certa unidade.

Tal como os filhos de Deus constituem uma verdadeira unidade com Cristo, na Igreja, Corpo Místico de Cristo, de modo análogo e caricato, o demônio procura constituir uma certa unidade em seus "filhos" que formam uma "raça", uma "gens", o povo do demônio. Os filhos da serpente, aprovando o mal que foi feito por Caim, e todo o mal que é feito na História, literalmente, por seus congêneres, tornam-se cúmplices de todo o mal feito na História. E quando Jesus fala desta "geração" ele está se referindo aos fariseus de seu tempo, mas também e principalmente à geração da serpente.

Por isso, na História, há uma luta entre os filhos de Deus e os filhos do demônio, entre a raça da Virgem e a raça da serpente, entre os filhos da luz e os filhos das trevas, entre a Igreja e a aqueles que querem destruí-la. A luta na História é essencialmente religiosa e metafísica, e só secundariamente e conseqüentemente política, artística, e econômica.

3 – Igreja e Anti Igreja.

"E o Verbo de Deus se fez carne e habitou entre nós. E nós vimos a sua glória, glória como de Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade" (Jo. I, 14).

O Verbo de Deus se encarnou para pagar o pecado de Adão e se tornou o centro de toda a História, que é, antes de tudo a História da salvação, e não a da política nem a da economia e dos jogos da bolsa.

Na História, os homens decidem sua salvação ou sua perdição eterna.

E eles não decidem isso só para si. Ninguém vai para o inferno sozinho, assim como ninguém vai para o céu sozinho. Nosso exemplo ajuda a salvar ou a perder outras almas. Somos seres sociais, e queremos o bem não só para nós, mas também para outrem. Também o amor de caridade produz vínculos sociais.

E também o ódio vincula os homens maus a outros maus.

Jesus Cristo nos redimiu, morrendo por nós na cruz. E, para facilitar nossa salvação, e para permanecer unido a nós, Ele fundou a Igreja Católica Apostólica Romana, Corpo Místico de Cristo, por meio da qual Ele nos dá seus sacramentos e sua graça.

O Calvário, assim, é o centro de toda a História. E, desde que Cristo subiu aos céus, a Igreja Católica, que perpetua a redenção do Calvário no santo sacrifício da Missa, a Igreja Católica que perpetua o ensinamento da verdade salvífica de Cristo, Ela é o centro da História, porque a Igreja é Cristo vivo misticamente na História, assim como "o Papa é o doce Cristo na terra", como dizia Santa Catarina de Siena.

Assim como os judeus condenaram e mataram a Cristo, o Messias, na Cruz, assim os maus querem crucificar e matar a Igreja católica, na História.

Deus convoca os homens que querem ser bons para o seu Reino, a Igreja, organizando os cristãos para que se salvem, e ajudem a salvar os demais homens.

O demônio, caricaturador de Deus, organiza os maus, formando com eles uma espécie de "corpo místico" do demônio, para que destruam ou impeçam o bem, e organizadamente trabalhem para - se fosse possível - destruírem a Igreja Católica, e para que o maior número possível de almas se perca eternamente no inferno. Na História, há um perpétuo combate entre a Igreja de Cristo, que é uma só—a Igreja Católica Apostólica Romana, fora da qual não há salvação – e a geração da Serpente, o conjunto dos maus que servem o diabo.

Já no Antigo testamento, o salmista havia escrito: "Concilium malignantium obsedit me", ou seja: "Um Concílio de malignos me cercou"(Sl. XXI, 17). E este versículo dos Salmos profetizou o que foi feito pelo Sinédrio, contra Cristo, no Calvário.

E no salmo XXV está escrito que existe uma assembléia, uma Igreja dos maus, que se reúnem para fazer o mal: "Odiei a Igreja dos malfeitores"(Sl. XXV, 5). São Tomás de Aquino, comentando esse texto, escreveu:

"Deve-se observar que há uma outra congregação, mas dos maus, conforme se lê nos Salmos: Odiei a Igreja dos Malfeitores (25,5). Mas essa Igreja é má, enquanto a Igreja de Cristo é Santa." (Sto. Tomás de Aquino, Exposição Sobre o Credo, trad. Dom Odilão Moura OSB, Loyola, 1988, 2a. ed., p. 74).

"Circa secundum sciendum, quod est etiam alia congregatio, sed malignantium. Ps. XXV, 5: odivi Ecclesiam malignantium. Sed haec est mala,

Ecclesia vero Christi est sancta" (Sancti Thomae de Aquino. **Expositio in Symbolum Apostolorum**. Textum Taurini 1954 editum).

Portanto, na História há duas Igrejas em luta: a Igreja católica que é santa, e a Igreja de satanás, formada pelos filhos do diabo, que querem fazer a sua vontade maligna.

Se considerarmos tudo isso, fica bem claro porque Nosso Senhor Jesus Cristo afirmou: "Quem não está comigo está contra mim" (Mt XII, 30).

Cristo, com essa sentença, dividiu os homens em dois grupos apenas: os verdadeiros cristãos, seus seguidores, e os seguidores do demônio ou do Anticristo. Não disse que haveria um terceiro grupo de neutros ou equilibrados. Ou se está com Cristo, ou se está contra Cristo. Não há meio termo. Conseqüentemente só há duas doutrinas em luta na História: a doutrina católica, a doutrina de Cristo, e a mentira forjada pelo demônio. Por isso, Nosso senhor afirmou, no Apocalipse, ao falar das perseguições que os cristãos, seus seguidores, iriam sofrer, que essas perseguições seriam forjadas pela Sinagoga, ou Igreja de Satanás:

"E ao anjo da Igreja de Smirna escreve: isto diz o Primeiro e o Último, o que foi morto e que está vivo: conheço a tua tribulação e a tua pobreza, e sei que és caluniado por Aqueles que se dizem judeus e não o são, antes são uma Sinagoga de Satanás" (Apoc. II 8-9).

Portanto, a Igreja de Cristo, na História, é perseguida e caluniada por uma organização que o próprio Cristo denomina de Sinagoga de Satanás.

Claro que os modernistas e ateus que criticam, hoje, como fantasia, a teoria da conspiração na História, dirão, atrevida e blasfematoriamente, que o próprio Cristo exagerou. Que nesse ponto, Cristo foi "radical".

Mas Jesus Cristo é Deus, e toda sua palavra é verdade. De modo que os que negam que haja na História essa conspiração dos maus contra Igreja, ou são cúmplices da conspiração fazendo parte dela, ou são cegos que nada entenderam do Cristianismo e da História.

De todo modo, aqui nos importa demonstrar apenas que existe uma luta entre a Igreja e a Sinagoga de Satanás, na História. Deixemos, por enquanto, a teoria da conspiração para outra ocasião.

Foi com base nessas verdades que Santo Agostinho traçou a primeira Teologia da História, apresentando-a como a batalha entre a Igreja — a Civitas Dei — a Cidade de Deus e a Cidade do Homem.

Na História, o demônio combateu Adão e Eva, depois fez Caim matar Abel. A seguir, organizou os filhos dos homens contra os filhos de Deus, Babilônia contra Jerusalém, Babilônia contra Roma.

"Dois amores fundaram, pois, duas cidades, a saber: o amor próprio, levado até ao desprezo de Deus, fundou a cidade terrena; o amor a Deus, levado até ao desprezo de si mesmo, construiu a cidade celestial.

"A primeira se gloria em si mesma e a segunda em Deus, porque aquela busca a glória dos homens e tem esta por máxima glória de Deus, testemunha de sua consciência. Aquela se ensoberbece em sua glória e esta diz a seu Deus: "Sois minha glória e quem me exalta a cabeça". Naquela, seus príncipes e as nações avassaladas vêm-se sob o jugo da concupiscência de domínio; nesta, servem em mútua caridade, os governantes, aconselhando, e os súditos, obedecendo. Aquela ama sua própria força em seus potentados; esta diz a seu Deus: "A ti hei de amar-te, Senhor, que és minha fortaleza". Por isso, naquela, seus sábios, que vivem segundo o homem, não buscaram senão os bens do corpo, os da alma ou os de ambos e os que chegaram a conhecer Deus "não o honraram nem lhe deram graças como a Deus, mas desvaneceram-se em seus pensamentos e obscureceu-se lhes o néscio coração. Crendo-se sábios", quer dizer orgulhosos de sua própria sabedoria, a instâncias de sua própria soberba, "tornaram-se néscios e mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança de imagem de homem corruptível, de aves, de quadrúpedes e de serpentes". Porque levaram tais ídolos aos povos, para que os adorassem, indo eles à frente, ou os seguiram "e adoraram e serviram a criatura e não o Criador, para sempre bendito".

"Nesta, pelo contrário, não há sabedoria humana mas piedade, que funda o culto legítimo ao verdadeiro Deus, à espera do prêmio na sociedade dos santos, de homens e de anjos, "com o fim de que Deus seja tudo em todas as coisas". (Santo Agostinho - A Cidade de Deus, XIV, 28).

"Misticamente, damos a esses grupos o nome de cidades, isto é, duas sociedades de homens, das quais uma está predestinada a reinar eternamente com Deus, e a outra a sofrer o eterno suplício com o diabo" (Lib. XV, 1).

E ainda mais ensinou Santo Agostinho: "A natureza pervertida pelo pecado engendra os cidadãos da cidade terrena; a graça, que liberta a natureza do pecado, engendra os cidadãos da cidade celeste. Donde aqueles serem chamados de vasos de ira, e estes, vasos de misericórdia" (Lib. XV, Cap. 2).

Como não ver que a Cidade de Deus é teocêntrica?

Como não ver que a Cidade terrena é antropocêntrica?

Como não ver que a Cidade de Deus atingiu o apogeu na Idade Média, e que a Cidade do homem se instalou com o Humanismo, com a Reforma e o Renascimento?

Como falar então em Humanismo, como disse Maritain, ou em Renascimento cristão como fez Plínio C. de Oliveira?

Por acaso, é possível uma conciliação entre a luz e as trevas entre Cristo e Belial?

É tão impossível haver um socialismo cristão quanto existir um Humanismo Cristão ou um Renascimento pagão cristão.

A conciliação entre a Cidade de Deus e a Cidade do Homem sempre foi a arma para infiltrar o inimigo na Cidade santa.

Não nos esqueçamos deste ponto...

O Papa Leão XIII explicitou ainda mais claramente o que é a Cidade de Deus, ao escrever: "A cidade santa de Deus que é a Igreja, não sendo circunscrita por nenhum limite de regiões, possui a força transmissível de seu Fundador para dilatar cada dia mais o lugar de sua tenda, e de estender os couros de seus tabernáculos (Is 54,2)". (Leão XIII, encíclica *Civitas Dei*).

Também São Gregório Magno, Papa, Padre, e Doutor da Igreja, nos ensinou essa mesma doutrina ao afirmar que, na História, há um combate entre a Igreja Católica e o que ele chamou de Anti Igreja, e que é a Cidade do Homem descrita por Santo Agostinho. E esse grande Papa e Doutor da Igreja apresenta os maus unidos ao demônio como membros a uma cabeça, formando, portanto, uma espécie de corpo "místico" do diabo, em paralelo caricato com o Corpo Místico de Cristo, que é a Santa Igreja Católica Apostólica Romana.

Ensinou São Gregório Magno:

"O demônio, sem duvida, é o chefe de todos os maus. E todos os maus são membros dessa cabeça. Não era Pilatos membro do demônio? Os judeus que perseguiram a Cristo, e os soldados que o crucificaram não eram membros do diabo? Porque, pois, espantar-se que o Salvador tenha permitido ao diabo que o conduzisse sobre uma montanha, já que Ele suportou também ser crucificado pelos membros de um tal chefe? Não era indigno de nosso Redentor o querer ser tentado, Ele que veio para ser morto. Era, pelo contrário, justo que Ele triunfasse de nossas tentações pelas suas, assim como Ele veio vencer nossa morte por sua morte. (São Gregório Magno, Papa, **Sermão XVI.**, em São João de Latrão, no Primeiro Domingo da Quaresma – 4 de Março de 591).

São Tomás de Aquino, o maior Doutor da Igreja ensinou que o diabo é a cabeça de todos os maus que com ele formam um corpo:

Na Suma Teológica, III, Questão VIII – Artigo VII, Ele pergunta:

“Se o diabo é cabeça dos maus”.

E responde:

“SOLUÇÃO. – Como dissemos, a cabeça não influi só interiormente nos membros, mas também governa exteriormente, dirigindo-lhes os atos para um determinado fim. Por onde, quem é considerado chefe de uma multidão o é da maneira seguinte: ou de ambos os modos, i. é. pelo influxo interior e pelo governo exterior e nesse sentido Cristo é a cabeça da Igreja, como dissemos; ou pelo governo exterior, e então qualquer príncipe ou prelado é cabeça da multidão que lhe está subordinada. E neste sentido se diz que o diabo é o chefe de todos os maus. Pois, como refere a Escritura (Jó, xli, 25), *ele é o rei de todos os filhos da soberba*. Mas o papel do governador é conduzir aos seus fins aquele que governa. Ora, o fim do diabo é afastar a criatura racional de Deus; por isso tentou, desde o princípio, afastar o homem da obediência ao preceito divino. Ora, o afastamento mesmo de Deus exerce a função de fim enquanto desejado sob a forma de liberdade, segundo a Escritura (Jer., ii, 20): *Tu desde o princípio quebraste meu jugo, rompestes os meus laços e disseste – não servirei*. E na medida em que, pelo pecado, certos são levados a esse fim, caem sob o regime e o governo do diabo, que, por isso, se lhes chama o chefe.”

“RESPOSTA À SEGUNDA. – O governador nem sempre sugere a cada um de seus súditos que lhe obedçam a vontade; mas propõe a todos um sinal dela, a cuja obediência certos são levados a se conformarem e outros o fazem espontaneamente. Tal o procedimento do chefe de um exército, a cuja bandeira seguem os soldados embora sem ninguém os persuadir. Assim, pois, o primeiro pecado do diabo, que *peca desde o princípio*, como diz a Escritura (I Jo, iii, 8), foi proposto a todos para que o seguissem. O que certos imitam por sugestão dele, e outros o fazem espontaneamente, sem nenhuma sugestão. E assim, de todos os maus o chefe é o diabo, pelo imitarem, segundo a Escritura (Sab., ii, 24): *Por inveja do diabo entrou no mundo a morte, e a ele imitam os que são do seu partido*.” (S. Tomás de Aquino. **Suma Teológica**, III, Q.VIII, a.7. Tradução de Alexandre Corrêa).

Santa Catarina de Siena ensina a mesma doutrina de São Tomás em seu **Diálogo**:

“Vivem distantes de mim [os perseguidores da Igreja], atrelados ao demônio com quem se coligaram. Quando o homem perde a graça, amarra-se ao pecado. É um laço feito de ódio pelo bem e de amor pelo mal; uma corrente com que espontaneamente a alma se entrega ao diabo, pois a isso ninguém a pode obrigar.

“Esse mesmo laço une os perseguidores da Igreja entre si e com o maligno; de comum acordo, aqueles desempenham a função do demônio.

Esforça-se este por perverter os homens, induzindo-os ao pecado mortal; deseja que as almas tenham em si a maldade em que ele vive. Pois bem, fazem a mesma coisa os inimigos da Igreja: quais membros do diabo procuram levar os filhos da Igreja à revolta contra a hierarquia, afastam-se da caridade, acorrentam-nos ao pecado, privam-nos dos benefícios da paixão. O vínculo que une tais perseguidores nasce do orgulho e da vanglória; com medo de perder os bens materiais, acabam perdendo a graça. De possuidores da dignidade de Cristo, decaem para a maior confusão interior possível. São pactos que trazem o selo das trevas” (Santa Catarina de Sena. *O Diálogo*. São Paulo, Paulus, 1985, 4ª edição, p. 242-243).

São Luís de Montfort defende a mesma doutrina de que na História há um combate único entre os filhos da Virgem e os filhos da Serpente, comentando Gn. III, 15:

“52. Uma única inimizade Deus promoveu e estabeleceu, inimizade irreconciliável, que não só há de durar, mas aumentar até o fim: a inimizade entre Maria, sua digna Mãe, e o demônio; entre os filhos e servos da Santíssima Virgem e os filhos e sequazes de Lúcifer; de modo que Maria é a mais terrível inimiga que Deus armou contra o demônio. Ele deu a ela até, desde o paraíso, tanto ódio por esse amaldiçoado inimigo de Deus, tanta clarividência para descobrir a malícia dessa velha serpente, tanta força para vencer, esmagar e aniquilar esse ímpio orgulhoso, que o temor que Maria inspira ao demônio é maior que o que lhe inspiram todos os anjos e homens” (p. 54-55).

“54. Deus não pôs somente *inimizade*, mas *inimizades*, e não somente entre Maria e o demônio, mas também entre a posteridade da Santíssima Virgem e a posteridade do demônio. Quer dizer, Deus estabeleceu inimizades, antipatias e ódios secretos entre os verdadeiros filhos e servos da Santíssima Virgem e os filhos e escravos do demônio. Não há entre eles a menor sombra de amor, nem correspondência íntima existe entre uns e outros. Os filhos de Belial, os escravos de Satã, os amigos do mundo (pois é a mesma coisa) sempre perseguiram até hoje e perseguirão no futuro aqueles que pertencem à Santíssima Virgem, como outrora Caim perseguiu Abel, e Esaú, seu irmão Jacob, figurando os réprobos e os predestinados. Mas a humilde Maria será sempre vitoriosa na luta contra esse orgulhoso, e tão grande será a vitória final que ela chegará ao ponto de esmagar-lhe a cabeça, sede de todo o orgulho. Ela descobrirá sempre sua malícia de serpente, desvendará suas tramas infernais, desfará seus concílios diabólicos, e até ao fim dos tempos garantirá seus fiéis servidores contra as garras de tão cruel inimigo.” (S. Luís de Montfort, **Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem**. Petrópolis, Vozes, 1999, 26.ª edição. Nº 52 e 54, pp. 56-57).

A mesma doutrina, sob outra figura, é exposta por Santo Inácio em sua meditação das Duas Bandeiras, na qual ele mostra Cristo convocando os homens para lutar sob a bandeira da Cruz, enquanto o demônio, em Babilônia, convoca os pecadores a lutar sob sua bandeira infernal.

Portanto, se na História há uma só batalha entre Cristo e Belial, entre a Igreja e a Sinagoga de Satanás, deve haver também apenas duas doutrinas que se digladiam: a doutrina de Cristo, que é a católica, e a doutrina de Lúcifer, que é a Gnose.

Leão XIII, na encíclica **Humanum Genus**, sobre a Maçonaria, apresentou esse mesmo combate da Cidade de Deus e da Cidade do homem como a luta, na História, entre a Igreja e as sociedades secretas, especialmente a Maçonaria, ao escrever:

“As duas cidades.”1. Desde quando, *pela inveja do demônio*, miseravelmente se separou de Deus, a quem era devedor do seu chamado à existência e dos dons sobrenaturais, o gênero humano dividiu-se em dois campos inimigos, que não cessam de combater, um pela verdade e pela virtude, o outro por tudo o que é contrário à virtude e à verdade. – O primeiro é o reino de Deus na terra, a saber, a verdadeira Igreja de Jesus Cristo, cujos membros, se lhe quiserem pertencer do fundo do coração e de maneira a operar a sua salvação, devem necessariamente servir a Deus e a seu Filho único, com toda sua alma, com toda a sua vontade. O segundo é o reino de Satanás. Sob o seu império e em seu poder se acham todos os que, seguindo os funestos exemplos do seu chefe e de nossos primeiros pais, recusam obedecer à lei divina e multiplicam seus esforços, aqui para prescindir de Deus, ali para agir diretamente contra Deus. Esses dois reinos, viu-os e descreveu-os Santo Agostinho com grande perspicácia sob a forma de duas cidades opostas uma à outra quer pelas leis que as regem, quer pelo ideal que colimam; e, com engenhoso laconismo, pôs em relevo nas palavras seguintes o princípio constitutivo de cada uma delas: *Dois amores deram nascimento a duas cidades: a cidade terrestre procede do amor de si até ao desprezo de Deus; a cidade celeste procede do amor de Deus levado até ao desprezo de si* (De Civit. Dei, lib. XIV, c. 17).

A sociedade dos maçons: 2. Em toda a série dos séculos que nos precederam, essas duas cidades não têm cessado de lutar uma contra a outra, empregando toda sorte de táticas e as armas mais diversas, posto que nem sempre com o mesmo ardor, nem com a mesma impetuosidade. Na nossa época, os fatores do mal parecem haver-se coligado num imenso esforço, sob o impulso e com o auxílio de uma Sociedade difundida em grande número de lugares e fortemente organizada, a Sociedade dos *maçons*. Estes, com efeito, já não se dão o trabalho de dissimular as suas intenções, e rivalizam entre si em audácia contra a augusta majestade de Deus. É publicamente, a céu aberto, que empreendem arruinar a Santa Igreja, a fim de, se possível fosse, chegarem a despojar completamente as

nações cristãs dos benefícios de que são devedoras ao Salvador Jesus Cristo. Gementes à vista desses males, e sob o impulso da caridade, muitas vezes nos sentimos levados a clamar para Deus: *Senhor, eis que os vossos inimigos fazem grande bulha. Os que vos odeiam levantaram a cabeça. Urdiram contra o vosso povo projetos cheios de malícia, e resolveram perder os vossos santos. Sim, disseram eles, vinde e expulsemos-os do seio das nações* (Sl 82, 2-4). (Leão XIII, Encíclica **Humanum Genus**, Sobre a Maçonaria).

"Trata-se, para os maçons – e todos os seus esforços tendem a este fim – trata-se de destruir completamente toda a disciplina religiosa e social que nasceu das instituições cristãs, e de substituí-la por uma nova, formada de acordo com as idéias deles, e cujos princípios fundamentais e leis são tirados do naturalismo" (Leão XIII, Encíclica **Humanum Genus**, Sobre a Maçonaria).

4 – GNOSE, A DOUTRINA DA ANTI IGREJA

A doutrina Católica ensina que os homens são criaturas de Deus e que devem servi-LO. A doutrina de Lúcifer engana os homens, afirmando que eles podem vir a ser deuses, conhecedores do bem e do mal.

Essa é a grande tentação do homem: querer ser Deus.

"Eritis sicut dii", disse Lúcifer a Eva.

Deus fez o mundo à sua imagem e semelhança. O homem é tentado a transformar essa semelhança entre Deus e o mundo em igualdade. A tentação consiste em revoltar-se contra os limites que Deus impôs às criaturas. O homem se revolta contra a contingência do ser, pretendendo-se, como Deus, Ser absoluto. Essa revolta contra a contingência, típica da Gnose, faz com que ela seja uma revolta metafísica. A Gnose é uma revolta contra o Ser.

O homem, não suportando suas limitações, sonha em ser deus. Por isso, ele recusa a Verdade que Deus lhe revelou, e recusa a verdade que sua inteligência lhe faz ver naturalmente, e prefere a mentira. Vimos que Cristo disse que o demônio é o pai da mentira, no singular. Também São Paulo mostra que, recusando a Verdade, recusando o ser como ele é, o homem se entrega à mentira. De novo, mentira no singular. E São Paulo dizia isso quando estava falando da Grande Apostasia e da vinda do Anticristo.

"A vinda dele [do Anticristo] é por obra de Satanás, com todo o poder, com sinais e prodígios mentirosos e com todas as seduções da iniquidade para aqueles que se perdem, **porque não abraçaram o amor da verdade**, para serem salvos. Por isso, Deus lhes enviará o artifício do erro, de tal modo

que creiam na mentira, para que sejam condenados todos os que não derem crédito à verdade mas se comprazerem na iniquidade” (São Paulo, II Tess., II, 9-12).

Portanto, a vinda do anticristo, obra de satanás, se dará pela entrega dos homens à “Mentira”, no singular, e não às mentiras, no plural, mostrando que há uma certa unidade doutrinária no mal.

Essa única Mentira, subjacente a todas heresias, consiste na negação da única Verdade divina. Essa única mentira afirma que o homem é deus, e que deve se libertar do Criador.

Claro que essa única mentira é apresentada de formas variadas aos homens, conforme suas inclinações más, que são variadas. Mas, a tese fundamental de todas as seitas e heresias é sempre a Gnose.

O homem, pretendendo ser igual a Deus, torna-se panteísta ou gnóstico.

Se ele iguala a própria matéria do mundo a Deus, ele se torna um panteísta, na linha de Parmênides, considerando o ser como unívoco. Deus e pedra seriam metafisicamente iguais.

O que é um grosseiro materialismo. Um materialismo de botequim ou de Faculdade marxista suburbana. Um deus com dor de dentes é um deus bem miserável. Por isso, basta ter um pouco mais de compreensão das coisas para que esse materialismo bruto—panteísta—se resolva numa formulação menos grosseira afirmando que não é matéria que é igual à Divindade, mas que há nos seres deste mundo, um espírito divino aprisionado na matéria, e isto é a Gnose. Gnose e panteísmo são irmãos gêmeos dialéticos, ambos divinizadores do homem, ambos recusando a limitação do ser criado, ambos pretendendo dominar toda a natureza, com base na natureza.

Muitos confundem Panteísmo e Gnose.

Não é aqui a ocasião de, numa simples Introdução de crítica a um livro, tratar a fundo dessa questão, da qual trataremos em outro trabalho específico sobre a Gnose. Limitar-nos-emos, pois, a algumas simples notas distintivas.

O Panteísmo diviniza a criação, inclusive a matéria, e afirma que, pela evolução, se alcançará uma felicidade absoluta nesta terra, criando a utopia. A razão, ponto final da evolução, pela ciência e pela técnica venceria todos os males, venceria a pobreza, a doença, a desordem e a própria morte. O licor da eterna juventude e a pedra filosofal do sonho da Alquimia, convertidos em técnicas super sofisticadas e modernas trariam o

reino dos céus para a terra de modo humanizado e perfeito. Racionalismo, tecnicismo, cientificismo, totalitarismo, estatismo seriam as conseqüências desse pensamento panteísta utópico. O panteísmo é extremamente otimista.

Claro que essa cosmovisão racionalista vai combater a religião como superstição, e que ela será violentamente anti-clerical. Ela se apresenta como atéia ou deísta, quando de fato é panteísta, porque ateu é um panteísta que tem vergonha de se declarar deus. Essa é a cosmovisão da Maçonaria do Grande Oriente, congregando pessoas mais superficiais, ou de espírito mais grosseiro.

É claro, porém, que, para alguns, mais profundos e mais capazes, se mostrará que essa visão racionalista e mecanicista do mundo é bastante insuficiente. Pois que se a própria razão de cada um se vê limitada, é evidente que a Razão humana enquanto tal tem que ser também ela limitada. Portanto o racionalismo que pretende que a razão é capaz de compreender todas as coisas, como diz Karl Popper, "o racionalismo é uma fé irracional na Razão" (Karl Popper, **A Sociedade Aberta e seus Inimigos**, ed. Edusp Itatiaia, São Paulo- Belo Horizonte, dois volumes, 1974, 2ª Vol. p. 238).

Daí, os "enragés", os jacobinos comunistas, que, durante a Revolução Francesa, no Terror, fizeram adorar a Razão na pessoa de uma prostituta colocada sobre o altar da catedral de Notre Dame, em Paris, em Novembro de 1793, no fundo, se riam da razão, que elas chamavam de meretriz, na mesma hora em que aparentemente a faziam adorar pelos tolos. Esses "enragés" – em seu desprezo adorador da razão humana, imitavam Lutero que chamava a razão de a "meretriz louca".

Havia um equívoco sinistro na adoração da Razão promovida por Hébert e por Chaumette. Robespierre os guilhotinou, e fez a França adorar o Ser Supremo. Note-se, o Ser Supremo, não o Ser Absoluto, Pois que o supremo numa ordem não sai do mesmo nível metafísico dessa ordem.

O Grande Oriente racionalista, anti clerical e materialista, adorador da Razão e da Ciência, é apenas um tapume de uma outra sociedade secreta mais oculta de caráter gnóstico.

Para a Gnose, a divindade foi aprisionada no Cosmos por meio de três sepulcros ou prisões: 1- a matéria; 2 –a Razão, que faz o homem entender o mundo inteligível, criado pelo deus do mal , o demiurgo que a Igreja Católica adora como o único Deus Uno e Trino; 3 – a Moral do criador mau.

A Gnose adora as partículas da Divindade, que existiriam aprisionadas dentro de todas as coisas, e que deveriam ser libertadas, para que a Divindade volte a existir em sua plenitude.

O demiurgo criador, deus do mal, criou os seres contingentes, limitando-os no tempo e no espaço, nos eones infinitos dos quais é preciso libertar-se. Ser no mundo esse é o mal. O famoso "mal du siècle" que muitos erroneamente julgam ser o mal do século XIX, na realidade, é o mal de existir pois que siècle tem aí o sentido da palavra saeculum, em latim, que significa mundo. O mal seria o de ser lançado no mundo, na existência. Para a Gnose, religião supremamente pessimista, tudo o que é, é mal. Ela quer o não ser. O não existir. Por isso, a Gnose é uma revolta contra o Ser. Contra o Ser de Deus, Ser Absoluto, e contra o ser contingente. A Gnose é uma revolta anti metafísica, irracional, individualista, que pretende realizar o Grande Retorno—"Le Grand Retour", expressão cara a Dr. Plínio -- à Divindade de onde tudo teria desgraçadamente saído, por um equívoco, aproveitado pelo demiurgo, para criar o cosmos maldito.

Essas duas formas de naturalismo divinizador do homem, -- Panteísmo e Gnose-- se enrolam, na História, como dois fios -- um vermelho, outro branco -- como no Caduceu de Hermes, para constituir, em sua fusão dialética o fio de ouro da Divindade.

Desde a Antiguidade até hoje, no decorrer da História, ora aparece o fio vermelho, ora o fio branco, ora o panteísmo racionalista, seco e cientificista, ora a Gnose irracional e mágica, com seus mitos delirantes.

Panteísmo e Gnose constituem os dois fios componentes da única religião fora da Católica, e religião anti católica, a religião da Sinagoga de Satanás, que se deveria chamar de **Religião do Homem: o Antropoteísmo.**

Na Sagrada Escritura, se lê: "Os anjos te levarão na suas mãos, para que o teu pé não tropece em alguma pedra. Sobre a áspide e basilisco andarás e calcarás aos pés o leão e o dragão"(Sl. XC, 12-13).



Catedral de Notre Dame de Paris

Esses versículos do salmo XC remetem à profecia do Gênesis de que a semente da Mulher—o Messias — esmagaria a cabeça da Serpente. Agora o Salmo XC acrescenta o leão á profecia antiga.

Que significam esse leão e essa serpente esmagados por Cristo?

O leão significa a violência da tentação carnal, material, enquanto a serpente representa a tentação mais sutil do espírito. Mais profundamente, esses dois animais representam as duas formas do Antropoteísmo: o Panteísmo, divinizador da matéria é o leão, enquanto a Gnose, mais sutil, é representada pela serpente. Cristo, Deus e Homem, esmagou Panteísmo e Gnose. Enquanto Deus, Ele venceu o Panteísmo, negador do espírito. Enquanto homem esmagou a Gnose, negadora da matéria. Por isso também, na Encarnação do Verbo em Maria Virgem, foi esmagada toda heresia.

Sobre a unidade da Gnose escreveu Santo Irineu: "...saibam que todos os que adulteram de alguma forma a verdade e lesam a doutrina da Igreja são discípulos e seguidores de Simão, o mago, o samaritano. Mesmo sem manifestar o nome do mestre para enganar os outros, **ensinam a doutrina dele**. Apresentando com engodo o nome de Jesus, introduzem, **sob formas diversas**, a impiedade de Simão e causam a perda de muitos. Usando nome excelente difundem a perversidade de sua doutrina, e com a doçura e a honorabilidade do nome, apresentam-lhes o **veneno amargo e pernicioso da serpente, chefe de toda apostasia**." (Santo Irineu, *Adversus Haereses*, I, 27,4, negritos nossos).

"Este discípulo julgará ainda as bacharelises dos gnósticos e suas falsas opiniões, mostrando que são discípulos de Simão, o Mago" (Santo Irineu, *Adversus Haereses*, IV, 33,3).

"Quem os quiser converter deve conhecer perfeitamente a doutrina e os argumentos deles, porque não se cura um enfermo se não se conhece a doença que o acometeu. Por isso, os nossos predecessores, melhores até do que nós, não puderam responder adequadamente aos discípulos de Valentim, pois não conheciam a doutrina deles, aquela mesma que expusemos diligentemente no primeiro livro que te entregamos, onde demonstrávamos que ela era a **recapitulação de todas as heresias**. Por isso, no segundo livro, nós os mantivemos como alvo de toda a nossa refutação; de fato, **os que se lhe opõem convenientemente, opõem-se também a todos os detentores de opiniões falsas e quem os refuta, refuta todas as heresias**." (Santo Irineu, *Adversus Haereses*, IV, Pr., 2; negritos nossos).

Essa Religião—suma de todas as heresias -- aparece e desaparece, na História, como um rio cársico, rio que mergulha de repente no solo calcáreo, para reaparecer dezenas de quilômetros mais adiante tão

subitamente quanto havia desaparecido. Mas sendo sempre o mesmo rio. Ladislao Mittner é quem usa essa metáfora do rio cársico para designar a religião do Homem, ao tratar de uma das formas que ela assumiu na História sob o nome de Pietismo, uma das raízes do Romantismo (Cfr. no site Montfort: **Origens do Romantismo Alemão**, capítulo I de minha tese de Doutorado sobre as pseudo visões cabalistas e esotéricas de Anna Katharina Emmerick).

Escreveu Mittner:

“É quase impossível distinguir o Pietismo ⁽⁴⁾ das muitas outras seitas religiosas da época. Filões singulares do movimento apresentam-se como fenômenos cársicos: aparecem, desaparecem e, de repente reaparecem mais além, sem que a identidade do filão possa ser propriamente demonstrada”(Ladislao Mittner, **Storia della Letteratura Tedesca—Dal Pietismo al Romanticismo – 1700- 1820**, Einaudi, Torino 4ª edição, 1964, p. 40).

Esse rio cársico da Gnose na História já fora detectado pelo Padre Festugière ao tratar da Religião grega, mostrando que entre os gregos havia um panteísmo público, e uma Gnose pessimista secreta (Cfr. Ven. Père Festugière, **La Révélation d'Hermès Trismegiste**, Lecoffre et Gabalda, Paris, 4 vol., 1953).

A mesma coisa é apontada por um grande especialista da Gnose, Henri Charles Puech, mostrando que panteísmo e Gnose se identificam e se opõe dialeticamente, mostrando como no hermetismo havia duas correntes iguais e contrárias, a esmo tempo:

“(…) distinguindo no hermetismo duas correntes de pensamento: uma, monista, otimista, dominada pela noção de um deus cósmico e saído em linha direta da filosofia e da religiosidade helênica. O outro, dualista, pessimista, orientado em direção da busca de um deus absolutamente transcendente, sem relação direta com o mundo, e, ele, mais decididamente ou mais autenticamente aparentado no gnosticismo propriamente dito”(Henri-Charles Puech, **En Quête de la Gnose, La Gnose et le Temps**, Gallimard, Paris, 1978. 2 volumes, 1º vol, p.202).

Que haja essa unidade gnóstica subjacente, na História, como um rio cársico que ora aflora na superfície, ora se oculta nas profundezas da terra, outros autores o constataram.

Assim, Denis de Rougemont disse:

“Mas, mais perto de nós que Platão e os druidas, uma espécie de unidade mística do mundo indo europeu se desenha como em filigrana no plano de fundo por trás das heresias da Idade Média. Se nós focalizarmos o

domínio geográfico e histórico que vai da Índia à Bretanha, nós constatamos que uma religião aí se expandiu, de um modo, para dizer a verdade, de modo subterrâneo, desde o século terceiro de nossa era, sincretizando o conjunto dos mitos do Dia e da Noite, tais como eles haviam sido elaborados inicialmente na Pérsia, depois nos segredos gnósticos e órficos e é a fé maniquéia”(Denis de Rougemont, *L'Amour et l'Occident*, Plon, Paris , 1939, p. 471).

Também Serge Hutin afirma:

“Se os gnosticismos são muito diversos, *o gnosticismo* é uma atitude existencial absolutamente característica, um *tipo especial* de religiosidade. Não é arbitrário colocar um conceito geral de *gnose* “conhecimento” salvador que se traduz por reações humanas determinadas—sempre as mesmas. Se o gnosticismo não fosse senão uma série de aberrações doutrinárias próprias a certos hereges cristãos dos três primeiros séculos, seu interesse seria puramente arqueológico; mas ele é bem mais do que isso: a atitude gnóstica reaparecerá *espontaneamente*, fora de toda transmissão direta; esse tipo especial de religiosidade apresenta mesmo perturbadoras afinidades com certas aspirações totalmente modernas. O “*gnosticismo*” dos heresiólogos constitui o exemplo característico de uma ideologia religiosa tendendo a reaparecer, na Europa e no mundo mediterrâneo, sem cessar, na Europa, nas épocas de crise social e política.

“A unidade da *gnose* postulada pelos “fenomenólogos” contemporâneos não é absolutamente aquela que postulam os adeptos da teosofia e do esoterismo: nesta perspectiva especial, a *Gnose* seria a *fonte* de todas as religiões, e seu fundamento último”(Serge Hutin, *Les Gnostiques, Que sais-je?*, nº 808, PUF, Paris, 1979, p. 8).

De todas, não.

Evidentemente, não cremos que a religião Católica, a única verdadeira, esteja incluída nesse conjunto. Mas que é verdade que a *Gnose* seja o fundamento de todas as religiões falsas, disso não há dúvida.

Também um famoso prêmio Nobel, Octávio Paz, escreveu algo extremamente interessante e atual a esse respeito:

“Não é necessário seguir os episódios da sinuosa e subterrânea marcha do movimento poético do século passado [Século XIX], oscilante sempre entre dois pólos de Revolução e Religião. Cada adesão termina em ruptura; cada conversão, em escândalo. Monnerot comparou a história da poesia moderna com a das seitas gnósticas e com a dos adeptos da filosofia oculta. Isto é verdade nos dois sentidos. É inegável a influência do gnosticismo e da filosofia hermética em poetas como Nerval, Hugo, Mallarmé para não falar de poetas deste século: Yeats, George, Rilke,

Breton. Por outro lado, cada poeta cria em torno de si pequenos círculos de iniciados, de modo que sem exagero se pode falar de uma sociedade secreta de poetas. A influência destes grupos tem sido imensa e logrou transformar a sensibilidade de nossa época. Desse ponto de vista não é falso afirmar que a poesia moderna encarnou-se na história, não à plena luz, mas como um mistério noturno e um rito clandestino. Uma atmosfera de conspiração e de cerimônia subterrânea rodeia o culto da poesia" (Octávio Paz, **Signos em Rotação**, Perspectiva, São Paulo, 1996, p. 84).

Fazendo um elenco sumário dos afloramentos desse Rio Cársico da Gnose na História, poderíamos citar as seguintes formas diversas de Gnose:

1 – A religião egípcia, as religiões da Índia (Brahmanismo e Budismo), a religião Caldáica, o Mazdeísmo persa.

2 – Os Mitos e a Religião dos Mistérios, na Grécia Antiga.

3 – Alguns grandes sistemas filosóficos gregos, especialmente os de Heráclito, Parmênides, Platão, o Estoicismo, o neo-platonismo;

4 – As seitas gnósticas dos primeiros séculos do cristianismo: Nicolaítas, Simonianos, Menandrianos, Barbelo-gnósticos, Ofitas, Naassenos, Carpocráticos, Valentinianos, Marcionitas, etc;

5 – Muitas grandes heresias post-constantinianas do Império Romano do Oriente, como os Doketas, os Monofisitas e os Iconoclastas;

6 – No século VIII, a grande proliferação de doutrinas gnósticas como os Paulicianos, no Oriente, assim como nas obras de Scoto Erígena, de Isaac Israeli, Neo-platônico judeu do norte da África, e entre o Shiismo maometano (Cfr. Gershom Scholem, **A Mística Judaica**, pp. 445-446).

7 – No século X, Bogomilas e Búlgaros foram gnósticos, nos Bálcans;

8 – No século XII, aparecem os primeiros círculos cabalistas no Languedoc, em Corbière perto de Carcassonne, com Isaac o Cego, e na Catalunha. Surgem os primeiros Cátaros do Languedoc e do norte da Itália;

9 – No século XIII, na Espanha, surgiu o **Sefer ha Zohar**, principal obra de Cabala, escrito por Moisés Shem Tov de Leon. Houve também o movimento gnóstico-panteísta dos Aumaricianos, de Amauri de Bène, Davi de Dinant, dos Espirituais franciscanos e dos Fraticelli, seguidores do Abade Joaquim de Fiore, o movimento secreto dos Irmãos do Livre Espírito, muito possivelmente inspirado nas heresias gnósticas de Mestre Eckhart.

Apareceram ainda os Valdenses ou Pobres de Lyon, assim como os Gibelinos (cátaros) italianos e o grupo dos Fedeli d'Amore liderados por Guido Cavalcanti e Dante Alighieri.

Sobre o grupo dos Fedeli d'Amore muito influenciou a Gnose shiíta e a Gnose da filosofia árabe, que teve ampla penetração em certos ambientes cristãos como por exemplo, na filosofia de Siger de Brabante.

No final do século XIII, foi publicado o **Roman de la Rose**, obra nefasta, difusora quer da Gnose, quer do estatismo moderno, e que lançou o plano de como destruir o Papado. Não se pode compreender o que vai acontecer desde o século XVI ao XVIII e XX na Europa sem conhecer o **Roman de la Rose**, obra precursora do Protestantismo, da Revolução Francesa e do Comunismo de Lênin.

Para se ter idéia da gravidade dessa obra, basta citar a adaptação dela feita por Dante sob o nome de Il Fiore. Nessa obra se podem ler os seguintes versos que o deus do Amor pronuncia exigindo a submissão de um personagem a ele:

" Amico meo,

"Amigo meu,

i'ho da te miglior pegno che carte: de ti, quero empenhos melhores do que

papéis escritos

fa che m'adori, ched'i' son tu' Deo; faz com que me adores, que eu seja teu

Deus;

ed ogni altra credenza meti a parte, e qualquer outra crença põe de lado,

né non creder né Luca, né Matteo, não creias nem em Lucas nem em

Mateus

né Marco, né Giovanni. Allor si parte. Nem em Marcos, nem em João. Então

partiu.

(Dante, Tutte le Opere - Il Fiore, Sansoni Editori, Firenze, 1965, p. 737).

Era uma apostasia completa o que se pedia nesse livro, o mais lido da Idade Média.

O movimento trovadoresco foi outra ação velada da Gnose na história do Ocidente.

10 – No século XIV, aparece a seita dos Begardos e Beguinos, cujo profeta foi o franciscano espiritual Frei Jean Pierre Olieu, ou Olivi. Surgem os lollards, seguidores de Thomas Wyclef, na Inglaterra e, muito especialmente importante, o misticismo gnóstico de Mestre Eckhart, que vai influir muito em Lutero e no Protestantismo, no Idealismo Alemão, e no Nazismo. Ao mesmo tempo em que o dominicano Eckhart difundia a Gnose, o franciscano fraticello Frei Guilherme de Ockham, difundia o nominalismo racionalista e panteísta, e Marsílio de Pádua escrevia o **Defensor Pacis**, fundamento do Estado Moderno.

11 – O fim da Idade Média registra um grande número de seitas gnóstico-panteístas como os Lollards, na Inglaterra, os Hussitas, os Taboritas, o Nominalismo e o Humanismo Italiano, proveniente dos Fedeli d'Amore, e liderado por Marsílio Ficino da Academia Platônica de Florença, e que vai influenciar todo o Renascimento.

12 – No século XVI, se dá a grande explosão do Protestantismo e do Renascimento, em suas duas formas, a gnóstica e a panteísta.

No oriente, nasce a Escola Cabalista de Isaac Luria de Safed.

13 – No século XVII, a grande figura gnóstico-cabalista no Ocidente foi a do sapateiro luterano Jacob Boehme, que vai influenciar o Pietismo e o Romantismo. Não houve ramo da cultura ocidental que não tivesse sido contaminado pela Gnose de Jacob Boehme. No Oriente, a principal figura gnóstico-cabalista foi a do falso messias judaico Sabbatai Tsevi.

Na Europa Ocidental, as seitas místicas e gnósticas defensoras de um cristianismo sem Igreja, favoráveis a uma *Ecclesia Spirtualis* gnóstica pululavam por toda a parte. Como o demonstrou Lezek Kollakowski em sua obra **Chrétiens sans Église** (Gallimard, Paris, 1969)

14 – Nos séculos XVII e XVIII, ocorre o desenvolvimento do Jansenismo, do Pietismo e do Quietismo. Rousseau vai tirar as consequências da heresia Quietista no campo político, e que vai triunfar no ramo robespierrista da Revolução Francesa.

Na Europa Oriental, a seita secreta cabalista judaica sabbataiana dos Frankistas vai se desenvolver, influenciando, depois, na Revolução Francesa com os Dantonistas, através de Chabot e dos irmãos Frei, primos de Jacob Franck, líder da seita sabbataiana

O Pré-romantismo Alemão sob a forma do Sturm und Drang era também uma resultante da Gnose de Boheme. Na Alemanha, o Pietismo de Spenner vai preparar a filosofia Idealista e o romantismo alemão.

Na Rússia, a Gnose se desenvolverá no movimento eslavófilo com o profetismo de Solovief, com Dostoiewski, Tolstoi, etc. Na Polónia, o movimento gnóstico romântico dos eslavófilos vai originar o Romantismo de Adam Mickiewicz, de Norwid e Slovaski com a Ordem da Ressurreição, que muito influirão em Karol Wojtyła

Uma das formas mais perigosas da Gnose de Boehme aparece nas sociedades secretas do Martinezismo e do Martinismo, cuja principais figuras foram Louis Claude de Saint Martin e Joseph de Maistre, um dos pais do tradicionalismo católico, e um dos introdutores da Gnose nos meios tradicionalistas católicos e monarquistas, na França, e um dos mestres da TFP brasileira.

15 – No fim do século XVIII e começo do século XIX, aparece a Gnose do Idealismo Alemão, com Kant, Fichte, Schelling, depois com a Gnose de Novalis e de Schleiermacher, um dos pais do Modernismo, a seguir com a Gnose de Hegel, o pai do Marxismo e do Nazismo, Gnose inspirada diretamente em Eckhart e Boehme.

Não deve ser deixada de lado, neste sumário quadro, a Gnose do Tradicionalismo de Joseph de Maistre herdado por Lamennais, Bonnelly, De Bonald e Donoso Cortés.

16- A Revolução Francesa com seu culto à deusa Razão, e, depois, ao Ser Supremo, e com o seu ódio sanguinário contra Igreja, deve ser incluída nesse conjunto.

17 – No século XX, o mais importante movimento gnóstico foi o **Modernismo** de Blondel, Loisy, Teilhard de Chardin, Buonaiuti, etc que vai se desenvolver na Nova Teologia dos Padres de Lubac, Daniélou, Urs Von Balthasar, condenada por Pio XII, e que vai triunfar, com Rahner, nos textos do Vaticano II..

Para o Modernismo contribuíram enormemente a Gnose eslavófila de Berdiaef e a do padre cismático oriental Bulgakov, defendida, ainda hoje, na Universidade Lateranense de Roma pelo Modernista Padre Piero Coda. Na Nova Missa de Paulo VI vai ter influência o Modernismo e a Gnose do padre Maurice Zundel amigo e protegido de Paulo VI

Na Europa Ocidental, a Gnose de Bergson, o Personalismo de Mounier, o Existencialismo, a Fenomenologia, o Freudismo, e mais que tudo, o Nazismo, assim como toda a Arte Moderna, são aflorações da velha Gnose.

18- A Revolução bolchevista e a Revolução Nazista no século XX se enquadram perfeitamente na seqüência do movimento panteísta e gnóstico que, como rio cársico, percorre a História semi ocultamente.

Neste quadro, não deve ser esquecida a herança gnóstica dos tradicionalistas que aflora nos movimentos tradicionalistas dos italianos como Mordini, Évola e Cantoni, assim como nas doutrinas secretas da TFP.

Também não se deve deixar de lado que, ao mesmo tempo em que o demônio desenvolvia essa ação doutrinária contra a Fé, ele desencadeava, quando podia, perseguições violentas contra a Igreja Católica, desde as perseguições romanas dos primeiros séculos, passando pela guerra que o Islã sempre moveu contra a Cristandade, até as perseguições violentas do comunismo no século XX, na Rússia, na Espanha, no México, em Cuba e em tantos outros países dominados pelo bolchevismo e pelo socialismo. Ora, a ação diabólica era violenta como o "Leão que ruga procurando a quem devorar", impondo uma visão naturalista e panteísta da realidade, ora ela se apresenta como a tentação insidiosa da Serpente, sibilando a Gnose.

Imaginar que a ação do demônio e de seus asseclas começou só no século XV, como veremos que faz Plínio C. de Oliveira, separando a Revolução de toda a luta anterior entre a Cidade de Deus e a Cidade do Homem, ou omitir que demônio e seus asseclas agiam ainda antes do início da Revolução moderna é negar, em concreto, toda a doutrina católica a respeito da oposição entre a raça da Serpente e a raça da Virgem na História;

Imaginar que a luta entre a Igreja e a Anti Igreja, na História, começou só no final da Idade Média, por um desencadeamento de paixões desregradas—como pretende o autor cuja obra vamos analisar, significa isolar o fenômeno histórico da Revolução de toda uma série de antecedentes doutrinários e factuais, o que distorce completamente a realidade e, mais que obscurece, omite as causas mais profundas da luta da Revolução contra Igreja Católica, que são a revolta de Lúcifer contra Deus, a Gnose e a organização dos escravos de Satanás em seu ódio contra tudo o que é santo.

Essa separação da Revolução de toda a guerra anterior movida por Lúcifer e seus asseclas contra a Igreja Católica, a omissão da existência de uma doutrina secreta subjacente à ação revolucionária —a Gnose — são duas das principais causas que fazem de **Revolução e Contra Revolução** de Plínio Corrêa de Oliveira, um livro sutilmente falseador da História, e enganador daqueles que quereriam, de fato, combater a Revolução, em defesa da Igreja e de sua verdadeira e única Fé.

5 – Conceituação de Revolução

Caberia, agora, conceituar o que é a Revolução.

Por Revolução deve-se entender o processo histórico, que longamente gestado pela ação da Serpente e a de seus filhos, procurou destruir a Igreja Católica e a Cristandade através da Reforma de Lutero, depois, por meio da Revolução Francesa, e finalmente alcançando seu fim na Revolução comunista de Lenin, na Rússia, visando estabelecer no mundo uma cosmo visão gnóstica, igualitária e antinomista.

O famoso Padre Emmanuel André, Cura de Le Mesnil Saint Loup, tratando da Grande Apostasia que preceder[á a vinda do Anti Cristo, definiu a Revolução como sendo ela a Grande Apostasia, dizendo:

"[A Grande Apostasia] Ele se chama Revolução, que é a insurreição do homem contra Deus e seu Cristo. Ela tem como forma o laicismo, que é a eliminação de Deus e de seu Cristo"(Abbé Emmanuel André, artigo: **Os Sinais Precursores**, Abril de 1885). Nessa definição de Revolução trocaríamos apenas a palavra "laicismo" pela palavra Antropocentrismo, ficando assim a definição:

"Revolução é a insurreição do homem contra Deus e seu Cristo. Ela tem como forma o antropocentrismo, que é a eliminação de Deus e de seu Cristo".

E, noutro artigo, **O Império do Anticristo**, de junho de 1885, diz o mesmo Padre Emmanuel André:

"Por este Rei, os todos intérpretes entendem o Anticristo.

"Qual é a besta sobre a qual surgiu, no tempo marcado, este chifre de impiedade?

"É a Revolução, pela qual se entende todo o corpo dos ímpios, obedecendo a um motor oculto e se insurgindo contra Deus e; a Revolução, poder satânico e bestial. Satânico porque animado por um espírito infernal [a Serpente antiga]; bestial, porque entregue a todos os instintos da natureza desregrada ["o leão que ruge entre nós, procurando a quem devorar"]. (Abbé Emmanuel André, artigo **O Império do Anticristo**, de junho de 1885).

Pio XII resumiu bem esse processo, mostrando como ele visou negar Deus, a Cristo e a sua Igreja.

A Reforma dizia aceitar ainda Deus e Cristo, mas negou a Igreja.

A Revolução Francesa, por sua vez, negou não só a Igreja, mas também a Cristo.

A Revolução Comunista negou a Igreja, a Cristo e a Deus.

Nesta apresentação fica bem clara a característica satânica da Revolução, e fica evidente que havia por trás do processo revolucionário uma doutrina, uma visão do mundo anticatólica e anticristã.

Convém citar aqui o texto inteiro de Pio XII que acusa o "inimigo" da Igreja:

"Ele se encontra em todo o lugar e no meio de todos: sabe ser violento e astuto. **Nestes últimos séculos** tentou realizar a desagregação intelectual, moral, social, da unidade no organismo misterioso de Cristo. Ele quis a natureza sem a graça, a razão sem a fé; a liberdade sem a autoridade; às vezes a autoridade sem a liberdade. É um "inimigo" que se tornou cada vez mais concreto, com uma ausência de escrúpulos que ainda surpreende: Cristo sim, a Igreja não! Depois, Deus sim, Cristo não! Finalmente o grito ímpio: Deus está morto. E até, Deus jamais existiu. E eis, agora, a tentativa de edificar a estrutura do mundo sobre bases que não hesitamos em indicar como principais responsáveis pela ameaça que pesa sobre a humanidade: uma economia sem Deus, um Direito sem deus, uma política sem Deus" (Pio XII, **Alocução à União dos Homens da Ação Católica Italiana**, em 12 de Outubro de 1952, in Pio XII, **Discorsi e Radio Messaggi**, vol XIV, p. 359).

Plínio Corrêa de Oliveira cita este Discurso de Pio XII sem tirar outra consequência que a revolução foi processiva (Cfr. Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, Parte I, cap. III nº 5. O destaque é nosso).

Deveria ele ter explicado quem é esse "Inimigo" que tentou desagregar o misterioso organismo de Cristo, isto é, a Igreja Católica.

Evidentemente esse inimigo é Satanás.

Pio XII, ao dizer que esse "inimigo", "**nestes últimos séculos**" fez isso, insere esta ação demoníaca em todo o processo anterior de perseguições doutrinárias e violentas contra a Igreja, porque não é possível ignorar que o demônio sempre atuou contra o Corpo Místico de Cristo. Isolar a Revolução, esta ação do Inimigo contra a Igreja, de todo o resto de sua ação na História significa apresentar uma visão deforma da do problema, com graves consequências para esse combate, e nessa guerra única.

Do ponto de vista da Gnose, Revolução tem um significado anti metafísico, pois que ela é uma negação do ser tal qual ele é, negando-se-lhe

os princípios de identidade e de não-contradição, para fazer triunfar o evolucionismo dialético do ser.

Para a Gnose, chama-se Revolução a evolução perpétua e contínua do ser que o faz ser o que ele não é, e não ser o que ele é. Para a Gnose, o ser é dialético e não idêntico a si mesmo. Em todo ser haveria uma dualidade de princípios opostos e iguais em contínua luta, o que causaria a constante mutação dos seres, jamais idênticos a si mesmos, e sempre contrários ao que são.

O ser é, e não é, ao mesmo tempo, como se representa no símbolo gnóstico chinês do Ying e do Yang, duas forças iguais e contrárias, como gêmeas dialéticas, em contínua luta entre si.

Segundo a Alquimia, essas duas forças inerentes ao ser seriam os princípio do ódio, ou atração, e do amor ou difusão.

Se num ser houvesse apenas a força de atração de suas partículas, elas iriam se atraindo cada vez mais fortemente, crescendo a força de atração cada vez mais, quanto mais próximas as partículas estivessem entre si, até se dar uma implosão do ser. Ora, essa implosão não ocorre. E ela não acontece porque haveria outra força compensadora desta primeira e a ela contrária e igual: a força do amor ou da difusão.

Se existisse apenas a força difusiva do amor, o ser iria se esvaindo até desaparecer. Também isto não ocorre, porque a força do ódio, ou da atração impede essa difusão absoluta dissolvente do ser. Amor e Ódio, expansão e contração se digladiariam em um combate em que ambas as forças se anulariam mutuamente. A Alquimia representa essas duas forças por meio de duas retas, uma horizontal, outra vertical, dentro de um círculo, que representa o ser.

Essas duas forças se cruzariam num ponto central—num CENTRO -- ponto misterioso que seria o núcleo divino do ser, ao mesmo tempo existente e vazio, o pneuma divino, o éon, o atman, o Zentrum divino do ser.

Amor e Ódio, atração e Repulsão, lutariam continua e perpetuamente causando uma Rotação – uma REVOLUÇÃO dialética incessante no ser. Por isso a evolução ou a Revolução seria a grande realidade que tornaria o ser Tudo e Nada, Existente e Não Existente, Vazio e Cheio, etc.

Ser Revolucionário seria admitir esse conceito dualista dialeticamente evolutivo do ser.

Claro que na obra de Plínio isso nem entra em conta, pois que ele se limita a um conceito puramente político de Revolução.

São Tomás de Aquino mostrou como a desigualdade de todas as coisas é que permite que haja no mundo uma imagem da Sabedoria e do Amor de Deus (Cfr. Nosso trabalho "**Desigualdade ou Igualdade de Direitos**". www.montfort.org.br).

Ora, historicamente, Revolução é, então, um episódio da guerra que, na História, o demônio trava contra a Igreja Católica, a Civitas Dei. A Revolução é um fenômeno histórico processivo que em três etapas (1-Reforma-Renascimento—2-Revolução Francesa— 3-Revolução Russa) visou destruir a Fé, a Igreja Católica e a Cristandade, a fim de implantar no mundo uma igualdade completa, igualdade que destrói essa imagem da Sabedoria e do Amor e de Deus no universo. Ela se chama historicamente de Revolução porque realizou uma completa reviravolta das classes sociais medievais, terminando por colocar, pelo menos teoricamente, os camponeses e artesãos em primeiro lugar, substituindo a posição gozada pelo Clero, na Idade Média.

Historicamente, a Revolução não aconteceu de repente. Na natureza e na História nada acontece de repente. A Revolução teve antecedentes e uma longa preparação. Ela, de forma alguma, pode ter começado "em certo momento do século XV", por uma eclosão de paixões desenfreadas", como diz Plínio, omitindo inúmeros antecedentes doutrinários e históricos da Reforma e do Renascimento.

Compreendendo, então, como a Revolução se insere no longo combate que a raça da Serpente move contra Deus, Cristo e sua Igreja, em todo o transcorrer da História, resta perguntar quais as causas da Revolução.

6-- Causas da Revolução

Visto o que é a Revolução, convém analisar quais são as suas causas.

Em primeiro lugar, convém identificar a **causa eficiente** da Revolução. E nela se deve distinguir a causa eficiente primeira das causas eficientes segundas.

Causa eficiente primeira da Revolução é aquele que Pio XII chamou de o "inimigo", e que a Sagrada Escritura chama de o "Adversário", isto é Satanás, a Serpente maligna, que sempre procura armar ciladas ao "calcanhar da Mulher".

A Revolução é, pois, satânica.

Ela é satânica no pleno sentido da palavra, literalmente, e não apenas em sentido metafórico.

Omitir isto, colocar a causa da Revolução em outros fatores morais puramente instrumentais para o demônio significa cooperar com a ação revolucionária, velando ou ocultando dos incautos o que há de mais profundo e grave na Revolução.

Causas eficientes segundas são as forças secretas que servem o demônio na História, aceitando a sua Mentira, e agindo sob seu comando oculto. Estas forças secretas são duas, principalmente: a Maçonaria racionalista e anticlerical, que propugna uma visão panteísta, materialista e racionalista da realidade; e a Maçonaria Mística, mais importante, e bem mais oculta, defensora da Gnose irracionalista.

A causa formal da Revolução já foi dada já quando a conceituamos mais acima: é a cosmo visão gnóstica e dialética suscitada pelo demônio com sua língua bífida, que inocula Panteísmo e Gnose.

Causa material da Revolução são todos aqueles que participam, em graus variados de consciência e de ação no processo revolucionário, inclusive aqueles que escrevem sobre a Revolução deturpando a sua natureza última e omitindo ou obnubilando sua causa satânica mais profunda.

Causa final da Revolução é, elo menos o desejo satânico, de destruir a Igreja e de negar e destruir a Fé, de instalar um sistema antinomista no mundo, para perder o maior número possível de almas.

Causas instrumentais da Revolução são todos os meios pelo demônio, e por seus sequazes, para alcançar seus fins. Os meios instrumentais estão sem dúvida, as paixões desse pecado original. Mas é um erro bem grave transformar instrumental em causa eficiente da Revolução, ou pelo menos diminuir sua importância a ponto de obnubilar a causa satânica da Revolução, erro que não faz compreender perfeitamente o problema revolucionário.

7- Características da Revolução

Vistas sucintamente as causas da Revolução, convém agora enumerar suas características principais que consideramos ser:

1 – A Revolução é Satânica.

Ela se insere na guerra que desde o Éden a Serpente maldita e sua raça movem contra Deus, contra Cristo e contra a Igreja.

2 – A Revolução é essencialmente Religiosa, pois ela é Gnóstica. Mesmo quando ela se aplica ao campo filosófico, político, artístico ou econômico, essa aplicação é mera decorrência dos princípios religiosos gnósticos e panteístas que são a essência da Revolução.

3- Revolução é Anti Metafísica. A Gnose sendo anti metafísica, e sendo ela a alma da Revolução, esta também tem que ser anti metafísica.

Dizer que a Revolução é **Anti Metafísica** é dizer, com outras palavras que a Revolução é gnóstica. A gnose é contra o Ser. É contra o Ser Necessário, Deus, e contra ao ser criado. Ela é contra a existência. Daí o caráter suicida da Revolução. No processo revolucionário, muitas vezes, os principais agentes são aqueles mesmos que a Revolução quer destruir. Assim, a Reforma Luterana foi feita contra Igreja, tendo padres como os principais agentes. A Revolução Francesa foi promovida por sacerdotes e nobres, que foram suas principais vítimas. E o comunismo é, muitas vezes, promovido por burgueses ricos.

4- A Revolução é Dialética -- A Gnose é essencialmente dialética, isto é, ela defende um dualismo metafísico. O ser é e não, ao mesmo tempo, pois teria princípios opostos e iguais. O ser existe e não existe, ao mesmo tempo. O Tudo seria Nada. O Bem seria Mal. O espírito seria a Matéria e vice versa.

Evidentemente, esta concepção dialética do ser faria o panteísmo, racionalista e a Gnose irracionalista se identificarem. Para o Panteísmo, só existiria a Matéria. Para a Gnose, só existiria o Espírito. Ambos seriam idênticos. Na Reforma de Lutero, essa dialética é que permitiu a

convivência temporária do Panteísmo racionalista do Nominalismo de Guilherme de Ockham, com o Misticismo irracionalista e gnóstico de Mestre Eckhart, o que gerou duas correntes no Protestantismo: um protestantismo racionalista, que pretende ler a Bíblia de modo “científico”, e um protestantismo pentecostal que pretende entender a Bíblia sob o influxo do que eles chamam de “Espírito Santo”.

No Renascimento também a dialética Gnose X / = Panteísmo, gerou um grupo renascentista ateu, racionalista e cientificista, e outro grupo gnóstico, irracionalista e mágico, cultuador do hermetismo.

Na Revolução Francesa, essa divisão dialética é representada pelo iluminismo racionalista,-- ateu ou deísta dos enciclopedistas — o iluminismo da Razão — e outra pela linha mística e irracional de Rousseau. A primeira, adorou a deusa Razão em Notre Dame. A segunda adorou o ser Supremo com Robespierre.

Hegel foi o filósofo que uniu essas duas correntes — a panteísta e a gnóstica — em sua dialética. Delas vão nascer o racionalismo de Marx e Darwin, de um lado, e, de outro, o irracionalismo mágico de Nietzsche e do Nazismo. Nazismo e Comunismo são irmãos gêmeos dialéticos, contrários e iguais, ao mesmo tempo.

Colocados deste modo os pressupostos da ação do demônio contra Cristo e sua Santa Igreja, na História, examinemos, agora, o livro de cabeceira os membros da TFP, livro bem ilusoriamente considerado por eles como uma insuperável interpretação católica da História.

5 -A Revolução é Igualitária.

O igualitarismo da Revolução alcança o nível metafísico, que ela odeia: a Gnose e uma revolta anti metafísica.

Isto significa que a Revolução quer uma igualdade que atinja a própria ordem do ser, não se limitando ao campo religioso, político, social e econômico.

Esse igualitarismo metafísico leva a Gnose a pretender igualar e até identificar o ser necessário e o contingente, Deus e a criação, Tal igualitarismo radical levará ao monismo panteísta ou ao monismo espiritualista, típico da Gnose.

Esse igualitarismo, entretanto, seria provisório, pois que a gnose afirmando que o “Tudo” é o “Nada”, acaba por defender o aniquilamento final do ser no nada absoluto. É desse posicionamento igualitário e dualista metafísico que decorrem todos os demais igualitarismos posteriores da

Revolução, desde o igualitarismo religioso e protestante, até o igualitarismo marxista, passando pelo igualitarismo liberal da Revolução Francesa.

6 – A Revolução é **Libertária** por ser **antinomista**.

O desejo de Liberdade absoluta da Revolução não é mera decorrência da desordem das paixões que desejam satisfazer-se. É claro que esse desregramento moral ajuda o desejo de Liberdade, mas não é a sua causa primeira.

Sendo Panteísta ou/e Gnóstica, a Revolução não admite um Deus criador do Universo. Por isso, a Revolução não admite a Lei do Criador. Para a Gnose, o Criador seria o demiurgo maldoso que aprisionou as partículas da Divindade nas coisas materiais e lhes impôs seus dez mandamentos tirânicos. Todos os mandamentos deveriam ser abolidos. Eles seriam os mandamentos de um deus maldoso, o deus do mal do qual Moisés, homem péssimo, era o servo. E isto era o que afirmava Lutero, que chegou a defender a doutrina cabalista da santidade do pecado

Também a Liberdade da Revolução Francesa tinha esse caráter antinomista s e satânico bem expresso do hino à deusa Razão, que foi adorada em Notre Dame de Paris, e que dizia de modo blasfemo:

“Nos altares de Maria,

colocamos a Liberdade. (E Ela era representada por uma prostituta).

.O Messias da França

é a santa Igualdade”.

No Marxismo, esse antinomismo do liberalismo é levado ao paroxismo pela defesa e a prática do amor livre e do ateísmo. Pois não haveria Liberdade admitindo-se um Deus criador.

Por isso o marxista ex Frei Boff escreveu: “Eu sou ateu desse Deus velho e barbudo, lá em cima. Há tempos deveríamos nos ter livrado dele” (Frei Leonardo Boff, **Pelos Pobres, contra a Pobreza**. Conferência pronunciada em Teófilo Otoni, p. 52).

Um Deus que impõe mandamentos é repudiado pela Gnose, pois sua existência contraria toda a cosmo visão anti metafísica e igualitária, monista da Gnose.

7- A Revolução é ou **Utópica**, ou **Milenarista**.

A Revolução trabalha para a construção da Cidade do Homem.

Em sua vertente panteísta, Revolução promete construir a Utopia. Por meio da Razão, da Ciência e da Técnica, a Revolução pretende encontrar a solução para todos os problemas humanos: acabar com a doença, com a pobreza, e talvez com a morte. Nessa vertente, a Revolução é otimista e voltada para o futuro, acreditando num progresso contínuo. Ele sonha em construir o Reino do Homem, na terra. O homem seria o Redentor do próprio homem, vencendo todas as maldições que Deus lançou sobre Adão na expulsão do Éden.

Em sua vertente gnóstica, mais profunda e mais sutil, a Revolução, detestando toda a matéria, espera recuperar a Idade de Ouro, como diziam os românticos. Pretende restaurar a unidade primordial da Divindade da qual tudo teria emanado, e à qual tudo deveria retornar. Alguns falam em retornar ao estado adâmico andrógino, em "restaurar a inocência primeva", coisa que Plínio Corrêa de Oliveira julgava ter recuperado. Daí, sua pretensa imortalidade.

Tal retorno—o que alguns chamam de "Grande Retorno", "**Le Grand Retour**" do qual falava misteriosamente Plínio — se daria de modo repentino, quase mágico, e, segundo algumas seitas, após um grande cataclismo ou guerra, (como esperavam os espirituais franciscano e "fraticcelli" na Idade Média, e como espera a TFP até hoje — após o qual se instauraria o reino de Deus.

O Revolucionário gnóstico é pessimista com relação ao mundo atual, concreto. Ao contrário do panteísta, ele não está voltado para o futuro, mas caminha como os olhos fixados no passado, que ele imagina sempre mais perfeito do que o agora. Daí, o sectário gnóstico ser normalmente saudosista. Por exemplo, os gnósticos românticos sonhavam com uma Idade Média ideal, cuja restauração seria o "tempo dos Lírios" de que alva Joseph de Maistre inspirando-se no cabalista Jacob Boehme:

"As ilusões do hábito e talvez, hélas! as do orgulho, poderão sem dúvida retardar a realização de certas profecias; entretanto, é preciso não deixar de contar sobre a *"época dos lírios"* como a chamava, á muitos anos, um iluminado alemão". (Cfr. Joseph de Maistre, **Du Pape**, Prefácio do autor para a Segunda Edição dessa obra. Editor J. B. Pélagaud, Seizième édition, Paris, 1860, p.XXXIX).

Ora, o iluminado alemão que falava do "tempo dos lírios" que estaria por chegar — o **Lilienzeit** — era o cabalista e teósofo gnóstico Jacob Boehme (Jacob Boehme, **Mysterium Magnum**, XXXI, 44, e XXXII, 10. Tradução de Nicolai Berdiaef, ed D'Aujourd'hui, Aubier Montaigne, Paris 1978, 4 vol.).

Não é possível falar em Milenarismo sem mencionar o Joaquimismo em sua falsa previsão de um futuro Reino do Amor ou do Espírito santo, que tanto influiu na história do Ocidente, desde os espirituais e fraticelli até o III Reich do Nazismo, passando pelo milenarismo dos românticos e tradicionalistas, oriundo diretamente de Jacob Boehme.

O esperado – e sempre adiado – Reino de Maria da TFP de Plínio e pela banda dos Arautos de Scognamiglio não está isento dessa influência gnóstica.

REVOLUÇÃO E CONTRA REVOLUÇÃO

DE

PLÍNIO CORRÊA DE OLIVEIRA

I

QUESTÕES DOUTRINÁRIAS

1- O Misterioso Inimigo de “CATOLICISMO”

Na Introdução, em que é apresentada a pequena obra de Plínio Corrêa de Oliveira, se informa que esse trabalho, escrito em 1959, foi publicado para comemorar o número 100 do mensário **Catolicismo**, em abril de 1959.

Explica-se ainda, nessa Introdução, que quem lesse os artigos desse mensário, em 99 números editados, depois de tanto tempo, e tantas explanações, mesmo assim, não teria ainda bem claro a que inimigo o mensário “CATOLICISMO” visava combater:

“Ora, a quem, precisamente, quer ele combater? **A leitura de suas páginas [do mensário Catolicismo] produz a este respeito uma impressão talvez pouco definida**”. (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, edição de 1993, p.3. O destaque é nosso).

O que é uma primeira surpresa.

Como um mensário católico, depois de 99 números de combate e de polêmica, depois de sete anos e meio de edição, reconhecia que dera “uma impressão pouco definida” de quem ele combatia?

Confessamos que ficamos surpresos e perplexos ao reler essas palavras às quais não havíamos dado a devida atenção, no entusiasmo de nossa juventude. É tão fácil iludir jovens inexperientes e entusiasmados...

Como não nos déramos conta a quem “CATOLICISMO” combatia, sem fazer perceber de modo claro, em quem dava ele seus golpes?

Que combate estranho era esse, que dava golpes indefinidos, como que no ar?

Naqueles nossos tempos juvenis ficáramos com a impressão que "Catolicismo"—como o nome indicava— era um jornal feito para defender a Igreja Católica contra as heresias que a ameaçavam.

Não atentamos que, em **Revolução e Contra Revolução**, Plínio Corrêa de Oliveira confessava que não deixara bem definido qual era o inimigo visado pelo mensário que ele dirigia.

Ora, logo a seguir, ainda na Introdução dessa obra "prima" de Plínio, se procura ir esclarecendo a quem "Catolicismo" visava atacar:

"Por exemplo, haveria exagero em afirmar que "Catolicismo" é uma folha especificamente anti protestante ou anti socialista". (Op. cit. p. 4).

Se não era uma folha especificamente anti protestante, e nem anti socialista, "Catolicismo" era especificamente anti o quê ?

Qual seria, então, o seu catolicismo?

Que defenderia ele, antes de tudo?

Se não era especificamente a Fé Católica que ele defendia, a Fé católica, atacada pelas heresias protestantes e pelo marxismo socialista e comunista, que defendia ele, e que inimigo visava?

E o autor prossegue dizendo:

"Dir-se-ia então que o jornal ["Catolicismo"] tem uma pluralidade de fins. Entretanto, percebe-se que, na perspectiva em que ele se coloca, todos esses pontos de mira têm como que um **denominador comum**, e que é este o objetivo sempre visado de nossa folha" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, edição de 1993, p.4. O destaque é nosso).

Evidentemente, concordamos que há um "**denominador comum**" entre protestantismo e socialismo, e que esse **denominador comum** moveu também os liberais da Revolução Francesa, como também todos os demais ataques que a Igreja sofreu na História.

Mostramos já que há, de fato, um "**denominador comum**" que une todas as heresias contra a Igreja, e que esse "**denominador comum**" doutrinariamente é a Gnose, e que seu Grande Arquiteto é Lúcifer.

Plínio C. de Oliveira aponta ele também um denominador comum a todos os movimentos que vem combatendo a Igreja " produzindo desde o século XV até nossos dias, sucessivas convulsões" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, Parte I, cap. III, n^o 5, p.17).

E pergunta ele:

"O que é esse **denominador comum**? Uma doutrina? Uma força? Uma corrente de opinião? Bem se vê que uma elucidação a respeito ajuda a compreender até suas profundezas toda a obra de formação doutrinária que "Catolicismo" veio realizando ao longo destes cem meses" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, edição de 1993, p.4. O destaque é nosso).

O autor admite, pois, que em cem meses de edição "Catolicismo" não deixara muito claro qual era esse "**denominador comum**" a quem ele combatia. O que é, pelo menos, muito singular.

O autor pergunta então qual a causa da situação de crise da religião Católica, no Brasil: "Quem poderia afirmar que a causa principal de nossa presente situação é o espiritismo, o protestantismo, o ateísmo, ou o comunismo? Não, ela é outra, impalpável, subtil, penetrante como se fosse uma poderosa e temível radioatividade. Todos lhes sentem os efeitos, mas poucos saberiam dizer-lhe o nome e a essência" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, edição de 1993, p.5).

Até aí, concordamos com o autor, e esperaríamos que ele identificasse a Gnose como esse "denominador comum".

Tanto mais que, logo a seguir, ele cita Monsenhor Dell'Acqua que alude claramente ao demônio como causador das feridas infligidas à Igreja em nossos tempos:

O autor cita carta de Monsenhor Ângelo Dell'Acqua, na qual essa autoridade eclesiástica diz que a sociedade moderna perdeu o "sentir da Igreja", e pergunta Plínio: "que inimigo desferiu contra a Esposa de Cristo este golpe terrível?" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução, Introdução**, edição de 1993, p.5).

Por essa citação se fica sabendo que,-- graças a Deus--, que Plínio, pelo menos, reconhecia que a Igreja, a "Esposa de Cristo", fora ferida por um misterioso inimigo.

Mas, quem é esse "Inimigo"?

Naturalmente, se pensa logo no "Inimigo": Satã.

Mas, o "Inimigo" visado, e que é apontado mais adiante por Plínio, não é Satanás: é "Revolução".

"Este inimigo terrível tem um nome: ele se chama Revolução". (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, Introdução, p. 6).

O **denominador comum** ao protestantismo e ao socialismo visado por "Catolicismo" era "a Revolução".

Plínio nem afirma que o "denominador comum" que ele tinha como o "inimigo" não é uma doutrina, e nem é "o Inimigo" a que Monsenhor Dell'Acqua fez clara alusão. Para o "Catolicismo" de Plínio, o inimigo não é Lúcifer e nem uma doutrina. Não é a Gnose. É só a Revolução.

Portanto, fica-se na necessidade de entender o que significa Revolução para Plínio Corrêa de Oliveira.

2- Conceito de Revolução segundo Plínio Corrêa de Oliveira

E que era, então, a Revolução, para Plínio?

Plínio só vai definir o que é a Revolução, qual seria "**A essência da Revolução**", no capítulo VII da Parte I de seu livro, escrevendo:

"Damos a este vocábulo [Revolução] o sentido de um movimento que visa destruir um poder ou uma ordem legítima e por em seu lugar um estado de coisas (intencionalmente não queremos dizer ordem de coisas) ou um poder ilegítimo". (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, Parte I, cap. VII, nº 1, p. 52).

Consideramos essa conceituação superficial e sem seriedade intelectual.

A Revolução não é, antes de tudo, uma tentativa de substituir um poder legítimo por outro ilegítimo, ou simplesmente uma ordem legítima, por um estado de coisas ilegítimo.

Para Plínio, Revolução é apenas um movimento que visa trocar um poder ou uma ordem legítimos. Claro que, se fosse assim, a Revolução não possuiria uma doutrina. Ela seria apenas um fruto de ambição de poder, e nada mais. Se fosse assim, todos os movimentos, em qualquer época da História, e em qualquer país, que visaram derrubar um poder legítimo, teriam feito parte da "Revolução".

Dever-se -ia incluir na "Revolução" até mesmo o golpe de um shogun contra o Micado japonês no século XVI, assim como, a luta pelo poder numa tribo africana. E isso é vago demais, e por demais genérico.

E enquanto a Revolução Francesa foi aprovada por Luis XVI ela não teria sido até então revolucionária?

E quando o Episcopado francês, em 1789, e com o consentimento do Papa, aceitou a expropriação dos bens da Igreja, porque a autoridade competente renunciou aos direitos da Igreja, essa apropriação de bens não seria revolucionária?

E o Vaticano II, aprovado pelo Papa, não seria revolucionário?

Claro que os devotos incondicionais de Plínio dirão que mesmo se uma autoridade legítima aprovar atos que sejam contra a ordem natural legítima, esses atos serão, por isso mesmo, revolucionários. Mas, se é assim, então a Revolução teria que ser julgada à luz da ordem natural. E isto levaria necessariamente a perguntar o que é a ordem natural e como ela se conhece. O que implica em afirmar uma doutrina. Ora, da conceituação de Revolução de Plínio foi excluída qualquer noção doutrinária. Plínio não diz que a Revolução tem uma doutrina. No máximo, ele afirma que a Revolução gerou " toda uma cadeia de sistemas ideológicos" (Cfr. Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, Introdução, p.6).

A conceituação de Revolução de Plínio também é falsa, porque ela restringe a Revolução ao campo puramente natural. Ela retira do problema revolucionário qualquer conotação doutrinária e teológica.

Essa conceituação de Revolução feita por Plínio não faz sequer menção que a Revolução visa destruir a Igreja e a Fé. Ela não deixa claro, antes pelo contrário, omite num "silêncio velhaco", que a Revolução é satânica e que é anti católica.

A conceituação de Revolução de Plínio é meramente laica e naturalista. Para ele, a Revolução seria essencialmente política e social contra o "legitimismo".

Daí, ele não se referir à ação do demônio como causa motora da Revolução, e nem fazer nenhuma menção à Religião do Homem, quer sob a forma de Gnose, quer sob a forma de Panteísmo, como doutrina oculta da Revolução.

Desse modo, Plínio ilude seus leitores sobre o que é realmente a essência da Revolução.

Como, então, disse ele que o "inimigo" desferiu um golpe contra a "Esposa de Cristo" se na conceituação de Revolução ele não faz nenhuma referência à Igreja e nem a Satanás, o Inimigo da "Esposa de Cristo"?

3 – CRISE DO HOMEM CONTEMPORÂNEO

Um primeiro indício sintomático e surpreendente de que Plínio não apontava, de fato, a Revolução como satânica e visando a destruição da Igreja se acha ainda no primeiro capítulo da I parte de seu livrinho, capítulo curtíssimo, intitulado “**Crise do Homem Contemporâneo**”, no qual se diz:

“As muitas crises que abalam o mundo hodierno – do estado, da família, da economia, da cultura, etc—não constituem senão múltiplos aspectos de uma só crise fundamental, que tem como campo de ação o próprio homem.” (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, I Parte, cap. I, edição de 1993, p. 13).

Curiosa enumeração das crises hodiernas...

Dessa enumeração, muito estranhamente, está ausente a crise religiosa e a crise eclesiástica.

Primeiro sintoma do método de ocultação?

Como pôde Plínio – que soberbamente se auto proclamava ridiculamente “*Varão totus catholicus et totus Apostolicus*” – ter se esquecido das duas principais crises que assolam o mundo em nossos dias, que são a crise religiosa e a sua conseqüente crise eclesiástica?

Foi da crise religiosa e da conseqüente crise eclesiástica que decorreram todas as demais crises que o mundo está sofrendo: crise moral, familiar, cultural, econômica, etc. Plínio simplesmente omite—suprime – a crise fundamental. Como se poderia estudar seriamente a Revolução omitindo sua principal e fundamental crise? Omitindo—suprimindo – a principal causa da Revolução não se pode realmente compreender seus efeitos. E se a crise é fundamentalmente religiosa e eclesiástica ela tem que ter uma causa doutrinária. A Revolução tem uma doutrina, no fundo, religiosa.

Claro que, se ele considera que a Revolução não tem por base um só sistema doutrinário —ele o diz “*sistema ideológico*”— é lógico que ele omita a crise religiosa e eclesiástica das quais ele surpreendentemente não trata em seu livrinho.

Caberia ainda perguntar ao autor por que ele afirma que a crise é do homem contemporâneo... Não disse ele que a Revolução começou com a Reforma? E, se foi assim, se a crise, segundo ele começou em certo momento do século XV, porque a crise seria do homem “*contemporâneo*”?

No mínimo, há nisso um defeito de expressão.

4 – CRISE DO HOMEM OCIDENTAL E CRISTÃO

O capítulo II do Mini Corão da TFP trata da Revolução como **Crise do Homem Ocidental e Cristão**

E esse título também intriga.

Por acaso haveria, no final da Idade Média, algum homem ocidental que não se dissesse cristão?

E por que coloca o autor o adjetivo "*ocidental*" antes do adjetivo "*cristão*"?

Por que daria ele precedência ao ser ocidental do que ao ser cristão?

Ser cristão não é bem mais importante do que ser ocidental?

Ou para Plínio, ser ocidental é que é mais importante?

Se se leva em conta que, para o autor, não houve uma causa religiosa fundamental no desencadeamento da Revolução, então fica claro que ele tinha que dar mais importância ao ser ocidental – fato de ordem natural --do que ao ser cristão, fato de ordem sobrenatural, e que exigiria uma causa religiosa para a Revolução. Coisa que Plínio negou existir.

Por outro lado, se a Revolução, para Plínio, é troca de um poder legítimo por outro ilegítimo, ou a troca de uma ordem legítima por um estado de coisas ilegítimo, não se vê como esse conceito de Revolução tenha que ser restringido apenas ao mundo ocidental, e apenas à época moderna.

5- ESTUDO DAS CAUSAS DA REVOLUÇÃO SEGUNDO PLÍNIO C. DE OLIVEIRA

Plínio vai apontar como causa eficiente da Revolução as paixões desregradadas e cegas, e não uma doutrina claramente e satanicamente pensada:

"Sua causa profunda é uma explosão de orgulho e sensualidade que inspirou, não diríamos um sistema, mas toda uma cadeia de sistemas ideológicos" (op cit. **Introdução**, p. 6. O destaque é nosso).

"Em outros termos, essas crises, têm sua raiz nos problemas de alma mais profundos, de onde se estendem para todos os aspectos da

personalidade do homem contemporâneo e todas as suas atividades” (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, I Parte, cap. I, edição de 1993, p. 13).

Desse modo, a Revolução seria apenas um fenômeno passional humano, e não doutrinário e satânico. Ela não teria relação necessária com a guerra que Satanás desfecha contra a raça da Virgem desde o início dos tempos, e nem teria uma doutrina—a Gnose—propondo a divinização do homem.

Plínio Corrêa de Oliveira afirma e reafirma que, a raiz da Revolução, são as paixões desregradas, e não uma doutrina.

Em certo momento de sua exposição, ao considerar o papel da inteligência, da vontade e da sensibilidade na determinação dos atos humanos, Plínio faz, porém, uma ressalva importante, parecendo dar uma certa importância aos erros doutrinários, ressalva esta que devemos levar em conta:

“Afirmamos, isto sim, que, historicamente, esta Revolução teve sua primeira origem em uma violentíssima fermentação de paixões. E estamos longe de negar o grande papel dos erros doutrinários nesse processo”.

“Muitos tem sido os estudos de autores de grande valor, como de Maistre, de Bonald, Donoso Cortés e tantos outros, sobre tais erros e o modo por que foram eles derivados uns dos outros, do século XV ao século XVI, e assim por diante até o século XX. Não é, pois, nossa intenção insistir aqui sobre o assunto.

“Parece-nos, entretanto, particularmente oportuno focalizar a importância dos fatores “passionais” e a influência destes nos aspectos estritamente ideológicos do processo revolucionário em que nos achamos. Pois, a nosso ver, as atenções estão pouco voltadas para este ponto, o que traz uma visão incompleta da Revolução, e acarreta, em consequência a adoção de métodos contra-revolucionários inadequados” (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, ed. cit., Parte I, cap. VIII., p. 76. O destaque é nosso).

Plínio se resguarda da possível acusação de não dar valor aos erros doutrinários **“no processo”** revolucionário – note-se, **no processo**, e não na **raiz** da Revolução -- lembrando que grandes autores já destacaram o papel que os erros doutrinários do **século XV e XVI** tiveram na Reforma e do Renascimento. E cita esses autores: o maçom e esotérico martinista Joseph de Maistre, de Bonald e Donoso Cortés, três autores que defenderam erros tradicionalistas.

Afinal, o tradicionalismo sempre foi ligado às seitas secretas existentes por trás do Grande Oriente.

Mais que tudo, Plínio, colocando como ponto inicial da Revolução um irrupção de paixões desregradas e **erros do século XV**, continua

implicitamente a negar que a Revolução esteja ligada a toda a luta que desde todos os séculos a Serpente conduz contra Deus e sua Igreja. Nenhum desses três autores citados apresenta a Gnose como a doutrina matriz da Revolução.

É verdade que Joseph de Maistre disse que a Revolução Francesa foi satânica. Mas ele mesmo foi maçom, e defendeu a tese de que a Revolução Francesa foi um castigo providencial de Deus, e que, assim sendo, era um mal opor-se a esse castigo. Escreveu ele que a Revolução Francesa "foi, ao mesmo tempo, um castigo espantoso e o único meio de regenerar a França" (Cfr Joseph de Maistre *Considérations sur la France*, cap II, *Conjectures sur les voies de la Providence dans la Révolution Française*, p. 18)

A) Plínio erra do ponto de vista histórico

Por outro lado, **ele limita a origem desses erros ao século XV**, portanto, querendo afirmar que os erros da Reforma e do Renascimento não tiveram raízes medievais. E isto é falso. **Esse é um erro histórico bem grave.**

Vejam-se apenas alguns dos fatos predecessores do processo revolucionário e que Plínio propositalmente omite, e que jamais deveriam ter sido omitidos, porque comprovam que a crise não começou no século XV:

a) O ROMAN DE LA ROSE

Já em 1278, em pleno século XIII, o famoso **Roman de la Rose** de Guillaume de Loris e Jean de Meung, defendia idéias muito modernas, como por exemplo, a origem da sociedade por meio de um pacto, a origem do poder posta no povo, a bondade natural do homem, o amor livre, a propriedade comum, etc. E esse livro obsceno e profundamente revolucionário foi muito avidamente recebido pela Idade Média, demonstrando como o povo já estava deformado e pronto para aceitar os erros da Revolução

b) DANTE ALIGHIERI

Ninguém negará que Dante Alighieri foi um poeta, um político e um pensador medieval. Como ninguém nega seu pensamento gibelino, e suas simpatias pelos Espirituais franciscanos.

"(...) Dante se enlaça à tradição gnóstica e seu intento é o de realizar uma síntese entre a Sabedoria dos Antigos e o Cristianismo, num ideal de religião universal. Dante antecipa o projeto dos platônicos renascentistas, que terá em Pico della Mirandola o seu mais genial intérprete, projeto que "se baseia sobre a heresia gnóstica de que o homem tenha sido, possa tornara ser, graças a seu intelecto, o reflexo da *mens divina*, a ser divino (F. A. Yates, *Giordano Bruno e la Tradizione Ermetica*, Bari: Laterza, Bari,

1981 p. 129)." (Adriano Lanza, **Dante e la Gnosi - L' Esoterismo del Convivio**, Roma, Edizioni Mediterranee, 1990, p.103).

"Dante insiste numa áspera condenação da riqueza e de quem a possui. Essa condenação, que muitas vezes assume o tom de invectiva, é a vertente oposta da exaltação da pobreza, qual sinal irrenunciável da verdadeira vida cristã, é bem conhecido que este era o tema príncipe das correntes heréticas do tempo de Dante, na dura polémica contra a Igreja corrupta"(Adriano Lanza, **Dante e la Gnosi- Esoterismo del' Convivio**, Edizioni Mediterranee, Roma, 1990, p. 143).

Se Dante vivesse hoje, ele seria favorável à Teologia da Libertação e ao comunismo.

Dante assumiu de tal modo a concepção gibelina, que sua doutrina sobre a relação entre a Igreja e o Estado, exposta em sua obra **De Monarchia**, foi condenada a ser queimada pelo Papa João XXII, e colocada no Index dos livros proibidos em 1554. Ela só foi retirada do Index, no século XIX. (Cfr. Etienne Gilson, **Dante et la Philosophie**, Vrin, Paris, 1972, p.221). O monarquismo de Dante subordinava a Igreja ao Estado, e praticamente fazia do Imperador o senhor da Igreja, quando não a excluía completamente de qualquer ação válida no mundo.

Veja-se como é pesada a acusação de Gilson contra Dante:

"De qualquer modo que se examine essa doutrina [doutrina de São Tomás sobre o Papa e o Império], é impossível fazer com que ela diga, com Dante, que o Papa não exerce nenhuma autoridade temporal sobre o Império. Ela diz mesmo exatamente o contrário, e toda habilidade que se desenvolver para fazer concordar essa duas doutrinas [de São Tomás e de Dante] não seria capaz de ter por resultado fazer com que elas concordem.

"Se isto é verdade, a ruptura doutrinária que separa os partidários da supremacia temporal dos Papas e seus adversários não passa entre Roger Bacon e Tomás de Aquino, mas entre Tomás de Aquino e Dante. Sob a pressão da paixão política de Dante a unidade da cristandade medieval regida pelos Papas bruscamente veio a se partir ao meio. O Imperador, doravante, pode buscar seu fim próprio sem esperar do chefe da Igreja outra coisa que não seja a sua bênção. Expulsa por toda a parte da ordem temporal, a autoridade do Pontífice Romano se vê confinada exclusivamente à ordem da graça. **Esse Papa de Dante, que não depõe mais os príncipes, é bem diferente daquele de São Tomás de Aquino.** O mais notável, na atitude de Dante, de outro lado, é que ele compreendeu com uma profundidade de pensamento da qual é preciso louvá-lo, que *não se pode subtrair totalmente o temporal da jurisdição do espiritual, a menos que se subtraia totalmente a filosofia da jurisdição da teologia.* É por ter visto claramente isto, e por tê-lo expresso nitidamente que Dante ocupa um lugar cardeal na história da filosofia política da Idade Média. Porque, enfim, se a

razão filosófica sobre a qual se regula o Imperador fica, por pouco que seja, submetida à autoridade dos teólogos, o Papa retomaria, por meio deles, a autoridade sobre o Imperador que se tratava de lhe retirar. Comandando a razão, o Papa comandaria, por isso mesmo, a vontade que é guiada pela razão. Assim, **a separação da Igreja e do Império pressupõe necessariamente a separação da teologia e da filosofia, e é porque, da mesma forma que ele [Dante] tinha rompido em dois pedaços a unidade da Cristandade medieval, Dante quebrava também ao meio a unidade da sabedoria cristã, princípio unificador e elo da Cristandade. Sobre um e o outro desses pontos vitais, esse pretense tomista [Dante] feriu de morte a doutrina de São Tomás de Aquino**" (Etienne Gilson, *Dante et la Philosophie*, Vrin, Paris, 1972, pp. 209-210. Os negritos são nossos).

Segundo Gilson, então, Dante, por meio de sua doutrina gibelina sobre o Papado e o Império, destruiu a unidade da Cristandade medieval, ao colocar o Imperador acima do Papa, a Filosofia acima da Teologia, a natureza acima da graça. Catarismo, heresias franciscanas, joaquimismo concordavam com a tese gibelina de Dante.

Adriano Lanza, autor de um dos mais recentes trabalhos sobre o esoterismo de Dante afirma:

"A opinião de quem escreve isto é que na obra de Dante revelam sua presença temas, imagens, figuras, símbolos pertencentes ou aparentados à tipologia própria da Gnose, como religião esotérica, que sempre acompanhou, em forma mais ou menos explícita, a religião exotérica" (Adriano Lanza, *Dante e la Gnosi*, edizioni Mediterranee, Roma, 1990, p. 14).

(Se o leitor quiser mais dados sobre as idéias gnósticas e gibelinas de Dante pedimos que consulte no site www.Montfort.org.br nosso trabalho **Introdução a uma Leitura do canto Primeiro do Inferno de Dante Alighieri**).

Tendo em vista tudo isso, como ousa Plínio C. de Oliveira afirmar que a **Revolução teve início em uma erupção de paixões desordenadas**, e fazer apenas **alusão a erros a partir do século XV?**

E há mais ainda.

c) MARSÍLIO DE PÁDUA

Em 1324, Marsílio de Pádua e Jean de Jandun escreveram a famosa obra **Defensor Pacis**, que defende muitas das doutrinas políticas que hoje dominam o mundo. Esse livro foi condenado solenemente pelo Papa João XXII, em 1327, e voltou a ser condenado em 1378 por Gregório XI.

Marsílio de Pádua, lecionou em Paris de 1212 a 1213, e depois teve que fugir para a corte de Luis da Baviera, o Imperador que se opôs ao Papa João XXII. Na Corte de Luis da Baviera, Marsílio se encontrou com Guilherme de Ockham e com os líderes Espirituais franciscanos condenados pelo Papa João XXII. Marsílio, tomou uma atitude política totalmente gibelina, tendo recebido apoio dos líderes gibelinos italianos como Matteo Visconti de Milão e Can Grande de la Scala, de Verona, o mesmo a quem Dante dedicou a Divina Comédia.

Este Papa apresentou Marsílio de Pádua e Jean de Jandun como "filhos da perdição e frutos da maldição".

Marsílio defendeu a total separação entre Fé e razão, Teologia e Filosofia, Igreja e estado. Mais. Ele defendia a supremacia do Império sobre a Igreja, defendendo que o Imperador é quem tinha poder para dissolver matrimônios e de dar dispensa em casos de impedimento para casamentos por consanguinidade.

Para ele, o Imperador é quem teria autoridade para aprovar ou não as decisões de um Concílio, e que sem a aprovação do Imperador as decisões de um Concílio universal seriam nulas.

Para Marsílio, a Igreja não recebera de Jesus nenhum poder, e assim ele negava qualquer autoridade ao Papa, afirmando que não havia base na Escritura para dar poder ao Papa. Ele também negava qualquer direito de propriedade à Igreja, defendendo uma Igreja pobre.

Para esse herege, só era legítimo o Governo que fosse consentido pelo povo por meio de eleições, negando assim que o direito de herança do poder fosse o mais perfeito (Cfr. F. Cooplestone, **A History of Philosophy-Late Mediaeval and Renaissance Philosophy**, Image Books, Newman Press, Westminster, Maryland, 1953, p. 185). Para Marsílio, a lei positiva humana teria prioridade sobre qualquer outra lei, negando ele o valor da lei natural, o que faz dele um pensador bem moderno. Ele chegava a negar que houvesse propriamente uma lei de Cristo. Lícito seria o que Estado determinava como tal.

E, para ele, o legislador devia ser o povo. O que os cidadãos aprovassem isso seria a lei. Robespierre, Danton e os positivistas jurídicos de hoje não dirão diferente. Colocando o povo como supremo legislador, Marsílio admitia que o povo poderia depor a autoridade de um príncipe. Defendia ele, pois, o direito de revolução.

d) Wycleff

Mais que qualquer outro caso, Wycleff, claríssimo precursor de Lutero, torna patente o erro de Plínio Corrêa de Oliveira de que a Revolução teve início numa explosão de paixões desordenadas no século XV.

Wycleff (1320-1384) foi um mestre de Oxford que defendeu inúmeras heresias que vão ser repetidas por Lutero.

Em seu tempo, na Inglaterra, os erros dos "fraticelli" estavam bastante difundidos, e havia muitos padres que defendiam a igualdade de

bens, que a Igreja deveria ser pobre, e que o poder eclesiástico devia depender do civil. Wicleff via defender tudo isso de modo sistemático.

Por volta de 1360, Wicleff, professor em Oxford e cura de Lutterworth, envolveu-se na luta entre clero secular e mendicantes, o que lhe acarretou a perda do cargo na Universidade, em 1367. Dai, Wicleff vai defender uma cascata de erros, sem jamais ser punido seriamente na Inglaterra, apesar das condenações do papa Gregório XI. É que Wicleff contava com a proteção militar do Duque de Lancaster, regente da Inglaterra, que impediu que ele fosse perturbado, mantendo-o no posto de cura de Lutterworth até a morte, em 1384.

Wicleff começou negando a presença real de Cristo na Eucaristia, a Transubstanciação, afirmando a doutrina da consubstanciação, pela qual ele dizia que na hóstia consagrada, havia, a substância do pão e do Corpo de Cristo, ao mesmo tempo. Condenado por Gregório XI, ele negou— exatamente como o fará Lutero 150 anos depois — que o Papa tivesse poder sobre toda a Igreja. Negará também que os Bispos tenham poder sobre os padres, defendendo a igualdade eclesiástica, o que eu faz dele um típico protestante “avant la lettre”.

Defendia que a Igreja devia ser absolutamente pobre, sem nenhuma propriedade. Que os padres que pecam perdem o poder eclesiástico, e que, então, o Estado tem o dever de despojá-los de tudo o que tenham.

Wicleff, como Lutero o fará mais tarde, negou o livre arbítrio, afirmou que Deus era o único culpado de todas as ações humanas, e que Deus queria o pecado.

Wicleff atacou ainda as ordens religiosas, o culto dos santos, as cerimônias da Igreja, as decisões dos Concílios, a autoridade dos antigos Padres da Igreja, o direito de propriedade particular. E, para terminar este elenco de heresias, afirmou a identidade de Deus com o mundo, e que toda criatura é Deus.

Os erros de Wyclef tiveram como efeito primeiro a revolta camponesa de 1381, na qual o padre John Ball perguntava: “ Quando Adão cavava a terra e Eva fiava , quem era nobre?”. E preconizando a comunidade de bens fez os rebeldes tomarem Londres.

Estes quatro episódios que citamos provam o oposto.

Sabendo tudo isso, como, e por que, Plínio Corrêa de Oliveira omite esses fatos, e faz a Revolução eclodir de uma única raiz — a erupção de paixões desordenadas no final da Idade Média, — no máximo com influência de erros do século XV, os quais ele não cita?

Sempre houve paixões desregradas, e nem sempre se desencadearam revoluções.

Plínio Corrêa de Oliveira raciocina como se na Idade Média não tivessem existido paixões desregradas, e que esse desregramento só se deu, no século XV, no final da Idade Média. O que é um absurdo teológico e uma mentira histórica. Essa visão idílica e romântica da Idade Média é que

vai fazê-lo, e a sua TFP, sonharem com uma Idade Média de fadas e cavaleiros ideais, onde todas as jovens seriam virgens puras, todos os moços seriam castíssimos, todo Rei seria um santo, todo velho um sábio, todo padre, um doutor, e com um Carlos Magno Imperador santo, puro e sábio, apesar de suas onze esposas.

Plínio oculta, assim, a ligação doutrinária da Revolução com a Gnose de todos os tempos, e, especialmente, a ligação dela com as seitas gnósticas da Idade Média.

Claro que ele faz isso por sua visão idílica da Idade Média.

Faz ele isso também para ocultar o que está realmente por trás da Revolução?

Plínio Corrêa de Oliveira considera que é **"particularmente oportuno focalizar a importância dos fatores "passionais" e a influência destes nos aspectos estritamente ideológicos do processo revolucionário"**.

Mas de tal modo ele focaliza e insiste só sobre os aspectos "passionais"—causas mediatas que facilitaram a Revolução—que deixa completamente à sombra a causa eficiente, isto é, os erros doutrinários a que ele se refere, mas que ele nem cita. E com isso ele protege o núcleo cancerígeno mais profundo da Revolução.

O que traz uma visão incompleta da Revolução, e acarreta, em consequência, a adoção de métodos contra-revolucionários inadequados", como ficou comprovado pelo absoluto fracasso dos métodos de Plínio e de suas TFPs. Plínio garantia que seus métodos Contra Revolucionários fariam emperrar a ação das forças secretas impedindo que a Reforma Agrária, o socialismo, e o divórcio entrassem no Brasil e nos países em que atuava a TFP. Ora, no Brasil a Reforma Agrária socialista está em vigor, o divórcio foi aprovado, e o socialismo está no poder. Na Espanha entrou o socialismo de Felipe Gonzáles, e agora o socialista Zapatero está impondo leis anti cristãs, e perseguindo a Igreja. No Chile, na Argentina, e em outros países, os métodos contra revolucionários de Plínio foram absolutamente inúteis.

Prova final: a própria TFP se dividiu, tendo o principal discípulo de Plínio, repudiado suas teses eclesiásticas, aderindo ao Vaticano II e à Missa nova, e fazendo uma "TFP" feminina, reduzindo a sua "TFP" masculina a uma banda. Scognamiglio virou general da banda.

Portanto, nós consideramos que a ultra valorização feita por Plínio das paixões desregradas como raiz primeira da Revolução é que dá uma visão deturpada do processo revolucionário, pois Plínio, embora diga que considere os **"aspectos estritamente ideológicos do processo revolucionário"**, de fato, não leva na devida conta os aspectos doutrinários da Revolução.

B) Plínio nega que haja uma doutrina na raiz da Revolução

Plínio lembra que, pelo pecado original, a natureza humana decaiu, e que, então as paixões podem levar ao ódio contra a lei de Deus e gerar erros doutrinários. (Cfr, op cit Parte I, cap. VIII, nº 2, p. 77).

Sim. Isso é possível.

Mas declara, afinal, que não é possível haver “um sistema doutrinário” na raiz da Revolução:

“Quando esse ódio começou a dirigir as tendências mais profundas da História do Ocidente, teve início a Revolução cujo processo hoje se desenrola e em cujos erros doutrinários ele imprimiu vigorosamente a suas marca. Ele é a causa mais ativa da grande apostasia hodierna. **Por sua natureza, é ele algo que não pode ser reduzido simplesmente a um sistema doutrinário: é a paixão desregrada em altíssimo grau de exacerbação**” (Plínio Corrêa de Oliveira, *Revolução e Contra Revolução*, ed. cit., Parte I, cap. VIII, nº 2, p. 78. O destaque é nosso).

Portanto, Plínio só afirmou que estava “**longe de negar o grande papel dos erros doutrinários nesse processo**” revolucionário. Mas, agora afirma ele claramente que “**a causa mais ativa da grande apostasia hodierna (...) não pode ser reduzido simplesmente a um sistema doutrinário: pois ela é a paixão desregrada em altíssimo grau de exacerbação**”.

Lembra ele ainda que nem sempre uma paixão desordenada está na raiz de todo erro.

E confirma então como conclusão:

“**Afirmamos tão somente que o processo revolucionário, considerado em seu conjunto, e também em seus principais episódios, teve por germe mais ativo e profundo o desregramento das paixões**” (Plínio Corrêa de Oliveira, *Revolução e Contra Revolução*, ed. cit., Parte I, cap. VIII, nº 2, p. 78. O destaque é nosso).

Portanto, em que pesem as ressalvas de Plínio de considerar os erros doutrinários – que ele insiste em chamar de ideológicos -- como elementos do processo revolucionário, sua conclusão é clara e definitiva:

“**a causa mais ativa da grande apostasia hodierna (...) não pode ser reduzida simplesmente a um sistema doutrinário: pois ela é a paixão desregrada em altíssimo grau de**

exacerbação". (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, ed. cit., Parte I, cap. VIII, nº 2, p. 78. O destaque é nosso).

Portanto, Plínio Corrêa de Oliveira nem trata da questão se a Gnose esteja na raiz da Revolução, e separa o processo revolucionário da luta que Lúcifer desenvolve contra Deus e contra a Igreja na História.

Colocando a raiz da Revolução nas "paixões desregradadas" Plínio C. de Oliveira sistematicamente oculta as causas doutrinárias mais profundas da Revolução, e, conseqüentemente ele não liga a Revolução ao combate que, desde o início da História, o demônio faz à única Igreja de Cristo.

Para ele, a luta não é entre a Revolução e a Igreja. A luta seria entre a Revolução e a Contra Revolução, -- que ele praticamente substitui à Igreja -- o que transfere a luta do terreno religioso, sobrenatural, e mesmo metafísico, para o mero terreno natural.

Plínio tem uma visão naturalista da luta da Revolução e da Contra Revolução.

Por que a omissão sistemática do caráter religioso dessa luta?

Seria por ignorância da divisão da religião do Antropoteísmo? Seria por ignorar a divisão da Maçonaria em Maçonaria racionalista e gnóstica?

É bem difícil imaginar que um católico de certa cultura desconhecesse a verdade de que há luta entre Deus e o demônio na História, entre a Igreja e a Anti Igreja, entre os filhos da Virgem e os filhos da Serpente...

Ou Plínio sistematicamente omitiu essa divisão por saber muito bem de sua existência?

O ser a omissão sistemática sugere mais a vontade de omitir e de ocultar...

Essa omissão do caráter religioso da Revolução vai levar Plínio e seus sequazes a considerar, antes de tudo, e quase que só, os aspectos naturais da luta entre a Revolução e a Igreja Católica que Plínio substitui pela Contra Revolução.

E essa substituição é inaceitável pela doutrina católica.

C) Novo vai-vem de Plínio sobre a raiz da Revolução

Ao tratar das metamorfoses do processo revolucionário, Plínio escreve:

"O processo revolucionário é o desenvolvimento, por etapas, de certas tendências desregradadas do homem ocidental e cristão, e dos **erros delas nascidos**" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, ed. cit., Parte I, cap. IV, p. 32. O destaque é nosso).

Plínio afirma aí redondamente que os erros nasceram das paixões desregradas do homem ocidental e cristão. Caberia perguntar: só o homem ocidental e cristão têm paixões desregradas?

Se os erros nasceram das paixões desregradas em certo momento do século XV, como se explica que a Reforma tenha tido longos antecedentes doutrinários medievais?

A afirmação do autor separa a Revolução de qualquer raiz doutrinária anterior, o que é um absurdo teológico e histórico, pois a Revolução foi a aceitação de doutrinas gnósticas, há muito existentes, e que inserem a Revolução na luta geral da Serpente e de seus filhos contra Deus e contra a Igreja. Essa luta se iniciara no paraíso terrestre, e prosseguiu por toda a História. Ela culminou no Calvário, e continuou nas perseguições e heresias suscitadas pelo demônio contra a Igreja, na Antiguidade e na Idade Média.

Separando a Revolução de todo o processo herético anterior, Plínio Corrêa de Oliveira falseia a compreensão da luta do demônio e de seus agentes contra Cristo e contra sua única Igreja, eliminando as causas teológicas, que estão no fundo da questão revolucionária, reduzindo a Revolução mais a problemas morais, que de Fé, mais a questões políticas que doutrinárias.

Muito antes de eclodir a Revolução dos tempos modernos, os agentes causadores da Revolução já eram gnósticos há muitos séculos, e eles se aproveitaram, ou suscitaram e exacerbaram as paixões desregradas para que o homem aceitasse as doutrinas gnósticas que estão no fundo da questão Revolução.

Plínio Corrêa de Oliveira escamoteia tudo isso.

Por que?

Por ignorância?

E que tipo e que grau de ignorância?

A evidente ignorância dele em matéria de História da Gnose, não exclui um certo conhecimento pelo menos parcial da Gnose.

Seria o escamoteamento da Gnose na gestação do fenômeno revolucionário intencional nele?

Mistério na misteriosa vida de Plínio...

d) REFUTAÇÃO LÓGICA DESSE ERRO

Plínio repete em várias passagens de seu livro a mesma idéia:

"Como vimos, essa Revolução é um processo feito de etapas, e tem sua origem última em determinadas tendências desordenadas que lhe

servem de alma e de força propulsora mais íntima" (Plínio Corrêa de Oliveira, *Revolução e Contra Revolução*, ed. cit., Parte I, cap. V, p. 34. O destaque é nosso).

Como seria possível que tendências desordenadas ordenassem o processo revolucionário? A ordem, qualquer que ela seja, não pode proceder da desordem.

Aliás, o próprio Plínio C. de Oliveira, como já vimos, contradizendo-se, reconhece que isso é impossível (Cfr. Plínio Corrêa de Oliveira, op. cit. Parte I, Cap. VI, nº 6, p. 50). As paixões desordenadas, ainda que fossem a explosão energética do motor que movimenta o carro, por sua cegueira e desordem essenciais, elas não podem ser as inventoras, e muito menos, as condutoras do carro.

Desse modo, é incompreensível que Plínio afirme:

"Essa crise(...) constitui (...) um processo crítico já cinco vezes secular, um longo sistema de causas e efeitos que, tendo nascido, em momento dado, com grande intensidade, nas zonas mais profundas da alma e da cultura do homem ocidental, vem produzindo desde o século XV até nossos dias, sucessivas convulsões" (Plínio Corrêa de Oliveira, *Revolução e Contra Revolução*, I Parte, cap. III, nº 5, edição de 1993, p. 17. Os destaques são nossos).

Essas afirmações são surpreendentes. Plínio, como vimos, nega que a Revolução tenha "um sistema", uma doutrina, mas afirma, sim, que ela gera "toda uma cadeia de sistemas ideológicos".

As paixões desregradas é que teriam gerado "sistemas ideológicos"—escusas — que procurariam justificar a entrega do homem às suas paixões.

E porque, de repente, em certo momento do século XV, toda a Cristandade começou a ferver apaixonadamente?

É absurdo imaginar que paixões desregradas tivessem esse poder universal.

Se fosse assim, a Revolução não teria unidade, pois não teria uma doutrina única que lhe desse embasamento. Ela não estaria encaixada na sequência de movimentos que o demônio arma contra a Igreja, na História. A Revolução não teria ligação com o combate da Cidade de Lúcifer contra a Cidade de Deus, na História. O que contraria o que ensinou Santo Agostinho e que a Igreja sempre aprovou.

Plínio faz da causa instrumental da Revolução a sua causa eficiente.

Seria como se alguém dissesse que o descarrilamento de um trem foi causado pelo martelo e talhadeira que cortaram os parafusos dos trilhos da ferrovia, e não pelo sabotador que usou esses instrumentos para danificar os trilhos.

Se dissermos que são as ferramentas de esculpir em madeira que causaram a escultura, estaremos transferindo para a causa instrumental o que é devido à causa eficiente. Quem faz a escultura é o escultor, e não as goivas que ele usa. Do mesmo modo, o fato de o demônio manipular homens com paixões desregradas para desencadear a Revolução não torna essas paixões a verdadeira causa eficiente do fenômeno revolucionário. A causa eficiente da Revolução é mais profunda que as paixões desregradadas.

Essa inversão absurda na ordem das causas, identificando uma causa instrumental da Revolução (as paixões desregradadas) com a causa eficiente dela (o demônio e seus asseclas movidos pelo sonho gnóstico) vai ser reconhecida pelo próprio pseudo profeta da TFP. Plínio C. de Oliveira reconhece que essas paixões, de si mesmas, eram impotentes para causar uma Revolução doutrinária, pois ele mesmo escreve, nesse mesmo livrinho, confiante que seus fanáticos seguidores jamais descobririam sua contradição ao decorarem seu corãozinho:

"Não acreditamos que o mero dinamismo das paixões e dos erros dos homens possa conjugar meios tão diversos, para a consecução de um único fim, isto é, a vitória da Revolução" (Plínio Corrêa de Oliveira, *Revolução e Contra Revolução*, I Parte, cap. VI, n° 6, edição de 1993, p. 50).

Mas, então, como pôde ele afirmar que a raiz mais profunda da crise revolucionária se encontra nas paixões desregradadas?

Isso é uma clara contradição.

E) Nova contradição levando a um círculo vicioso

"As forças propulsoras da Revolução têm sido manipuladas até aqui por agentes sagacíssimos, que delas se têm servido como meios para realizar o processo revolucionário" (Plínio Corrêa de Oliveira, *Revolução e Contra Revolução*, I Parte, cap. VI, n° 6, edição de 1993, p. 50. O destaque é nosso).

Pois, então, o autor reconhece que as paixões desregradadas foram meios, e não causa eficiente, do processo revolucionário. E, se é assim, como nega ele uma causa única, um só sistema doutrinário como causa

eficiente da promoção da luta contra a Igreja e a Fé católica, luta essa da qual a Revolução moderna e atual é apenas um episódio?

Essa contradição ele vai procurar saná-la desajeitadamente, caindo num círculo vicioso ridículo:

"De modo geral, podem qualificar-se agentes da Revolução todas as seitas, de qualquer natureza, engendradas por ela, desde seu nascedouro até nossos dias, para a difusão do pensamento ou a articulação das tramas revolucionárias. Porém, a seita mestra, em torno da qual todas se articulam como simples forças auxiliares – por vezes conscientemente, e outras vezes não – é a Maçonaria, segundo claramente decorre dos documentos pontifícios, e especialmente da Encíclica *Humanum Genus* de Leão XIII, de 20 de abril de 1884" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, I Parte, cap. VI, n° 6, edição de 1993, p. 51. O destaque é nosso).

Mas que confusão é essa?

Haveria então um **pensamento revolucionário**?

Como negou ele antes que havia um só sistema de pensamento informando a Revolução ?

Como diz ele, agora, que a Revolução engendra os agentes da Revolução?

Como uma coisa pode engendrar seus próprios agentes?

Isso é um absurdo.

É como um filho gerar seu próprio pai.

Foi a Revolução que engendrou a Maçonaria, ou a Maçonaria que engendrou a Revolução?

Para Plínio C. de Oliveira, segundo seu texto acima, foi a Revolução que engendrou seus agentes, entre os quais a Maçonaria, que seria o principal deles.

Desse modo, Plínio Corrêa de Oliveira garante que as paixões desregradas são a raiz da Revolução. Por sua vez, a Revolução engendraria os agentes da Revolução. Daí, os agentes da Revolução manipulariam as paixões desregradas, das quais brotaria a Revolução.

Está aí um perfeito círculo vicioso comprovando que a demonstração de Plínio vale zero

Que confusão!

Plínio criou o moto contínuo

Isso até parece um cachorro correndo atrás do próprio rabo, sendo que, na corrida, e pela pressa, a barriga do cão chegou antes que sua cabeça.

Esse erro grosseiro vai desviar completamente a atenção dos leitores do foco do problema revolucionário.

Era Plínio Corrêa de Oliveira tão pouco capaz para não perceber essa troca da causa eficiente pela causa instrumental e que montara um círculo redundante de causas ?

Duvidamos da incapacidade dele. Portanto, ele omitia e deturpava a visão da causa fundamental da Revolução sabendo o que ele fazia.

Por que?

Plínio C. de Oliveira admite que as sociedades secretas foram, pelo menos, um dos agentes que arquitetaram a Revolução. Ora, as forças secretas, e a Maçonaria em particular, têm uma doutrina que diviniza o homem. A doutrina oculta da Maçonaria mais secreta é a Gnose.

Como, então, Plínio nega que haja uma doutrina na raiz da Revolução?

Para o autor, as forças secretas desencadearam e instigaram as paixões. Teriam elas feito isso apenas para favorecer paixões, e não para fazer triunfar o antropocentrismo, e mais, o antropoteísmo?

Leão XIII acusa a Maçonaria exatamente de fazer isso: um plano para destruir a Igreja e a Fé católica. O que Plínio diz disso é pouco demais. Ele passa sobre o tema das forças secretas como gato sobre brasas.

Et pour cause...

Plínio sempre organizou grupos secretos nas instituições que fundou.

A última sociedade secreta de que se tem conhecimento que ele fundou foi **A Sempre Viva**. E Plínio sabia que a Santa Sé condena a formação de qualquer sociedade secreta como contrária à ordem natural, e

excomunga os que as organizarem. Segundo a doutrina Católica, há só duas sociedades perfeitas: a Igreja e o Estado. Por isso, toda sociedade imperfeita deve estar submetida ou à Igreja, ou ao Estado.

"Uma Declaração de 21 de Setembro de 1850 da Sagrada Penitenciária fixa a extensão das bulas pontifícias feitas contra as Sociedades secretas desse gênero. Ela diz que" as associações que professam não conspirar em nada contra a religião ou o Estado, e entretanto formam uma sociedade oculta confirmada por juramento, estão incluídas nessas bulas"

"Uma instrução do Santo Ofício dirigida aos Bispos em 18 de Maio de 1884 diz: "Além dessas sociedades (a franco-maçonaria e as sociedades anti católicas), há outras seitas proibidas e que devem ser evitadas, sob pena de falta grave, entre as quais é preciso sobretudo colocar todas aquelas que exigem de seus adeptos um segredo que eles não podem revelar a ninguém e uma obediência absoluta a chefes ocultos". Na página na qual está inscrito esse documento, o editor da *Acta Sanctae Sedis* expõe em nota que todas as sociedades ocultas são atingidas pelas proibições da Igreja, quer elas exijam ou não um juramento, porque são associações contrárias ao direito natural. Com efeito, não há, de acordo com o direito natural e o direito divino revelado, senão duas sociedades e independentes e perfeitas: a Igreja e o Estado. Todas as demais sociedades devem estar ligadas a uma ou a outra; elas são membros delas, e não pode haver associação legítima se não dependerem da Igreja ou do Estado. Ora, uma sociedade secreta, pelo simples fato do segredo, se torna independente da Igreja e do Estado que não têm nenhum meio de controle relativamente à sua organização, seu objetivo, sua ação. Uma tal sociedade não tem pois sua origem no direito natural, nem no direito divino revelado; a autoridade que a governa não vem pois de Deus; ela vem portanto do demônio e ela é fundamentalmente ilegítima. Tal é, em substância, o comentário dos decretos da Santa Sé" (Cfr Abbé Emmanuel Barbier, *Histoire du Catholicisme Libéral sous Leon XIII e Saint Pie X*, Vol. V, p. 246, nota 106).

Este documento é muito importante porque ele condena a Sociedade secreta **A Sempre Viva**, talvez a última fundada por Plínio, como rituais de iniciação e segredo. Ora, fundar sociedades secretas é então instituir uma ordem de coisas ilegítima, portanto é fazer uma coisa revolucionária, segundo a própria definição de Revolução estabelecida por Plínio Corrêa de Oliveira. Portanto, Plínio Corrêa de Oliveira era um revolucionário

Também Antoine Faivre mostra que havia, já no século XVIII, duas sociedades secretas maçônicas silenciosamente se digladiando. A primeira era a dos que se pretendiam iluminados pela Razão. A segunda, mais oculta, era dos que se pretendiam iluminados pelo Espírito Santo. A primeira delas vai se constituir no Grande Oriente, enquanto a segunda

será a Maçonaria mística chamada de rito escocês. (Antoine Faivre, *L'Ésotérisme em France et em Allemagne au XVIII éme Siècle*, Seghers, Paris, 1973)

F) Ideologia ou Doutrina ?

Curiosamente, o autor que analisamos fala não em doutrina, mas em "*sistemas ideológicos*" gerados pelas paixões desordenadas...

Ora, ideologia é um sistema de idéias que procura forçar a realidade a se adaptar às idéias preconcebidas. Toda ideologia é fruto de uma concepção subjetivista. Por isso, as ideologias modernas nasceram com o Kantismo.

Ora, a Revolução a que se refere Plínio começou com a Reforma protestante que não tinha uma ideologia, e sim uma teologia herética. Já se vê, neste ponto, novo erro fruto da concepção falha de Plínio do que foi a Revolução.

A Revolução foi a resultante de uma teologia, de uma doutrina herética, e não de uma ideologia. Aliás, o Kantismo e todo subjetivismo, com todas as ideologias que dele nasceram, são a aplicação do livre exame luterano à Metafísica.

O pietista Kant foi o "teólogo" do Protestantismo. Portanto, as ideologias que dele nasceram são resultantes de uma concepção teológica herética, de tipo gnóstico. E isto também faz ver que a Revolução se enquadra na seqüência do único combate entre Deus e o demônio, na História. Separar a Revolução dessa guerra única, é reduzir sua importância, e separá-la de um todo maior a que ela pertence, deformando a visão correta a respeito dela.

Esse reducionismo da Revolução a mero episódio separado da guerra entre os filhos das trevas e os da Serpente vai deformar a visão histórica correta que o católico deve ter da Revolução como ação do demônio contra a Igreja e contra a Fé, na História.

Como consequência dessa visão deformada P. C. de Oliveira verá a Revolução não como a resultante de uma cosmovisão gnóstica, mas apenas como a resultante de paixões desregradas. Não como um episódio inserido na luta entre a Igreja e a Sinagoga de Satanás, mas apenas como um episódio natural. Não como a aplicação de uma doutrina, e sim apenas como fruto de uma desordem moral. O Problema da Revolução e da Contra Revolução é assim deslocado do campo doutrinário para o campo moral. Daí, a pouca ou nenhuma importância dada nas TFPs às questões de Fé, doutrinárias e metafísicas, com a atenção voltada quase exclusivamente para o campo da moral e da ação política.

E não se venha objetar que o autor em foco diga, com acerto, pouco adiante que: "O orgulho leva ao ódio a toda superioridade, e, pois, à afirmação de que a desigualdade é em si mesma, em todos os planos, inclusive e principalmente nos planos metafísico e religioso, um mal. É o aspecto igualitário da revolução"(Op. cit. **Introdução**, p. 6).

Esta colocação verdadeira vai ficar abandonada pelo autor, que não tirará desse princípio as conseqüências lógicas e práticas, que seriam a afirmação de que o igualitarismo metafísico, identificando os er contingente ao Ser necessário, produz a cosmovisão panteísta ou gnóstica, e que essa cosmovisão faz da Revolução um episódio a mais da guerra da Cidade do Homem contra a Igreja, na História. É essa cosmovisão metafisicamente igualitária que dá a unidade à Revolução, fornecendo a ela um único sistema de pensamento – uma doutrina-- contra o que o autor afirmara pouco antes.

6- Por que Plínio C. de Oliveira separou a Revolução das ações anteriores da Anti Igreja

A) Mentalidade Mitificadora

Plínio Corrêa de Oliveira foi um romântico. E como o Romantismo foi um movimento revolucionário gnóstico, Plínio foi, ele também, um revolucionário eivado de erros gnósticos, que ele passou secretamente para a Sempre Viva, por trás do estandarte da TFP.

O romantismo de Plínio proveio da educação com que sua mãe o deformou. Provas disso as há sobejas no livro **Dona Lucília**, assinado por João Scognamiglio Clá Dias, mas que é mais do que provável, foi ditado pelo próprio Dr. Plínio, para difundir o culto de sua mãe entre os fanáticos tefepistas.

Nessa obra luxuosa, em três volumes se podem ler afirmações como estas: "... tudo nos lábios de Dona Lucília se tornava como que feérico, legendário". (J. Scognamiglio, **Dona Lucília**, Vol.I, p. 57).

"Quando ainda jovem, [Dona Lucília] ao contemplar as qualidades de alma dos que compunham o seu ambiente, com instintiva naturalidade as mitificava tanto que chegava a afastar as suas sempre bem-intencionadas vistas de tudo o que nelas pudesse não ser virtude. Os senões que encontrava na conduta das pessoas, reputava-os exceção. Era como se num belo lenço de seda houvesse pequenos furos. Porém, o resto era seda muito boa..." (J. Scognamiglio, **Dona Lucília**, vol. I, p.52).

"Esse modo de considerar a realidade, pelo qual a todos situava numa clave de seriedade, distinção e grandeza estava muito presente em

todas as narrações dela procurando transmitir uma idéia arquetipizada da vida e do convívio entre os homens" (J. Scognamiglio, **Dona Lucília**, Vol. I, p. 52).

Não só as pessoas eram mitificadas por Dona Lucília, mas também os tempos e os lugares. O próprio João Scognamiglio, que tanto mitifica Lucília, confessa que ela mitificava a Palestina, por exemplo.

"Imaginava [Lucília] um pouco lendariamente a Palestina. Por exemplo, descrevia as areias dos desertos da Terra Santa, marcadas por sublimes recordações. O modo de ela pronunciar certos nomes "Mar de Tiberíades..." dava, a quem ouvia, a impressão de estar vendo as ondinhas do mar e nelas se refletindo a figura do Salvador." (J. Scognamiglio, **Dona Lucília**, vol. I, p. 247).

Se isso não é imaginação romântica, então zebra é jacaré.

De passagem, cabe perguntar: se o "autor" não estava presente, quando Dona Lucília mitificava a Palestina, como soube disso, e como pode ele dizer que quem a ouvia tinha *"a impressão de estar vendo as ondinhas do mar e nelas se refletindo a figura do Salvador."*

O verdadeiro "autor" do livro **Dona Lucília** é quem assistiu a cena descrita romanticamente, e foi ele que a contou a Scognamiglio, que só a repete e assina o que seu mestre lhe contou. Assim como o Corão diz de Maomé: "Mohammed, tu não és senão um repetidor" (Sur.), assim também de Scognamiglio se pode dizer: "Scognamiglio, você não passa de um repetidor".

Scognamiglio vai fazer Dona Lucília contar as histórias com que ela pretendia dar formação católica a seus filhos e sobrinhos. E o que lhes contava ela ?

Contava-lhes histórias de fadas, contos infantis dos românticos alemães, como **A Rosa de Tannenburg**, ou o gnóstico **Lohengrin**, (J. Scognamiglio, **Dona Lucília**, vol. I, p. 204) e ... E ?

..."**Os Três Mosqueteiros**" do romântico e anti-católico Alexandre Dumas, cujas obras, já o dissemos, estavam postas no *Index* dos livros proibidos pela Igreja. Mas não no "Index" do romântico lar de Dona Lucília.

Ele mitificava o Ancien Régime dos Valois e de Anna d'Áustria fazendo aplaudir até o amor adúltero dela por Buckingham.

Até da corrupta "Belle Époque", época do Modernismo, da Arte Moderna, dos Cafés Concertos, das boîtes parisienses e do Can can, Lucília e Plínio tinham uma idéia mitificada:

E o "autor" do livro **Dona Lucília** — na realidade, muito provavelmente o próprio Plínio C. de Oliveira — romanticamente define a "Belle Époque" como "Período da História do Ocidente caracterizado pelo requinte da vida de sociedade, da cultura, das boas maneiras, do vestuário e da existência em geral, restos preciosos do regime anterior à Revolução Francesa. Durou desde as últimas décadas do século passado até os trágicos cataclismos político-sociais provocados pela Primeira Guerra Mundial" (J. Scognamiglio, **Dona Lucília**, vol. I, p. 73, nota 2).

Se Plínio Mitificava assim a Belle Époque, tão próxima e tão fácil de ser conhecida, como não mitificaria a Idade Média do século XIII?

B) Mitificação Romântica da Idade Média feita por Plínio Corrêa de Oliveira

Naturalmente, um homem que foi educado por mãe que tudo mitificava e tornava legendário, só poderia ver a Idade Média de modo romântico. Por isso, dizia Plínio que a lenda vale mais do que os fatos

Para Plínio Corrêa de Oliveira afirmar que o século XIII foi o apogeu da História tem significado totalmente diverso do que lhe daria um historiador. Para Plínio, o século XIII é o dos cruzados vistos ao modo de Hollywood, dos monges, todos santos, de fadas e príncipes encantados, de castelos de sonhos, do Rei Arthur e dos cavaleiros da Távola Redonda, das lendas de Roland que ele tomava como verdadeiras, a ponto de pretender fazer uma Catedral, no seu sonhado Reino de Maria, para honrar o guante de Roland que teria ficado em Roncesvalles, porque o outro teria sido levado ao céu por São Miguel.

A Idade Média de Plínio não tinha namoros, nem pecados de sexo. Carlos Magno lhe aprecia casto esposo de onze amantes. Idade Média de mosteiros sem heresias e sem pecados. De hereges que se convertem por magias de vara de condão. De cavaleiros que sozinhos destroçam 400.000 mouros em Roncesvalles. De Universidades, nas quais frades perfeitos ministram aulas preñhes de sabedoria, para auditórios em que não existem sectários. Na Idade Média de Plínio, os cátaros só existem para serem vencidos por Simão de Montfort.

Com uma visão tão romântica e mitificada da idade Média era fatal que Plínio visse a revolução Moderna como algo totalmente novo, que fazia um corte no transcurso da História. Para essa visão romanceada da História, a Revolução não podia ser a continuação da luta que a raça da Serpente conduz contra a Igreja, desde o éden, e mesmo através dos séculos "dourados" da Idade Média.

Para o romântico Plínio C. de Oliveira, a Revolução não pode ter tido raízes na Idade Média. Se assim fosse, estaria quebrado o vitral mitificador que ele forjou dessa época em sua fantasia.

A Revolução, então, só pode ter começado "em certo momento do século XV", "por uma explosão de paixões desordenadas".

Essa, porém é uma visão romântica e revolucionária da Revolução.

C) O Século XIII, Apogeu da História

O século XIII – realmente o apogeu da História – como todos os tempos da história do homem neste vale de lágrimas, não podia estar isento de misérias, de males e de heresias. Se o século XIII foi o apogeu da História foi só porque, nele, a raça da Serpente sibilava então sob o calcanhar da raça da Mulher, e não porque não existissem então hereges e homens de paixões desregradadas.

O século XIII, o maior dos séculos (James J. Walsh, **The Thirteenth, Greatest of Centuries**, Catholic Summer School, Pres, New York, 1929) foi o século da Escolástica e das certezas; o século das Cruzadas e dos cavaleiros; das Catedrais e dos santos; de São Luís e de São Tomás; da Inquisição e do Feudalismo.

Entretanto, se esse século foi o apogeu da História, não foi porque nele não havia heresias e criminosos, fraudes e impurezas, mas sim porque, nele, o bem dominou o mal e impôs a ordem cristã á sociedade. Daí, tantos frutos em todos os campos.

Logo no início do século XIII, o Papa Inocêncio III e o Bispo de Paris, Maurice de Sully, tiveram que determinar medias severas para acabar coma chamada Festa dos Loucos.

No dia da Epifania, o baixo clero assumia a direção da Catedral, ocupava as estalas dos Cônegos, elegia um celebrante chamado de "Bispo dos Loucos". Ofereciam-lhe uma grande banquete na própria Catedral, e faziam, depois, uma procissão apalhaçada á qual não faltavam cenas indecentes. Cantava-se o Magnificat, acentuando e repetindo, várias vezes, o verso: "*Deposuit potentes de sede*" (Derrubou os poderosos de seu trono) com uma barulheira tremenda, para dar a entender que os Cônegos haviam sido destituídos. Era, sem dúvida, uma festa que manifestava desejos de derrubada da ordem estabelecida, ainda que por um dia, e de brincadeira.

No século XIII, um Papa (Inocêncio IV) teve que fugir de Roma e teve que excomungar um Imperador (Frederico II). No século XIII, houve um Rei cruzado (São Luís) que fez duas cruzadas, e um Imperador que se vendeu e se fez muçulmano(Frederico II). Houve Simão de Montfort e houve um conde Foix. No século XIII, houve a Inquisição e houve o catarismo. Houve a Suma Teológica e houve a condenação de São Tomás por Etienne Tempier ajudado por Henri de Gand. Houve São Francisco e houve o herege Segarelli. Houve o Adeste Fideles e o Roman de la Rose. No século XIII se escreveu a Suma Teológica e o Zohar, livro fundamental da Cabbalah, a Gnose judaica.

Se a Cristandade atingiu então o seu apogeu, não se deve esquecer que ela triunfou sobre inimigos muito reais que a mantiveram sob constante ameaça de ruína.

A Fé esteve constantemente ameaçada pela "Heresia". Assim se chamava, na Idade Média, o catarismo: a Heresia, no singular, e com H maiúsculo, pois se compreendia que havia uma só Heresia, a Gnose. Depois nasceram ainda a heresia milenarista dos espirituais franciscanos, herdeiros da doutrina de Joaquim de Fiore que tanto mal fez durante toda a História posterior; a heresia dos Pseudo Apóstolos de Segarelli, derivada da heresia dos Espirituais franciscanos; a seita político gnóstica dos Gibelinos; a Gnose dos Fedeli d'Amore que difundiam a doutrina mística do shiismo sufi de Ibn Arabi; a propaganda revolucionária e gnóstica do Roman de la Rode, livro imoral que foi, apesar disso, o livro mais lido da Idade Média, editado em 1278; a gnose oculta dos Trovadores.

Filosoficamente, a verdade católica expressa na Filosofia Escolástica, no século XIII, esteve sempre sob a ameaça das doutrinas gnosticizantes da Filosofia árabe, do emanacionismo de Avicena ou da Gnose do monismo intelectual de Averroés, assim como no racionalismo nominalista de Roscelin e de Abelardo e do monismo panteísta de Amauri de Bène, ou, ao contrário, das doutrina neo platônicas que chegavam através das obras do pseudo Dionísio, e de Scoto Erígena.

O século XIII foi um século de luta e preponderantemente de vitória da ortodoxia sobre a heresia, do Papado contra as arbitrariedades dos Imperadores e dos Gibelinos, que defendiam a superioridade do Estado sobre a Igreja, dos Cruzados sobre o Islam, da santidade sobre o falso misticismo.

O século XIII principiou sob a ameaça gravíssima de domínio dos cátaros e dos hereges valdenses sobre boa parte da Cristandade. Todo o sul da França era cátaro. O norte da Itália era dominado por essa heresia que estendera seu domínio, com o apoio dos Gibelinos, a muitas grandes cidades da península: Mântua, Vicenza, Florença, Verona, Como, Bérgamo, Pavia, Piacenza, Cremona, Brescia, Treviso, Bologna, Rimini, Ferrara, Orvieto e Milão foram cidades italianas bem infeccionadas pela heresia cátara no século XI^o (Cfr. Cinzio Violante, **Eresie Urbane e Eresie Rurali in Italia dall' XI al XIII Secolo**, in *L'Eresia medievale*, de Ovidio Capitani e outros, ed. Il Mulino, Bologna, 1971, pp.177 a 184).

Faenza, Assis, e Viterbo, às portas de Roma, eram outras cidades tão dominadas pela heresia, que tiveram governantes cátaros. Os grandes poetas do Dolce Stil Nuovo, eram pelo menos simpáticos ao catarismo. São Pedro Parenzo, governador católico de Orvieto, foi assassinado pelos cátaros dessa cidade, em 1213.

Em 1208, os hereges cátaros inspirados pelo Conde de Toulouse, assassinaram o Legado papal Pierre de Castelnau, o que causou a Cruzada contra os cátaros liderada por Simon de Montfort (1209-1214).

Em 1215, o IV Concílio de Latrão declarou o dogma de que "Fora da Igreja não há salvação". Mas, quando se tratou de condenar os chefes cátaros, o Papa Inocêncio III não concordou, e o Concílio teve que forçar o Papa a fazê-lo a contra gosto (Cfr. Michel de Roquebert, *L'Épopée Cathare*, 2^o Volume, Privat, Toulouse, 1977, p. 372-373).

Somente em 1244 cairá o último baluarte cátaro em Montségur, mas a Heresia, derrotada pelas armas e pela Inquisição, se refugiou nos meios poéticos dos trovadores, que trabalharam à vontade, já que a Inquisição não cuidava de poesias.

Nem bem São Francisco morrera (1226) que principiaram os erros franciscanos quer dos seguidores relaxados de Frei Elias de Cortona, como dos chamados Espirituais, exagerados franciscanos que acabaram na heresia.

Em 1239, Frei Elias teve que ser deposto do cargo de Ministro Geral dos franciscanos, o que deu, por reação, grande poder aos Espirituais.

Em 1244, o Imperador Frederico II obrigou a Papa Inocêncio IV a fugir de Roam para Lyon, onde, quatro anos depois, o papa, no Concílio de Lyon, depôs o Imperador que era tido como o próprio Anticristo.

Em 1248, Frei Gerardo di Borgo San Donino, publicou o "Evangelho Eterno", apresentando as doutrinas joaquimitas dos três Reinos, -- do Pai, do Filho, e do Espírito Santo—como sendo as profecias da futura instituição de uma Nova Igreja totalmente espiritual, ou do Amor, na qual triunfariam os Espirituais franciscanos fundando um Reino de Deus na terra, que superaria e substituiria a Igreja de Cristo, como esta superara e substituíra a Sinagoga.

Desta heresia delirante se aproveitaram os Mestres da Sorbonne para atacar as Ordens mendicantes, o que quase impediu que São Tomás ensinasse nessa Universidade francesa.

Ainda em 1249 se deu o fracasso da Cruzada de São Luís, no Egito, quando o rei e o exército franco caíram prisioneiros dos mamelucos.

Em 1251, se deu a revolta dos Pastoureaux, que ensangüentou a França.

Em 1260, nasceu a seita dos Pseudo Apóstolos, liderados por Segarelli, que defendia a abolição de toda propriedade, e que ensangüentaria o norte da Itália.

Este é o período das lutas intestinas nas cidades italianas, entre Gúelfos e Gibelinos, sendo que estes eram pela supremacia do Império sobre a Igreja, e favoráveis aos cátaros. Na Itália, ser Gibelino era praticamente sinônimo de ser cátaro

Entretanto, o século XIII católico não durou 100 anos. Ele não chegou até 1300.

Em 1274 deram-se as mortes de São Tomas, com 49 anos, e de São Boaventura, com 54 anos. Mortes bruscas e inesperadas dos dois maiores luminares da Escolástica.

Apenas três anos depois, São Tomás teve algumas de suas teses condenadas pelo Bispo de Paris, Etienne Tempier, condenação do Averroísmo, que envolveu também, em certo grau, o próprio Tomismo.

Em 1278, foi publicado em Paris o **Roman de la Rose** obra imoralíssima que, muito precocemente defendeu muitos dos erros que vão triunfar com a Revolução; bondade natural do homem, amor livre, igualdade de todos, poder popular, combate à procriação, defesa da comunidade de bens.

Essa obra nefasta foi vertida em poesia ao italiano por um poeta florentino – Durante, ou Dante – e por Chaucer, para o inglês. Essa obra desenvolvia, de modo parabólico, um plano para destruir o “Chateau de Pierre” – ou o Castelo de Pedro? – isto é, a Igreja. E foi o livro mais lido da Idade Média. Contra ele a Inquisição nada fez, porque era uma obra literária... com o se numa obra literária não se pudesse ensinar teologia, sob o véu dos versos estranhos, como dizia o poeta florentino Dante Alighieri...

Nas duas últimas décadas do século XIII, o ouro foi perdendo seu brilho...

“Quomodo obscuratum est aurum? Quomodo mutatus est color optimus?” [Como se obscureceu o ouro? Como perdeu ele sua cor excelente?] (Lam. IV, 1).

Tudo isso vai preparar o rápido fim da Cristandade medieval, que começou, então, muito antes do século XV, como diz Plínio em seu Mini Corão tefepista.

Plínio Corrêa de Oliveira em **Revolução e Contra Revolução** nada diz de tudo isso. Tudo omite do que ocorreu no século XIV. E ele omite tudo isso, porque tudo isso desmitifica sua visão romântica e sonhadora da Idade Média. Para que ele mantivesse sua visão sonhadora da Idade Média, a Revolução devia ter sua raiz mais profunda, numa explosão de paixões desregradas em certo momento do século XV. Como se no século XIII não houvesse homens com paixões desregradas. Será que Plínio, como professor de História amador—e ele nunca foi diplomado em História, e se dizia Doutor sem nunca ter feito tese — será que ele nunca leu algo sobre Frederico II e suas paixões tão “ordenadas” que o julgaram o Anticristo?

Assim como Plínio desconhece a verdadeira história real do século XIII, menos ainda ele conhece o século XIV, e nem cita os fatos terríveis ocorridos nesse “awfull century” como dele diz uma historiadora (Bárbara Tuchman, **A Distant Mirror, The Calamitous 14th Century**, Anita Karl, 1978, Macmillan, London, 1979).

Um autor suspeito de Modernismo, porém muito competente — Etienne Gilson—bem compara o século XIV ao século XIII. Do século XIII, Gilson diz que ele foi o “século da escolástica”. (Etienne Gilson, **La Philosophie au Moyen Âge**, dois volumes, Payot, Paris, 1976, II Vol. p. 413). Do século XIV, esse mesmo autor dirá—nós o veremos mais adiante, que foi o século da dúvida. E a dúvida é o princípio da negação da Verdade. É a raiz da Apostasia, que é a negação da Fé. E a Revolução foi a Grande Apostasia.

A Revolução não nasce, antes de tudo de um desregramento das paixões, mas de uma doutrina falsa, que pode explorar paixões desregradas.

A Revolução nasce da cabeça da Serpente e se expressa doutrinariamente por sua língua bífida: em Gnose e Panteísmo

7 - CARACTERÍSTICAS DA REVOLUÇÃO CONFORME PLÍNIO C. DE OLIVEIRA

O capítulo III do livrinho de Plínio trata das “**Características dessa Crise**”.

A Revolução, diz Plínio, teria cinco características capitais, e que seriam:

1- Universal. 2- Una. 3- Total. 4 – Processiva. 5 - Dominante.

Registre-se que o pretenso Doutor inerrante da TFP não considera que a Revolução tenha uma característica capital, a de ser Anti Católica, anti religiosa, anti Igreja. Para ele, a Revolução parece ser, então, puramente natural, sem nada de preter natural, sem nada de diabólico. E isso vai contra toda a doutrina católica sobre a Teologia da História. Também ele não cita como característica capital da Revolução nada de doutrinário, nada de metafísico.

Esse erro é uma decorrência lógica de seu posicionamento de que não há um sistema doutrinário fundamental – ele diz “ideológico”—como causa da Revolução, mas apenas as paixões desregradadas, que, contraditoriamente ele não crê que possam desencadear e organizar o processo revolucionário.

Enumerando essas cinco características capitais da Revolução, Plínio Corrêa de Oliveira vai fazer da TFP – e nos referimos apenas à ação de Plínio e de sua TFP -- uma entidade que se oporá à Revolução apenas no campo prático, político, natural, não no campo doutrinário religioso. Ele promoverá, sob a capa, a propaganda monárquica. Ele fará campanhas contra a Reforma Agrária, contra o socialismo, usando a doutrina católica.

Jamais a TFP fará um trabalho teológico contra a Revolução na Igreja. Curiosamente, ele impedirá a publicação do livro escrito por Arnaldo Vidigal Xavier da Silveira contra a Missa Nova de Paulo VI. Ele irá a Roma, tentando ser convidado a falar no Concílio. Mas, protestará que Dom Mayer e Arnaldo Xavier tivessem levado a TFP a fazer uma campanha contra o divórcio, enquanto ele estava confinado à cama de um hospital. Ele defendera a família, não o matrimônio.

Essa omissão no campo religioso será uma das causas da divisão da TFP após a morte de seu profeta”, pois que segundo uma ala, Plínio aceitava a Missa Nova, e segundo a outra, ele a rejeitava. Tudo porque Plínio não definiu a Revolução como tendo como nota capital o ser Anti Igreja.

EXAME DAS CINCO CARACTERÍSTICAS CAPITAIS DA REVOLUÇÃO SEGUNDO PLÍNIO CORRÊA DE OLIVEIRA.

A primeira característica capital da Revolução apontada por Plínio é que ela é **universal**, isto é, que não há povo, hoje, que não seja afetado por ela.

A isso poder-se-ia objetar, perguntando: como a Revolução pode ser **universal**, se sua causa é uma erupção repentina de paixões desordenadas?

As paixões são sofridas pelos homens, que podem ceder ou resistir a elas.

Elas só poderiam ser a causa eficiente da Revolução, se elas tivessem tido um efeito concomitante e determinante sobre grande parte dos homens, o que é quase inconcebível que aconteça. Essas paixões desordenadas, e, por definição, cegas, não poderiam produzir um fenômeno orquestrado e organizado como foi a Revolução, coisa, aliás, que o próprio autor reconhece.

Portanto, se a Revolução foi universal, ela não pode ter tido como principal causa eficiente as meras paixões desordenadas. A causa de um fenômeno universal só pode ser uma e doutrinária.

Segunda característica: a Revolução é una.

Ora, este ponto merece especial atenção, pois como pode ser una a Revolução para a qual Plínio negou um fundamento doutrinário, "*um sistema ideológico*" só?

Quando se lê o que diz Plínio sobre a revolução ser una, se tem uma surpresa: ele afirma que a Revolução, em todos os países, é a mesma, e uma só. (Ms) Isto já havia sido dito ao afirmar que a Revolução é universal, isto é, uma só em todos os países.

Parece redundante afirmar que um fenômeno é universal e depois descrevê-lo como um incêndio único. Sendo universal ele necessariamente teria que ser único.

Veja-se o que escreveu o autor em foco:

"É Una

"Essa crise é una, isto é, não se trata de um conjunto de crises que se desenvolvem paralela e autonomamente em cada país. ligadas entre si por algumas analogias mais ou menos relevantes.

"Quando ocorre um incêndio numa floresta não é possível considerar o fenômeno como se fossem mil incêndios autônomos e paralelos, de mil árvores vizinhas umas das outras. A unidade do fenômeno "combustão" exercendo-se sobre a unidade viva que é a floresta, e a circunstância de que a grande força de expansão das chamas resulta de um calor no qual se fundem e se multiplicam as incontáveis chamas das diversas árvores, tudo, enfim, contribui para que o incêndio da floresta seja um fato único, englobando numa realidade total os mil incêndios parciais, por mais diferentes, aliás, que cada um destes seja em seus acidentes." (Plínio

Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, Parte I, cap.III, edição de 1993, pp. 14-15. O destaque é nosso).

O pobre Doutor sem tese confundiu una com única. Sua descrição do incêndio da floresta provou que ele é único. Com essa analogia, ele provou que a Revolução é única e a mesma em todo o mundo, e não que ela é una.

Um paralelo facilita a compreensão do que dizemos.

A Igreja Católica é una e é única.

Cantamos no Credo que a Igreja é una porque ela tem uma só Fé, um só Batismo e um só governante supremo: o Papa. Por isso a Igreja Católica Apostólica Romana não tem divisões essenciais. Como Deus. Ela é uma, e qualquer promoção de divisão ela é pecado de heresia ou de cisma.

Por outro lado ela é única, isto é, não há outra igual a ela. Só ela é a Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Portanto, não se deve confundir unidade e unicidade. Acreditamos que a Revolução seja um fenômeno histórico uno porque ela tem uma só causa profunda o demônio(enquanto Grande Arquiteto da Revolução), a Gnose (enquanto única doutrina).

Doutor Plínio C. de Oliveira omite isso, e nega que haja um só causa doutrinária (que ele chama de ideológica) da Revolução, colocando a raiz mais profunda da Revolução nas paixões desregradas, como se essas paixões nunca tivessem existido, a não ser a partir do fim da Idade Média. O que tomaria a Revolução talvez única, mas não una.

Porque omite ou nega que haja uma causa doutrinária mais profunda da Revolução, o autor em foco vai dizer que a Revolução se oporá à Cristandade e não à Igreja católica, e não à Fé. Portanto, ele reduz a luta ao plano natural, político e social, deixando de lado toda a questão teológica.

Diz ele: "A Cristandade ocidental constituiu um só todo, que transcendia os vários países cristãos sem os absorver. Nessa unidade viva se operou uma crise que acabou por atingi-la toda inteira, pelo calor somado, e mais do que isto, fundido, das sempre mais numerosas crises locais que há séculos se vêm interpenetrando e entre ajudando ininterruptamente. Em consequência, a Cristandade, enquanto família de Estados oficialmente católicos de há muito cessou de existir" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, I Parte, cap. III, n* 2, edição de 1993, p. 15. O destaque é nosso).

É patente nesse texto que o autor tem considera que a Revolução se dirigiu apenas contra a "**Cristandade, enquanto família de Estados oficialmente católicos**". Ele não diz, aí, que a Revolução visa destruir a Igreja e a Fé. A ação Revolucionária seria então puramente na ordem natural, e sem nada de preternatural.

Note-se ainda que ele afirma que a Revolução seria a resultante da fusão de inúmeras "**crises locais** que há séculos se **vêm** interpenetrando e entre ajudando ininterruptamente". Com essas palavras, ele mostra que não crê numa causa única e doutrinária da Revolução. E a colocação do verbo **vir** no indicativo presente, -- **vêm** - e não em tempo pretérito, demonstra que ele, de fato, isola a Revolução, iniciada na Idade Moderna, de crises anteriores ocorridas ainda na Idade Média e lhe nega uma causa ordenadora e pensante.

Plínio afirma que a crise revolucionária é **total** e, por nascer em zonas muito profundas da alma humana, ela se desenvolveria em "todas as potências da alma, em **todos os campos da cultura**, em todos os domínios, enfim, da **ação do homem**" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, I Parte, cap. III, n° 3, edição de 1993, p. 16. O destaque é nosso).

Registre-se, mais uma vez, a sistemática omissão do autor da ação da Revolução na Religião. Ela só se manifestaria nos campos naturais: na "**cultura**", e nos domínios de "**ação do homem**". Deste modo, Deus e o demônio são sutil e habilmente excluídos da mente do leitor desse livro que pretende dar uma visão católica da luta entre a Revolução e a Contra Revolução. Sistemáticamente, o autor omite a Igreja da questão revolucionária.

A quarta característica capital da Revolução, segundo Plínio C. de Oliveira, é que a Revolução é **dominante**. Para ele, as resultantes do emaranhado de fatos no processo revolucionário seriam que "as **nações** ocidentais vão sendo gradualmente impelidas para um estado de coisas que se vai delineando igual em todas elas, e diametralmente oposto à **civilização crista**" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, I Parte, cap. III, n° 4, edição de 1993, p. 16. O destaque é nosso).

Como reconhece Plínio que "as **nações** ocidentais vão sendo gradualmente impelidas"... Quem as impele? Por que? Seriam sempre as tais paixões desregradas e cegas, que atuariam, há 4 séculos, de modo universal e calculado sobre todos as nações e todos os homens?

Estranho...

Mais uma vez, o autor coloca o efeito da Revolução apenas no campo natural: ele fala das **nações** e na **civilização cristã**. Ele não fala da Igreja como alvo primeiro do projeto revolucionário. Como se pode ver já, essa omissão da ação do demônio visando destruir a Igreja e a Fé católica é sistemática. O autor tem uma visão naturalista da revolução e da Contra revolução. Toda a tenção dele é para o campo natural.

E como se poderia levar todo um conjunto de nações cristãs a um estado de coisas diametralmente oposto àquele em que estavam sem que tenha existido um programa arquitetado e executado inteligentemente?

Ao analisar a quinta característica da Revolução—que ela seria um fenômeno processivo – o autor do livro em foco afirma:

"Essa crise(...) constitui (...) um processo crítico já cinco vezes secular, um longo sistema de causas e efeitos que, tendo **nascido, em momento dado**, com grande intensidade, **nas zonas mais profundas da alma e da cultura** do homem ocidental, vem produzindo **desde o século XV** até nossos dias, sucessivas convulsões" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, I Parte, cap. III, n° 5, edição de 1993, p. 17. O destaque é nosso).

Que a Revolução é um fenômeno processivo, não há dúvida. Mas que ela nasceu apenas das profundezas da alma humana, não o cremos, conforme se depreende de tudo o que dissemos na Introdução deste trabalho. Antes consideramos que ela nasceu de um plano de Lúcifer, coisa de que Plínio não trata.

E que momento dado foi esse em que a Revolução nasceu, no século XV?

Dizendo isso, o autor faz a Revolução de Lutero, na Idade Moderna, totalmente desvinculada de idéias e de movimentos precursores, o que é um absurdo teológico e uma mentira do ponto de vista histórico. Como já dissemos, ele separa o processo revolucionário de toda a guerra que, desde o começo da história, a raça da Serpente move contra a raça da Mulher.

Colocando um ponto de partida da Revolução em um certo ponto qualquer do século XV, Plínio recusa considerar doutrinas anteriores, e inúmeros fatos que prepararam a explosão revolucionária.

E na conclusão da análise do caráter processivo da Revolução escreveu Plínio Corrêa de Oliveira: "Influenciada e condicionada em sentidos diversos, por **fatores** de toda ordem - **culturais, sociais, econômicos, étnicos, geográficos** e **outros** – e seguindo por vezes caminhos em sinuosos, vai ela no entanto progredindo incessantemente

para seu trágico fim" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, I Parte, cap. III, n° 5, edição de 1993, p. 18. O destaque é nosso).

Registre-se, mais uma vez, que o autor – e isso é evidentemente sistemático – omite o fator religioso, que é o fundamental.

Como Plínio, que se dizia tão religioso, se esquecia sempre exatamente desse fator religioso?

Ele só enumera fatores naturais a influenciar a Revolução: culturais, sociais, econômicos, étnicos, geográficos e outros".

Claro que nessa última palavra "outros" cabe tudo, até mesmo a Religião, Lúcifer a Gnose e todos os capetas. Só que ele não enumerou o termo "religiosos" na qualificação dos fatores que influenciaram a Revolução.

E essa omissão sistemática é sintomática.

O que torna ainda mais estranha a omissão do caráter religioso no processo revolucionário, tal como Plínio o expõe, é que ele, nesse ponto de sua exposição, cita o texto de Pio XII, mostrando como a Revolução foi processivamente de negação em negação, começando por negar a Igreja, depois por negar a Cristo, para, por fim, negar a Deus.

Como mostramos mais acima, o texto de Pio XII deixa claríssimo que a Revolução foi feita pelo "Inimigo", isto, é por Satã, e que ela foi, antes de tudo, e essencialmente, religiosa. Plínio Corrêa de Oliveira omite isso.

8- AS TRÊS REVOLUÇÕES

A seguir, o autor mostra, o que era já conhecido por muitos: que a Revolução teve três etapas, uma causando a outra.

Leão XIII, Monsenhor Gaume e até Tancredo Neves haviam tratado desse tema.

A Reforma protestante causou a Revolução Francesa, e esta causou a Revolução russa, fatos históricos que analisaremos mais tarde.

Entretanto, o autor por não ter afirmado o fundamento teológico e doutrinário da Revolução, ele vai apontar na Reforma protestante apenas certos aspectos particulares como "*o espírito de duvida*", "*o liberalismo religioso*", "*o igualitarismo eclesiástico*".

Nem lhe passa pela cabeça, nem ele o diz, que havia uma só doutrina teológica gnóstica subjacente a esses três pontos da Reforma protestante. O ponto mais profundo que ele aponta na Reforma é "*o espírito de duvida*".

Mas, ele nem alude, e nem parece perceber que o livre exame luterano só se explica pela doutrina de uma imanência divina no homem, que Lutero adotou com base nas doutrinas gnósticas e cabalistas, em voga em seu tempo.

Da mesma forma, o autor em foco vai dizer que a Revolução Francesa fez triunfar o igualitarismo no campo religioso "*sob a forma do ateísmo especiosamente rotulado de laicismo*", e, na esfera política, recusando toda desigualdade como injusta e "*toda autoridade*" como "*um perigo*", e arvorando "*a liberdade como bem supremo*" (Op. cit. *Introdução*, p. 7).

O autor nem aborda o problema teológico posto pela adoração da Razão na pessoa de uma prostituta, praticado durante a Revolução na fase do Terror. Lutero também chamara a Razão "a meretriz louca".

Por que essa idêntica consideração da Razão humana como prostituta? Que havia por trás dessa mesma qualificação desprezadora da Razão, na mesma hora em que se propunha adorá-la?

Plínio nem se apercebe da ligação entre esses dois fatos, tão significativos, e nem se dá conta que eles se explicam pelo fato de que a Gnose odeia a inteligência humana, e que a razão seria uma coisa péssima criada pelo demiurgo, para enganar o homem.

Da mesma forma, sua concepção do igualitarismo é puramente social e política, -- embora ele tenha aludido antes ao igualitarismo metafísico -- ele jamais raciocina que a igualdade humana teria fundamento na idéia de que a divindade, sendo imanente em cada um, faria todos os homens serem divinamente iguais. Portanto, que por trás das aparências, haveria o monismo.

Por isso, o autor não trata da questão do por quê Robespierre condenou os adoradores da Razão à guilhotina, dizendo que o ateísmo era "aristocrático", e fazendo adorar o Ser Supremo. Plínio nem se pergunta como o igualitarismo da Revolução, que considerava toda a desigualdade injusta, como ele podia admitir a adoração de um Ser Supremo.

Igualdade com um Ser Supremo?

Do comunismo, ele diz apenas que ele é "*a transposição destas máximas [da Revolução Francesa] para o campo social e político*" (Op. cit. **Introdução**, p. 7).

Não há nesse livrinho de Plínio C. de Oliveira sequer sombra de análise do materialismo-espiritualista de Marx, e de sua relação com a Gnose de Hegel, tal qual a expôs Engels. Plínio julga Marx materialista bruto, e nada mais.

Esta ausência de um fundamento doutrinário único na Revolução leva o autor em foco a afirmações absolutamente incongruentes como, por exemplo, estas:

"Essas três revoluções são episódios de uma só Revolução, dentro da qual o socialismo, o *liturgicismo*, a "*politique de la main tendue*", etc. são *etapas de transição ou manifestações atenuadas*" (Op. cit. **Introdução**, p. 7).

Como pode Plínio C. de Oliveira afirmar que o liturgicismo é uma etapa da Revolução?

Isso é um absurdo.

O liturgicismo não é uma etapa da Revolução. O liturgicismo é a aplicação da Gnose—especificamente da Gnose Modernista, da qual Plínio nunca trata --- à Liturgia.

Omitindo que existe uma unidade doutrinária na Revolução o liturgicismo passa a ser apenas uma etapa tática dos planos de implantação do igualitarismo, negando-se-lhe qualquer aspecto doutrinário mais profundo. Por tudo isso, o livro *Revolução e Contra Revolução* é de uma superficialidade surpreendente. Esse desconhecimento da raiz doutrinária do

liturgicismo é que vai levar Plínio e seus eremitas a zigzaguear na questão da Nova Missa de Paulo VI. Dr. Plínio fará acordo com a CNBB para não publicar um livro escrito por Arnaldo Vidigal Xavier da Silveira contra a Nova Missa de Paulo VI.e, anos depois, Scognamiglio e os eremitas de PCO aceitarão essa Nova Missa e participarão de Missas carismáticas.

Pior: esse livro oculta que o demônio e a Gnose estejam na base da Revolução.

Ele faz isso por ignorância doutrinária? Ou teria Plínio Corrêa de Oliveira outra finalidade?

Se ele tinha outra finalidade, se ele ocultava propositadamente a idéia de que a Revolução é gnóstica, e de que ela se insere na grande batalha entre Deus e Satã, então ele sistematicamente omitiria fatos e raciocínios que conduziram a essa compreensão.

Veremos, mais adiante, à medida que transcorrer esta análise, se esse ocultamento é sistemático ou não.

Haveria ainda que observar dois pontos secundários colocados na Introdução do livro em foco.

O primeiro seria a observação do autor de que não visou fazer *"uma demonstração cabal de cada afirmação"* contida em seu livro. Justiça manda que não se exija, então, que ele prove tudo o que afirma, especialmente em matéria de fatos. O que não justifica erros de princípio, como os que apontamos já neste início de nossa análise.

Segunda observação: o autor afirma que seu artigo *"pode servir de inquérito"*. *"O que no Brasil e fora dele, pensa exatamente sobre a Revolução e a Contra Revolução o público que lê Catolicismo?"* E o autor afirma então que *"cada um se interrogue, e nos envie sua resposta, que com todo o interesse acolheremos"* (Op. cit. **Introdução**, pp. 9-10).

Que propunha Plínio?

Uma enquête de opinião sobre o que é a Revolução?

Essa seria uma proposta subjetivista e relativista, surpreendente num autor que se peja de ser anti liberal.

9- AS TRÊS PROFUNDIDADES DA REVOLUÇÃO SEGUNDO PLÍNIO C. de OLIVEIRA

O autor que analisamos distingue três profundidades na Revolução:

1ª nas tendências desordenadas;

2ª nas idéias;

3ª nos fatos.

E diz:

"A primeira [profundidade], isto é a mais profunda, consiste em uma crise nas tendências. Essas tendências desordenadas, que por sua própria natureza lutam por realizar-se — [Mas que cheiro de Freud !] — já não se conformando com toda uma ordem de coisas que lhes é contrária, começam por modificar as mentalidades, os modos de ser, as expressões artísticas, os costumes, sem desde logo tocar de modo direto—habitualmente, pelo menos, nas idéias" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, ed. cit., Parte I, cap. V, nº 1, p. 3. O destaque é nosso).

As tendências desregradas não agiriam explícita e diretamente, mas quase de modo subconsciente. Repetimos: que cheiro de Freud!

Desse modo, como Freud, o mais profundo do homem não seria sua inteligência, e sim as paixões desregradas, que, como o id de Freud, lutariam para vir à tona, para se libertarem dos liames do consciente e da lei.

Plínio raciocina como se as "tendências desordenadas" desejassem, pensassem e fossem capazes de arquitetar planos, a fim de, inicialmente, astutamente apenas modificarem as mentalidades, sem tocar diretamente em idéias e doutrinas, para depois gerarem idéias explícitas, e, finalmente, realizarem, de fato, seus desejos ocultos mais profundos.

Mas isso é Freud com seu id!

As tais tendências desordenadas seriam incrivelmente inteligentes, ordenadoras e planejadoras. O que é uma contradição absurda.

Plínio Corrêa de Oliveira faz das tendências desordenadas—as suas famosas e antigas paixões desordenadas — uma raiz diabólica imanente ao homem. Para negar a existência do demônio e da Gnose na raiz da Revolução, ele acabou por tornar a antiga Serpente imanente ao homem.

E o autor confirma que as idéias — pelo menos as idéias revolucionárias — nasceriam nessas camadas mais profundas da alma humana, onde as paixões desregradas se agitam com o fim de se realizarem livremente:

"Dessas camadas profundas, a crise passa para o terreno ideológico. Com efeito, — como Paul Bourget pôs em evidência em sua célebre obra *Le Démon du Midi* [Plon, Paris, 1914, vol. II, p.375] — "*cumpro viver como se pensa, sob pena de, mais cedo ou mais tarde, acabar por pensar como se vive*". Assim, **inspiradas pelo desregramento das tendências profundas, doutrinas novas eclodem**" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, ed. cit., Parte I, cap. V, nº 1, p. 34. O destaque é nosso).

Para o autor, como vimos, as idéias revolucionárias proviriam das tendências desregradas que se agitariam nas camadas mais profundas de nossa alma. Desse modo, o pensamento humano não teria origem no exame intelectual da realidade exterior ao homem, e sim nas camadas mais profundas do eu interior. E esta é uma doutrina tipicamente romântica e freudiana.

Claro que não se pode negar que as paixões desregradas podem inspirar idéias com as quais o homem procure se justificar e escusá-las. O que contestamos aqui é a afirmação de que as idéias revolucionárias—a raiz última da Revolução — sejam as paixões desregradas e não uma doutrina elaborada pela Sinagoga de Satanás, para tentar destruir a Igreja Católica, e que, acidentalmente, pode explorar as paixões humanas desregradas para melhor se difundir.

A raiz da Revolução é satânica, religiosa e anti metafísica. Numa palavra, é a Gnose.

E ver a Gnose no fundo dos grandes problemas da História não é obsessão nossa, como pessoas que ignoram a História podem alegar, mas o resultado das pesquisas dos mais abalizados especialistas em História, e na História das Religiões.

O que é uma obsessão em Plínio é pretender explicar tudo só pelas tendências imorais do homem.

[E por que o autor cita o modernista Paul Bourget sem lhe fazer qualquer restrição ou crítica? Num livro que tem muito poucas citações, citar esse nome é dar-lhe uma importância particular, que ele não merece, pois Paul Bourget era um homem favorável à heresia do americanismo, e lançador do movimento neo cristão. Seus amigos estavam nos círculos modernistas. Portanto, era um revolucionário típico. Como entra ele, sem retrições, num livro que se peja de ser contra revolucionário? Só num país em que se conhece tão pouco da História da Igreja há quem se atreva citar um filo modernista num livro dito "tradicionalista" (Cfr. Abbé Emmanuel Barbier, *Histoire du Catholicisme Liberal et du Catholicisme Social em France*, Editions Saint-Rémy, vol. III, p. 226). Outros que Plínio vai citar serão: um, o maçom Joseph de Maistre, e outro os "tradicionalistas" De Bonald e Donoso Cortés... Que seleção!]

Se a Revolução moderna tivesse nascido assim, ela não teria tido ligação nenhuma com as seitas e doutrinas anteriores. Ela não teria tido ligação alguma com a luta que o demônio move contra Deus e sua Igreja, na História.

E Plínio Corrêa o diz expressamente: "**inspiradas pelo desregramento das tendências profundas, doutrinas novas eclodem**".

O Luteranismo não foi realmente uma doutrina completamente nova. Ele era a velha Gnose expressa em novo figurino alemão e luterano.

E ainda: "A mais possante força propulsora da Revolução está nas tendências desordenadas" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, ed. cit., Parte I, cap. VI, nº 1, p. 37).

"As tendências produzem crises morais, doutrinas errôneas, e depois revoluções. Umas e outras, por sua vez, exacerbam as tendências. Estas últimas levam em seguida, e por um movimento análogo, a novas crises, novos erros, novas revoluções" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, ed. cit., Parte I, cap. VI, nº 1, letra C, p. 39).

"É que as **paixões desordenadas**, indo num crescendo análogo ao que produz a aceleração na lei da gravidade, e alimentando-se de suas próprias obras, acarretam conseqüências que, por sua vez, se desenvolvem segundo intensidade proporcional. E na mesma progressão os **erros geram erros**, e as revoluções abrem caminho umas para as outras" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, ed. cit., Parte I, cap. VI, nº 3, p. 40. O destaque é nosso).

Se fosse assim, como as paixões desordenadas não são um "privilegio" do homem ocidental e cristão, mas são comuns a todo homem, então sempre e em toda a parte haveria a mesma Revolução, coisa que não aconteceu exatamente do mesmo modo, em toda a parte, e em toda a História. E não se poderia isolar a Revolução a um fenômeno ocidental, e a partir do século XV. Por outro lado, posto um princípio errado, dele nascerão logicamente conseqüências doutrinárias erradas. Não são as paixões que geram idéias erradas. As paixões exacerbadas ao máximo tendem, pelo menos por vezes, para uma frustração e para um esgotamento final, para um colapso.

O menos, de si mesmo, não pode produzir o mais. As paixões são menos que as idéias, e não podem, por si mesmas, gerá-las, e muito menos, gerar sistemas de idéias. E, muito menos, conceber planos universais para mudar a História. Há uma inteligência na raiz da Revolução. E uma inteligência diabólica. Essa inteligência luciferina pode explorar—e explora, e explorou—as paixões humanas. Foi ela quem arquitetou a Revolução contra Deus, contra Cristo e contra a Igreja.

"Astiterunt reges terrae et principes convenerunt in unum adversus Dominum et adversus Christum ejus"= "Os Reis da terra se sublevaram, e os príncipes coligaram-se contra Deus e contra seu Cristo"(Os; II, 2).

O autor, por vezes, se confunde, e acaba dizendo das paixões desordenadas o que é próprio dos princípios intelectuais:

"Como os cataclismos, as **paixões têm uma força imensa, mas para destruir (...)** Nas primeiras **negações** do protestantismo, por exemplo, já estavam implícitos os anelos anarquistas do comunismo. Se, do ponto de vista da formulação explícita, Lutero não era senão Lutero, todas as tendências, todo o estado de alma, todos os imponderáveis da explosão luterana já traziam consigo, de modo autêntico e pleno, embora implícito, o espírito de Voltaire e de Robespierre, de Marx e de Lênin" (Plínio Corrêa de

Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, ed. cit., Parte I, cap. VI, nº 1, letra B, p. 38. Os destaques são nossos).

Nestas frases acima, o pseudo profeta da TFP, sem se aperceber, passou das **paixões** essencialmente destruidoras, para as **negações**. Ora, as **paixões**, de si, não fazem **negações**. Quem afirma ou nega é a inteligência. Afirmações e negações são coisas próprias do intelecto, e não das paixões. O que continha implicitamente as teses da Revolução Francesa e do Comunismo russo eram os princípios do protestantismo e não as paixões alemãs do século XVI. E princípios errados não são "imponderáveis". São idéias fundamentais bem compreensíveis.

De novo, salientamos: o erro de Plínio é omitir a causa doutrinária, raiz da Revolução, para isolar a Revolução de movimentos doutrinários anteriores a ela. A Revolução não é um fato novo totalmente isolado da guerra que a Serpente e a sua raça movem contra a Mulher e a sua raça na História. Imaginar o luteranismo como fruto apenas do desregramento de paixões, vendo nelas a raiz mais profunda do protestantismo, esquecendo, e nem mencionando sua relação com a Gnose de Eckhart e como nominalismo de Ockham é torcer completamente a realidade histórica, e desviar as mentes da verdadeira compreensão do que é a Revolução. É fazer da Revolução, ataque profundo de Lúcifer contra a Fé—usando também a corrupção e as paixões desregradas, é verdade—um mero episódio moral isolado, e não uma batalha importante na seqüência da guerra doutrinária do demônio contra Deus e sua Igreja, na História.

Mais do que fazer o homem cometer pecados contra a caridade, o demônio visa destruir a Fé. Plínio faz, do simples pecador por orgulho ou por sensualidade, um arquiteto da Anti Igreja, o que é um erro, um exagero, e uma generalização enganadora.

Isso conduz a um problema importante; pode um herege ou infiel ser contra-revolucionário?

Se todo revolucionário é um pecador dominado por paixões desregradas, um homem materialmente herege, e que não fosse dominado por paixões desregradas, poderia ser um contra revolucionário?

E uma pessoa inteiramente católica em sua fé, mas dominada pelo sensualismo, por exemplo, poderia ser, de fato, um revolucionário ?

Para ser contra-revolucionário é necessário ser católico?

Para ser contra revolucionário ou revolucionário, importa a Fé ou a caridade ?

Que pensava Plínio sobre essa questão?

Vejamos, primeiramente o que ele pensava a respeito da possibilidade de um herege ser contra-revolucionário:

"Podemos falar de contra-revolucionários protestantes, muçulmanos, etc.? A resposta precisa ser muito matizada. Fora da Igreja não existe

autêntica Contra-Revolução. Mas podemos admitir que determinados protestantes ou muçulmanos, por exemplo, se achem no estado de alma de quem começa a perceber toda a malícia da Revolução, e a tomar posição contra ela. De pessoas assim é de esperar-se que venham a opor à Revolução barreiras por vezes muito importantes: se corresponderem à graça, poderão tornar-se católicos excelentes e, portanto, contra-revolucionários eficientes. Enquanto não o forem, em todo caso obstam em alguma medida à Revolução e podem até fazê-la recuar. No sentido pleno e verdadeiro da palavra, eles não são contra revolucionários" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, ed. cit., Parte II, cap. XII, nº 10, pp. 155-156).

Plínio imagina que um protestante, ou um maometano, possam perceber a malícia da Revolução, isto é, a ação das paixões desregradas e suas justificativas falsas, e começar a combatê-las, sem deixar a heresia protestante ou a infidelidade do Islam.

Como poderia um protestante combater o orgulho defendendo o livre exame e recusando o papa, ou combater a sensualidade e aceitar, ao mesmo tempo, inteiramente o princípio negador do livre arbítrio, ou de que basta a Fé sem as obras para a salvação?

Por esse texto citado acima, parece claro que Plínio não admitia que um protestante pudesse ser plenamente contra-revolucionário, se fosse inteiramente protestante. E nesse ponto cremos que ele tinha razão, já que a revolução é gnóstica e toda heresia é, de algum modo, gnóstica.

Mas, pergunta mais Plínio:

"Se o protestantismo é filho da Revolução, está de má fé todo protestante? Não colide isto com a doutrina da Igreja que admite que haja, em outras religiões, almas de boa fé?

"É óbvio que uma pessoa de inteira boa fé e dotada de um espírito fundamentalmente contra revolucionário, pode estar presa nas malhas dos sofismas revolucionários (sejam de índole religiosa, filosófica, política, ou outra qualquer) por uma ignorância invencível. Em pessoas assim não há qualquer culpa" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, ed. cit., Parte I, cap. VIII, nº 3, p. 79).

Logo, para Plínio, um herege de boa fé, pode ter espírito Contra-Revolucionário. Para ser Contra-Revolucionário, então, não seria essencial um repúdio explícito da heresia, nem uma adesão explícita à doutrina católica.

Em contra partida, que dizia Plínio da seguinte questão: se um católico de íntegra fé poderia ser revolucionário?

"Entre as forças da Revolução, cumpre não omitir os **católicos que professam a doutrina da Igreja, mas estão dominados pelo espírito revolucionário**" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, ed. cit., Parte I, cap. VI letra D, p. 48. Os destaques são nossos).

Portanto, para Plínio, um católico de inteira fé católica, um católico que professasse a fé integralmente poderia ser revolucionário, por estar dominado pelo "**espírito revolucionário**".

Que significa isso ?

A integridade da fé poderia admitir, então, a coexistência com o "espírito revolucionário" numa alma? Se fosse assim, a Revolução não teria propriamente uma doutrina. Ela teria um espírito de pecado, pelo desregramento das paixões, mas sem repudiar a fé. A Revolução não seria uma heresia. Ela não teria, em sua raiz, uma doutrina herética. E é o que Plínio defende sistematicamente nessa sua obra que analisamos.

Plínio não coloca uma doutrina como raiz da Revolução, e sim as paixões desregradas contrárias à caridade. Assim, um herege de "boa fé", isto é, que cumprisse os mandamentos, controlando suas paixões, poderia ser contra-revolucionário, pelo menos em certa medida. Pois se a raiz da Revolução são as paixões desregradas, a fé que a pessoa professa não faria necessariamente da pessoa uma Revolucionária, e nem faria que ela fosse Contra Revolucionária. Dependeria dela entregar-se ou não às paixões desregradas. E um católico de fé íntegra, mas pecador, seria sempre um revolucionário.

A negação de que haja um só sistema doutrinário na raiz da Revolução levará o autor que analisamos a considerar que uma pessoa de doutrina inteiramente católica pode ser, de fato, revolucionária, porque movida pelas paixões, e em que pese sua boa doutrina. E, por razões opostas, Plínio C. de Oliveira considera que um herege protestante—de "boa fé" — poderia ser, pelo menos em certa medida, um contra revolucionário.

Portanto, a Revolução seria apenas um pecado contra a Caridade, sem afetar a ortodoxia. Ser Revolucionário — protestante, liberal, ou comunista— nem sempre significaria aderir a uma heresia.

O que é contra a Fé.

10 - Um Capítulo Absurdamente Ausente

Uma falha bastante grave no pequeno livro de Plínio sobre a Revolução e a Contra Revolução é a ausência de qualquer consideração filosófica, como se as três Revoluções não tivessem nenhuma relação com a Filosofia. Certamente essa ausência provém do fato que Plínio, negou haver uma raiz doutrinária à Revolução.

Como, entender a Revolução Russa sem considerar Marx e Hegel?

Como compreender o nazismo sem falar em Nietzsche, Spencer e na Teosofia romântica? E como entender a Revolução Francesa sem tomar conhecimento dos filósofos pré-revolucionários, iluministas enciclopedistas racionalistas, Montesquieu, Voltaire e Diderot, ou ignorando o irracionalismo quietista de Rousseau? Ou ainda como compreender o século XIX sem falar dos idealistas alemães?

Como compreender a Reforma sem conhecer Mestre Eckhart, o Cardeal de Cusa, a Cabala, pelo menos a dos cabalistas cristãos, e o nominalismo de Ockham?

Como pretender falar do Renascimento e o Humanismo sem aludir ao Hermetismo de Marsílio Ficino, sem conhecer o Dolce Stil Nuovo, e Pico de la Mirandola?

Como falar de Revolução sem citar Descartes, Boehme, Spinoza e Novalis, sem mencionar Schelling, Bergson e Blondel?

Plínio nem cita qualquer desses nomes, porque, para ele, a Revolução não tem idéias. Só tem paixões desregradadas.

Sua visão da História é anti doutrinária, e anti intelectual. Ele – como todo romântico – dá preferência a uma visão voluntarista da História e do homem. Daí, sua exclusão de uma causa doutrinária profunda para a Revolução.

Vem dessa cosmovisão predominantemente voluntarista e anti intelectual – Plínio, como todo romântico, preferia falar em intuição do que em intelecção -- a formação que dava ele a seus seguidores tefepistas, formação polarizada, eivada de pelagianismo voluntarista, ou de jansenismo desesperado. Daí, sua conseqüente atuação política meramente ativa. Daí, os tefepistas verem a História dicotomicamente: de um lado um universo essencialmente mau; e de outro a esperança de um Reino de Maria, paradisíaco a ser realizado na terra. E essa visão também é fruto de um pensamento milenarista gnosticizante.

Na realidade, cada uma das três grandes Revoluções teve uma filosofia própria.

O misticismo gnóstico de Eckhart e o nominalismo racionalista de Ockham, assim como o neoplatonismo hermético de Marsílio Ficino e a filosofia dialética do Cardeal de Cusa alimentaram a primeira Revolução.

Ao período absolutista correspondeu a Filosofia de Descartes cujo método racionalista foi a seiva primeira do Ancien Regime, alimentando o racionalismo renascentista e o cientificismo religioso de certo protestantismo.

O racionalismo tudo pretendia compreender. Entretanto, cada indivíduo consta a limitação de sua própria razão. Se toda razão individual se vê como finita, como sustentar que a razão, em si mesma, seja ilimitada? Como sustentar que a razão pode tudo compreender? Com justeza, Karl Popper constatou que o racionalismo é uma fé irracional na razão (Cfr Karl Popper, **A Sociedade Aberta e seus Inimigos**, Edusp, Itatiaia, dois volumes, São Paulo 1972, 2º vol. p. 274).

Se, de um lado, o cartesianismo era racionalista, de outro lado, o seu "*Cogito, ergo, sum*" conduzirá ao subjetivismo irracionalista e subjetivista. Pela primeira vez, com Descartes, se buscava o conhecimento não partindo da realidade exterior ao homem, mas do interior do eu. O homem se voltava sobre si mesmo, admitindo, no fundo, que era o seu pensamento o produtor da realidade externa.

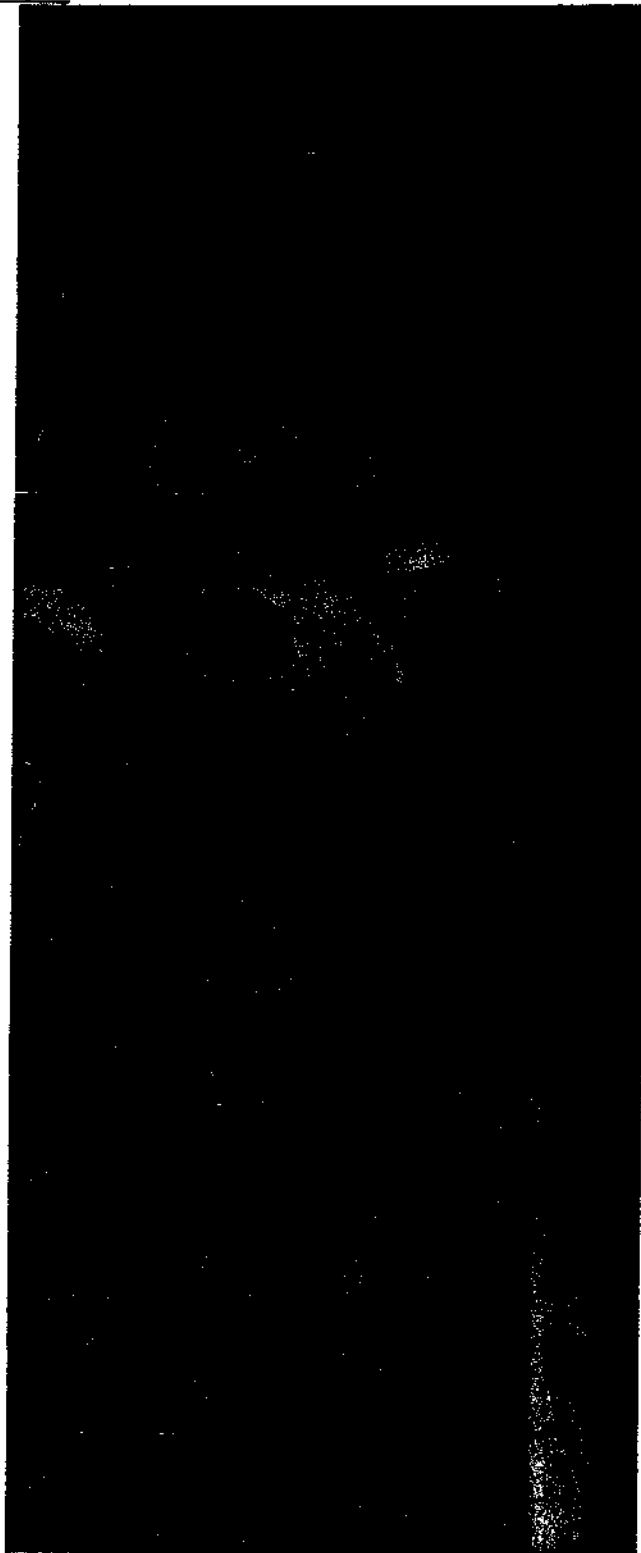
Do Racionalismo e do "Cogito" cartesiano é que vão nascer, de um lado, o empirismo e o iluminismo racionalista do século XVIII com sua pretensão de dominar o mundo pela razão, e, de outro lado, o irracionalismo de Rousseau, assim como o subjetivismo do Idealismo alemão, filho direto da teosofia cabalista de Jacob Boehme.

Para o idealismo, cada sujeito teria a sua verdade.

A verdade enquanto tal – adequação da idéia do sujeito ao objeto – não existiria. A verdade objetiva passaria a ser tida como ilusão. A verdade seria a adequação do objeto à idéia de cada sujeito. Cada um teria a sua verdade. O Idealismo faria da idéia de cada sujeito o Verbo criador. E desse subjetivismo é nasceria o individualismo da Revolução Francesa, a liberdade de opinião, de religião, a separação entre Igreja e Estado, a liberdade de imprensa, a separação entre economia e moral do Capitalismo, o dualismo de Hegel, etc.

Finalmente, do subjetivismo idealista ia nascer o marxismo, que não admitiria nenhuma verdade objetiva. O dualismo hegeliano admitido por Marx ia considerar a realidade em constante evolução dialética. Sujeito e objeto, em constante mutação dialética, se identificariam numa constante oposição que impediria a idéia de se adequar estavelmente ao objeto e vice versa. A verdade seria inexistente e impossível de ser alcançada. Nenhum valor existiria realmente.

11- Arte e Revolução



O Jardim das Delícias – Hieronymus Bosch



O Triunfo da Morte – Pieter Bruegel

Também a Arte pode ser revolucionária ou Contra Revolucionária sem depender da fé do artista. Para Plínio C. de Oliveira a Arte é algo "misterioso"...

"Quanto às artes, como Deus estabeleceu **misteriosas** e admiráveis relações entre certas formas, cores, sons, perfumes e sabores de um lado, e de outro lado certos estados de alma, é claro que por estes meios se pode influenciar a fundo as mentalidades e induzir pessoas, famílias e povos à formação de um estado de espírito profundamente revolucionário. Basta lembrar a analogia entre o espírito da Revolução Francesa e as modas que durante ela surgiram" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, ed. cit., Parte I, cap. X, nº 2, p. 83).

Se Plínio não admite que haja um sistema de idéias na raiz da Revolução, como admitiria ele que houvesse doutrinas na Arte?

Para o autor em foco, a Arte tem relações "misteriosas" entre formas, cores, sons etc. Até parece que Plínio leu Beaudelaire. Mas é certo que não leu o que São Tomás diz sobre Arte e Beleza. E parece que também não conhecia o que dizia Beethoven sobre a sua música: "Em minhas sinfonias, há mais filosofia do que num tratado de Metafísica".

A Arte é a expressão de uma filosofia por meio de símbolos, e uma escola de arte é um sistema filosófico colocado num sistema coerente de símbolos

Se Plínio nem cita as correntes filosóficas que geraram a Revolução, como poderia falar objetivamente da influência das Artes no pensamento e na Arte revolucionária?

Os símbolos são objetivos e como bem definiu um autor muito suspeito por seu neo platonismo- o Pseudo Dionísio – "símbolo é o inteligível no sensível". Todo símbolo carrega em sua materialidade uma idéia. Por isso a Arte transmite pensamentos e doutrinas. É então mais por meio da Arte do que pelos tratados de Filosofia que as idéias filosóficas chegam ao povo, e vão formando ou deformando sua mentalidade.

Essa é a razão pela qual pode haver uma Arte Católica ou uma Arte Gnóstica.

Negar isto e julgar que a verdadeira Arte se limita simplesmente a uma boa execução técnica seria equivalente a pensar que um texto bem digitado, ou gramaticalmente correto, só por isso, seria poético ou literário.

Pois é claro que se a "Arte é a reta razão no fazer", como ensinou São Tomás de Aquino, mas visando um fim, que é o de elevar a alma humana a Deus, então, a arte é racional, e há verdades reconhecíveis, nas obras de Arte. E se Beleza é definida por São Tomás como "o bem claramente

conhecido", é evidente que na Beleza se encontram bem e verdade conhecidos claramente e não "misteriosamente".

A Arte, lembrou com razão Pio XII, é uma janela aberta para o infinito. Deus é Verdade, bondade e beleza absolutas. Em Deus Verdade, Bondade e Beleza se identificam uma com as outras, não havendo distinção entre elas.

Deus criou o mundo à sua imagem e semelhança. Portanto, a bondade, a verdade e a beleza existentes no mundo são imagens da Bondade, da verdade e da Beleza infinitas de Deus. Por isso, a alma humana encontra na obra de arte perfeita o Bem que sacia a sua vontade, a verdade que satisfaz sua inteligência, e a beleza que satisfaz sua alma toda, permitindo-lhe sentir racionalmente o prazer estético.

O apogeu da Arte se deu na Idade Média com o gótico radiante.

No Classicismo renascentista já começou a decadência e a Revolução na Arte, porque para o classicismo Renascentista, a Arte deveria estar separada da Moral. A Arte deveria buscar apenas a verdade racional e a beleza que agrada. O transcendental bonum ficou excluído da Arte, tornando a obra de arte apenas racional e agradável, mas não moral.

Ao lado da obra de arte racionalista, preocupada antes de tudo com a transmissão de uma idéia e de obedecer às leis racionais da estética, houve no Classicismo renascentista um outro tipo de arte hermética, que procurava transmitir a Gnose através de imagens. As obras de Botticelli, de Leonardo e de Michelangelo se incluem nesse campo.

Com a cisão da primeira Revolução em um ramo racionalista e noutro irracionalista, a arte clássica cindiu-se numa escola racionalista e otimista, de tendência panteísta – a escola Barroca –, e outra irracionalista e mágica, que deu origem ao pessimismo maneirista, origem do Romantismo e da Arte Moderna.

O Romantismo foi uma revolta e uma consequência do Classicismo.

Se não se deveriam respeitar as leis da Moral na Arte, se a Arte devia ser separada do bem, porque ela deveria respeitar as leis da beleza? Se não existe o bem, porque aceitar uma verdade objetiva?

O Romantismo negou o bem e a verdade na arte. O Romantismo é irracionalista, e se compra na fuga do racional e do lógico. Só quer o agradável. E o que é agradável sem razão, ou contra a razão, é o pecado.

O idealismo alemão recusava exatamente a objetividade da verdade. Daí, o Romantismo buscar só o agradável, repudiando a Moral e a Verdade na Arte.

No Romantismo, escola tipicamente gnóstica – (Cfr. Orlando Fedeli, **Origens do Romantismo Alemão**, primeiro capítulo da Tese **Elementos Cabalísticos e Esotéricos nas Visões de Anna Katharina Emmerick** in www.montfort.org.br) – também se deu a cisão entre uma corrente racionalista e cientificista -- o Romantismo realista ou naturalista—e outra mágica, irracional e gnóstica, a do Romantismo lírico e simbolista, eivado de teosofia.

Destas correntes românticas nascerá a Arte Moderna, também ela com duas correntes dialeticamente contrárias e iguais: uma racionalista, como a do purismo de Le Corbusier e o Construtivismo, outra mágica e gnóstica como o Abstracionismo de Kandinsky e de Paul Klee, o Stylil de Mondrian, ou o Surrealismo de André Breton e Salvador Dali.

A Arte Moderna vai radicalizar a revolta romântica, e vai confessar isso. Os principais teóricos da Arte Moderna reconhecem que eles são a cauda conseqüente do romantismo.

Assim como o Renascimento clássico repudiou a Moral na Arte, assim como o Romantismo, repudiou, além do Bem, a verdade, buscando satisfazer só a sensibilidade, pelo agradável estético, assim a Arte Moderna repudiou o Bem, a Verdade e o Belo, buscando "corajosamente o feio" como proclamaram os dadaístas.

Por isso, se a Arte verdadeira busca a Deus através do bem, da verdade e da beleza—que é o bem claramente conhecido — a Arte Moderna busca o pecado, o mal, a mentira e o feio. Busca o demônio. A Arte Moderna é diabólica.

E é o que é confessado por alguns teóricos mais ousados, como veremos logo mais abaixo..

(Num trabalho de simples crítica, não podemos senão esboçar algumas linhas de pensamento, que pretendemos desenvolver em obras posteriores, mais completas sobre a Gnose, as Revoluções e a Teologia da História).

Plínio Corrêa de Oliveira desconhece tudo isso, como se comprova nos textos dele que tivemos ocasião de criticar em nossas Sete Cartas Anti Românticas. E seu subjetivismo liberal e romântico, no julgar obras de Arte, o leva a ser compreensivo até com relação à Arte Moderna, pois diz:

"Por isto, em concreto, é necessário reconhecer que a democratização geral dos costumes e dos estilos de vida, levada aos extremos de uma vulgaridade sistemática e crescente, e a ação proletarizante de **certa arte moderna**, contribuíram para o triunfo do igualitarismo tanto ou mais do que a implantação de certas leis, ou de certas instituições essencialmente

políticas". (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, ed. cit., Parte I, cap. X, nº 4, p. 84. O destaque é nosso).

Então, só "certa arte moderna" seria criticável? Haveria, para Plínio, "certa arte moderna" aceitável? E o grande mal da Arte moderna seriam apenas a vulgaridade e a proletarização crescentes, e não a Gnose e o satanismo.

E para aqueles que não reconhecem que há Gnose na Arte Moderna, mais que a Gnose é a doutrina que "explica" a Arte Moderna bastará citar duas autoridades no assunto. André Breton, o fundador do Surrealismo e Anélie Jaffé.

No **Segundo Manifesto do Surrealismo**, em 1924, escreveu André Breton que o fio condutor para se entender a Arte Moderna é a Gnose:

Para André Breton, líder do Surrealismo, "sobre o fundo do problema, que é o das relações do espírito humano com o mundo sensorial, o surrealismo se encontra aqui com pensadores tão diferentes quanto Louis-Claude de Saint Martin e Schopenhauer" [Os dois são pensadores gnósticos] (André Breton, **Manifestos do Surrealismo, Do Surrealismo e suas Obras Vivas**, editora Brasiliense, São Paulo, 1985, p. 230).

Mais ainda, André Breton declarou explicitamente, que para que o homem reconheça corretamente o que o cerca...

"Para isso, o grande recurso de que dispõe é a intuição *poética*. Ela, enfim, libertada no surrealismo, apresenta-se como assimiladora de todas as formas conhecidas, mas ousadamente criadora de novas formas--- ou seja, em posição de abranger todas as estruturas do mundo, manifestado ou não. Só ela nos provê o fio que remete ao caminho da Gnose, enquanto conhecimento da Realidade supra-sensível, invisivelmente visível num eterno mistério"(André Breton, **Manifestos do Surrealismo, Do Surrealismo e suas Obras Vivas**, editora Brasiliense, São Paulo, 1985, p. 231 Os destaques são nossos).

E Anélie Jaffé, a discípula de Carl J. Jung, demonstrou que espírito da Arte Moderna é o espírito da Terra, o espírito de Hermes, aquele que na linguagem do Cristianismo se chamou de diabo.

"O espírito em cujo mistério a arte estava submersa era um espírito terrestre, aquele a que os alquimistas medievais chamavam de Mercúrio. Mercúrio é o espírito que esses artistas pressentiam ou buscavam "por trás da natureza e das coisas". O seu misticismo não era cristão, pois o espírito de Mercúrio é estranho ao espírito "celeste". Na verdade, era o velho e tenebroso adversário do cristianismo que maquinava seu caminho arte adentro. Começamos a ver aqui a verdadeira significação da "arte moderna". Tal como os movimentos herméticos da Idade Média, ela deve ser

compreendida como um misticismo da terra, e, portanto, uma expressão de nossa época de compensação ao cristianismo" (...) "Como já observamos, os alquimistas personificavam este espírito como "o espírito de Mercúrio", e chamaram-no muito adequadamente, "*Mercurius Duplex*" (O Mercúrio de duas caras, dual). Na linguagem do cristianismo, chamam-lhe diabo. (...) Considerada sob o ângulo destas dificuldades e paradoxos, a arte moderna (que reconhecemos como um símbolo do espírito terrestre) também tem um aspecto duplo. No sentido positivo, é a expressão de um misticismo da natureza, tão misterioso quanto profundo; no sentido negativo, só pode ser interpretada como a expressão d um espírito mau ou destruidor. Os dois aspectos são inseparáveis, pois o paradoxo é uma das qualidades básicas do inconsciente e dos seus conteúdos" (Anélie Jaffé, **O Simbolismo nas Artes Plásticas**, capítulo V do livro de Carl G. Jung, **O Homem e seus Símbolos** – editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 4ª edição, , pp.262-263 e p. 267)

Portanto, a chave da Arte Moderna é a Gnose, seu espírito é duplo, dialético, é o espírito de Hermes, ou Mercúrio, aquele que a Igreja chama de diabo. A arte Moderna é gnóstica e satânica

Para Plínio Corrêa de Oliveira apenas "certa Arte Moderna" seria criticável por ser proletarizante...

O que é pouco

O que é pouco demais.

E por demais superficial.

Isso tudo é consequência da separação da questão revolucionária de uma raiz doutrinária.

Plínio não toma conhecimento da profunda relação entre Arte e religião.

Sua obra é de uma superficialidade e de uma falta de seriedade intelectual que só tem paralelo com a sua pretensão de ter escrito um profundo Tratado de Filosofia da História.

Na realidade, ele escreveu só um Mini Corão.

E enganador.

12- A Revolução, o Pecado e a Redenção

- A Utopia Revolucionária.

Nesse capítulo do Mini Corão da TFP, seu autor começa por lembrar que a Revolução faz subestimar ou negar "as noções de bem e de mal, de pecado original e Redenção" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, ed. cit., Parte I, cap. XI, , p. 85).

Note-se que ele omite dessa subestimação e dessa negação a Verdade e a Fé.

Nada mais lógico. Se Plínio não relaciona a Revolução com a ação do demônio, pai da mentira, se não há, na raiz da Revolução, uma doutrina, não surpreende que ele omita a negação da verdade e da Fé pela Revolução.

E de omissão semelhante, ele acusa a Revolução:

"A Revolução é, como vimos, filha do pecado. Mas, se ela o reconhecesse, desmascarar-se-ia, e se voltaria contra a sua própria causa.

"Explica-se, assim, por que a Revolução tende, não só a passar sob silêncio a raiz do pecado da qual brotou, mas a negar a própria noção de pecado" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, ed. cit., Parte I, cap. XI, n^o 1, p. 85).

Só que para Plínio o pecado do qual nasce a Revolução é o pecado contra a caridade—orgulho e sensualidade—e não o pecado contra a Verdade e contra a Fé. A Revolução é filha do "pai da mentira", como Cristo chamou o demônio. Plínio acusa a revolução de esconder sua verdadeira origem. E Plínio esconde qual a verdadeira origem da Revolução. Plínio faz então o mesmo que a Revolução.

A seguir, o autor da obra que analisamos, procura mostrar, em exemplos históricos, como Liberalismo e Socialismo negam o pecado. E não sabemos porquê ele não exemplificou também com o Protestantismo, pois que Lutero que negou todo o pecado.

Sobre o Liberalismo, diz Plínio, demonstrando sua limitação de conhecimento doutrinário – ou sua vontade de ocultar o que bem sabia, mas que não queria revelar:

"Na fase liberal e individualista, ele [o Liberalismo] ensinou que o homem é dotado de uma razão infalível, de uma vontade forte e de paixões sem desregramento" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, ed. cit., Parte I, cap. XI, n^o 2, p. 85).

Aí está uma omissão sintomática: será que Plínio não sabia que ao lado de um liberalismo racionalista, filho do iluminismo dos enciclopedistas, havia outro liberalismo irracionalista defendido por Rousseau?

Será que ele ignorava que para o quietista Rousseau, a razão enganava o homem, e que esse pseudo filósofo havia escrito que "o homem que pensa é um animal depravado"?

Ignorava Plínio que Rousseau queria silenciar a razão e fazer falar apenas o coração?

Pois não escreveu o autor da Nova Heloísa: "Deixando de lado a Razão, e fazendo falar apenas o coração"?

Ignorava Plínio que, ao lado e contra o Iluminismo racionalista, havia o iluminismo do Espírito Santo que se declarava contra a razão e a favor da intuição-- e dos flashes-- como ensinava Plínio para seus seguidores?

Desconhecia Plínio que por trás da Maçonaria do Grande Oriente, racionalista e anticlerical, havia outra Maçonaria gnóstica e irracionalista, maçonaria que defendia o liberalismo romântico que valorizava mais o coração do que a razão, mais a intuição e a explicitação do que o estudo, exatamente como dizia e defendia Plínio?

Será que Plínio não sabia que era exatamente o irracionalista Rousseau quem defendia a bondade natural do homem?

Plínio ignorava mesmo que havia a Gnose por trás do racionalismo do iluminismo?

Ou para ele era necessário deixar na sombra que a grande causa da Revolução era a Gnose, a única grande mentira da qual o demônio é o pai?

Precisamente pelo motivo que ele quer ocultar a Gnose no processo gerador da Revolução, Plínio só vai atacar a utopia racionalista como negadora da Redenção de Cristo, ou melhor, como redenção do homem pelo homem.

Segundo o racionalismo, a evolução vai da matéria bruta até o homem. Este, usando sua razão, através da ciência e da técnica, vencerá todo o mal, encontrará a cura para todas as doenças, e pela organização racional da sociedade, acabará com a miséria, inaugurando um paraíso na terra. Esse será o reino da Utopia. O homem construirá o seu próprio Éden, vencendo a maldição divina. E Plínio explica assim mesmo a utopia racionalista. (Cfr. Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, ed. cit., Parte I, cap. XI, n^o 3, p. 88).

Só que o pseudo profeta inerrante não fala – por desconhecer ou por querer ocultar ? – que o Romantismo, liberalismo na Arte, no dizer de Victor Hugo, recusava a utopia racionalista e cientificista, assim como recusava o liberalismo econômico, o capitalismo.

O liberalismo romântico não queria construir a utopia no futuro. Ele queria voltar ao Éden, voltar à Idade de Ouro paradisíaca. O Romantismo – tal como Plínio e a TFP-- sonhava com a "paradisiologia". O Romantismo esperava que por um processo mágico a humanidade repentinamente recuperaria a inocência primeira, e traria de volta à terra, uma era de felicidade e de perfeição, um reino milenarista na terra, tal qual o "Reino de Maria", prometido por Plínio e esperado pela TFP.

Para seus sequazes Plínio dizia que Nossa Senhora lhe prometera que ele não morreria sem fundar o "Reino de Maria". Após um grande castigo—que no jargão da TFP era conhecido com o nome de "Bagarre" — castigo que exterminaria os maus, e que faria a "angelização" dos bons (Os tefepistas. Mas não todos. Só alguns que tinham a vocação de ser anjos...) -- os seguidores de Plínio exerceriam enorme influência na História. No "Reino de Maria" haveria mudanças na natureza humana, fazendo com que a reprodução não fosse mais por via sexual, e sim por meio da palavra humana, tal como explicavam as visões de Anna Katharina Emmerick. Esse "Reino de Maria", seria uma nova e super Idade Média totalmente romântica e milenarista tal qual fora previsto por Jacob Boehme, que o chamava "Lilienzeit", o "Tempo dos Lírios".

Plínio, como todo romântico, condenava o Monumento ao parafuso—a torre Eysel—símbolo da Revolução racionalista de 1789, mas admirava enormemente o monumento à Revolução de 1789 romântica e irracionalista, o castelo de Neuschwanstein, castelo de sonhos de um Rei louco, e que nas sedes da TFP era exposto, pousado sobre nuvens, e com um letreiro bem sintomático: "*Paradisologia*".

Como se percebe claramente, não convinha a Plínio Corrêa de Oliveira falar, em **Revolução e Contra Revolução**, do liberalismo milenarista e romântico, do qual ele era participante, e que foi sempre prometido pela maçonaria gnóstica tradicionalista, existente por trás da racionalista.

Para Plínio, era necessário negar que havia a Gnose na raiz da Revolução...

13 - Igreja Católica, Revolução Contra Revolução.

É só na página 146 do Mini Corão tefepista que Plínio afirma algo importante sobre revolução e a Igreja Católica. Escreveu ele:

"A Revolução nasceu, como vimos, de uma explosão de paixões desregradas, **que vai conduzindo à destruição de toda a sociedade temporal**, à completa subversão da ordem moral, à negação de Deus. **O grande alvo da Revolução é, pois, a Igreja**, Corpo Místico de Cristo, Mestra infalível da verdade. Tutora da Lei natural, e assim fundamento último da própria ordem temporal"(Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, ed. cit., Parte II, cap. XII, p. 146).

Concordamos inteiramente com essa afirmação: "**O grande alvo da Revolução é, pois, a Igreja**" (...) "fundamento último da própria ordem temporal".

Mas, se e assim, porque Plínio só afirmou isso só nessa II parte, quase no final de sua obra?

Que pena...

Por que colocou ele sempre à frente o problema da ordem temporal, se o grande alvo da Revolução é a Igreja?

Por que ele nunca afirmou antes que a Revolução tem uma só doutrina: a Gnose, porque ela tem por alvo a destruição da Igreja Católica?

Por que, mesmo na citação acima, ele expõe que é o desregramento das paixões, e não que há uma doutrina da Revolução, que tem por alvo a destruição da Igreja Católica?

Mesmo ao dizer uma verdade fundamental sobre a luta da Revolução contra a Igreja, Plínio procura obnubilar essa afirmação verdadeira que faz.

Pouco depois, o autor em foco vai fazer duas afirmações nas quais mistura verdades e falsidade.

Inicialmente, afirma Plínio:

"4 – A Igreja é a **maior** das forças contra revolucionárias" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, ed. cit., Parte II, cap. XII, nº 4, p. 150. O destaques é nosso).

Se Plínio considera que a Igreja é a **maior** força contra revolucionária, então ela não é a única força dessa natureza.

Haveria outras.

Quais?

Quais seriam essas outras forças Contra Revolucionárias?

Se o grande alvo da Revolução é a Igreja Católica, que outras forças, fora da Igreja, seriam também alvos da Revolução?

Quais seriam os outros alvos?

Por isso, ele dá à Igreja apenas a primazia entre as forças contra revolucionárias, sem jamais dizer quais são essas outras forças:

"A **primazia** da Igreja entre as forças contra revolucionárias é óbvia, se considerarmos o **número dos católicos, sua unidade, sua influência no mundo**. Mas esta legítima consideração de recursos naturais tem uma importância muito secundária. **A verdadeira força da Igreja está em ser o Corpo Místico de Nosso Senhor Jesus Cristo**" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, ed. cit., Parte II, cap. XII, nº 4, p. 150. Os destaques são nossos).

Arre !! Até que enfim Plínio disse essa grande verdade: a força da Igreja vem de ser ela o Corpo Místico de Cristo.

E ele vai concluir com muita razão:

"5- A Igreja é a alma da Contra Revolução"

"Se a Contra Revolução é a luta para extinguir a Revolução e **construir a Cristandade nova**, toda resplandecente de fé, de humilde espírito hierárquico e de ilibada pureza, é claro que isto se fará sobretudo por uma ação profunda nos **corações** [?]. Ora, esta ação é obra própria da **Igreja que ensina a doutrina católica** e a faz amar e praticar. **A Igreja é, pois, a própria alma da Contra Revolução**" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, ed. cit., Parte II, cap. XII, nº 4, p. 150. Os destaques são nossos).

Muito, muito bem!!!.

Mas só em parte.

Porque não há que construir uma "Nova Crsitandade", como veremos que explicou São Pio X

Mas, então, se a Igreja é alma da Contra Revolução, se a Igreja é o alvo da Revolução, se a Igreja é quem ensina a **doutrina** que vai vencer a Revolução, como pode Plínio afirmar que a Revolução não tem uma doutrina, --"um sistema ideológico"--oposto à Igreja?

Como então haveria outras forças contra revolucionárias, tendo a Igreja apenas a primazia entre elas?

Se a Revolução combate o Corpo Místico de Cristo, se a luta da Revolução tem por alvo a Igreja, essa luta se insere necessariamente na guerra que a raça da Serpente move contra a Igreja. E é só essa guerra que domina a História.

Como poderia haver então outras forças contra revolucionárias fora da Igreja?

Como a Igreja seria apenas a maior força contra revolucionária e ter, por isso, apenas a primazia entre as forças da Contra Revolução?

Se fosse assim, a Contra Revolução seria mais importante do que a própria Igreja, seria, em certo sentido, pelo menos materialmente maior do que a Igreja, pois que a inclui ademais de outras forças.

E Plínio não hesita em afirmar exatamente isso:

"7 – A Contra-Revolução ultrapassa, de algum modo, o âmbito eclesiástico.

"Pelo que ficou dito, a ação contra-revolucionária envolve uma reorganização de toda a sociedade temporal: *"Há todo um mundo a ser reconstruído até os seus fundamentos"*, disse Pio XII, diante dos escombros de que a Revolução cobriu a terra inteira.

"Ora, esta tarefa de uma fundamental reorganização contra-revolucionária da sociedade temporal, se de um lado deve ser **toda inspirada pela doutrina da Igreja**, envolve de outro **um sem número de aspectos concretos e práticos que estão propriamente na ordem civil**. E a este título a Contra-Revolução transborda do âmbito eclesiástico, continuando sempre profundamente ligada à Igreja no que diz respeito ao Magistério e ao poder indireto desta." (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, ed. cit., Parte II, cap. XII, nº 7, p. 151. Os destaques são nossos).

Nesse texto, Plínio estabelece uma nítida separação entre a ordem eclesiástica e a temporal. Essas duas ordens são distintas, porém não são separadas de modo absoluto.

O autor reconhece, o que é correto, que toda ordem temporal é informada pela doutrina católica. Claro que há fatos de ordem temporal que não têm nada a ver com a Fé, como, por exemplo, a rede de esgotos ou a distribuição de energia elétrica.

Mas não é deste tipo de fatos que trata a Revolução.

Os fatos atinentes à Revolução e à Contra Revolução são de ordem religiosa, metafísica, política, moral, cultural, artística, econômica, portanto sempre relacionadas com a doutrina católica. Não existe nada nesse tipo de fatos que esteja fora da inspiração e da orientação da Igreja.

O que Plínio afirma é que existem, de fato, pontos da luta entre a Anti Igreja e a Igreja que seriam totalmente e somente dependentes do Estado. O que é um erro crasso contrário à doutrina católica, e contra o que o mesmo autor acabou de afirmar que "reorganização contra-revolucionária da sociedade temporal, se de um lado deve ser **toda inspirada pela doutrina da Igreja**, envolve de outro **um sem número de aspectos concretos e práticos que estão propriamente na ordem civil**".

A posição de Plínio Corrêa de Oliveira, então, é exatamente a posição revolucionária e liberal, que defende a separação entre Igreja e Estado. Daí, dar ele uma relevância aos fatos da ordem temporal, no processo de Revolução e Contra- Revolução, mais até do que à própria doutrina católica. Daí, ele negar que exista uma doutrina única na raiz da Revolução.

Plínio Corrêa de Oliveira é naturalista e um liberal. Ele era um Revolucionário fantasiado de Contra Revolucionário.

Haveria que perguntar ainda por que ele fala em **"construir a Cristandade nova"**: "Se a Contra Revolução é a luta para extinguir a Revolução e **construir a Cristandade nova**" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, ed. cit., Parte II, cap. XII, nº 4, p. 150. Os destaques são nossos).

São Pio X condenou aqueles que pretendem construir uma nova Cristandade, em vez de restaurar aquela que a Igreja construiu na História.

"11. Não, Veneráveis Irmãos – e é preciso lembrá-lo energicamente nestes tempos de anarquia social e intelectual, - a cidade não será construída de outra forma senão aquela pela qual Deus a construiu; a sociedade não será edificada se a Igreja não lhe lançar as bases e não dirigir os trabalhos; não, a civilização não mais está para ser inventada nem a cidade nova para ser construída nas nuvens. Ela existiu, ela existe; é a civilização cristã, é a cidade católica. Trata-se apenas de instaurá-la e restaurá-la sem cessar sobre seus fundamentos naturais e divinos contra os ataques sempre renascentes da utopia malsã, da revolta e da impiedade: omnia instaurare in Christo." (São Pio X, Notre Charge Apostolique, n. 11).

E, no n. 34 dessa mesma Carta Apostólica, São Pio X acrescenta:

"Quando se pensa em tudo que foi preciso de forças, de ciência, de virtudes sobrenaturais para estabelecer a cidade cristã, e nos sofrimentos de milhões de mártires, e nas luzes dos Padres e Doutores da Igreja, e no devotamento de todos os heróis da caridade, e numa poderosa Hierarquia nascida no céu, e nas torrentes da graça divina, e tudo isto edificado, travado, compenetrado pela Vida e pelo Espírito de Jesus Cristo, a Sabedoria de Deus, o Verbo feito homem; quando se pensa, dizíamos, em tudo isto edificado, fica-se atemorizado ao ver novos apóstolos se encamiçarem por fazer melhor" (São Pio X, Notre Charge Apostolique, n. 34).

Plínio Corrêa de Oliveira, na esteira do liberal e modernista Marc Sangnier, se coloca, ele também, soberbamente, como um dos construtores de uma nova Cristandade, de uma nova Civilização cristã.

A doutrina de Plínio Corrêa de Oliveira contraria o que ensinou São Pio X.

Plínio afirma ainda que:

"A Contra Revolução quer concorrer para que se salvem tantas almas ameaçadas pela Revolução, e para que se afastem os **cataclismos que ameaçam a sociedade temporal**. E para isto deve apoiar-se na Igreja e humildemente servi-La em lugar de imaginar orgulhosamente que A salva" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, ed. cit., Parte II, cap. XII, nº 1, p. 149. Os destaques são nossos).

Ora, Plínio passou a vida afirmando que ia salvar a Igreja, e que não morreria sem fundar um milenarista Reino de Maria, que na cerimônia de sua inauguração, -- Plínio quase organizou a cerimônia em detalhe -- representantes dos dois Poderes, isto é, da Igreja e do Estado teriam que lambar o chão, prostrados, para reconhecerem o grande vencedor da guerra Contra a Revolução: Plínio Corrêa de Oliveira. E era o que Scognamiglio fazia os eremitas cantarem, por ordem do próprio Plínio.

Finalmente, haveria que analisar o que Plínio C. de Oliveira diz da Igreja e da Revolução em nossos tempos.

Se houve uma crise no século XX, essa foi, sem dúvida, a crise religiosa. Jamais a Igreja teve que enfrentar uma heresia tão insidiosa como a do Modernismo. Jamais uma heresia alcançou uma penetração tão profunda na Igreja. Jamais uma heresia dominou um Concílio como a Heresia Modernista dominou o Vaticano II, causando a maior destruição da História, na vinha do Senhor.

Entretanto, da crise e da heresia Modernista Plínio não diz uma palavra nesse seu Mini Corão Modernista, que pretende ser uma "Suma" da Contra Revolução.

Por que esse silêncio sobre a heresia Modernista no século XX?

Por que omitir a ação dos hereges que mais apoiam a Revolução?

14- A Revolução e o Vaticano II

Mas, do Vaticano II ele falou...

Plínio Corrêa de Oliveira revela mais claramente sua concepção errônea de Revolução ao tratar da relação entre ela e o Concílio Vaticano II. Ele fez isso ao acrescentar uma III parte ao livro dele, que estamos analisando, em 1979, 20 anos após à primeira edição de sua obra.

Ele chamou essa III parte de "Revolução e Contra-Revolução --20 Anos Depois".

E sobre esse título, escreveu ele a seguinte introdução romântica:

"1- Revolução e Contra-Revolução e TFPs vinte anos de ação e de luta.

*"Vinte Anos depois": o título do romance de Alexandre Dumas—tão apreciado pelos adolescentes do Brasil até o momento, já distante, em que profundas transformações psicológicas destruíram o gosto por esse gênero literário — uma associação de imagens o trazia a nosso espírito quando começamos a escrever estas notas" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, ed. cit., Parte III, cap. I, n^o 1, pp. 161-162).*

Como um homem, que se tem como o protótipo do Contra Revolucionário, apresenta um romance de Alexandre Dumas—autor colocado no Index—como apreciável?

Como lamenta ele que o público tenha deixado de apreciar uma obra romântica, e, portanto, essencialmente revolucionária?

Plínio fala de adolescentes que apreciavam esse tipo de romance, porque ele foi mal educado por sua mãe a gostar desse tipo de literatura.

No livro "Dona Lucília", assinado por João Scognamiglio Clá Dias, mas que foi claramente ditado pelo próprio Plínio C. de Oliveira, se lê que Dona Lucília contava para seus filhos e sobrinhos a história dos três mosqueteiros...

"(...) a censura de Dona Lucília expungia implacavelmente dessa obra as imoralidades de toda ordem que nela pululam."(João Scognamiglio Clá Dias, **Dona Lucília**, Volume I, p. 225).

Como se expungindo as cenas mais imorais, o romantismo do livro fosse aceitável.

E diz Scognamiglio da época dos três mosqueteiros: "

*"Dona Lucília, rodeada de seus pequenos ouvintes, ia pintando na imaginação deles, como vivas cores, através de suas harmoniosas palavras, aquele remota época como um período áureo, em que o Ocidente estava para atingir um ápice de bom gosto, de boas maneiras, de elegância e de nobreza da atitudes" (João Scognamiglio Clá Dias, **Dona Lucília**, Volume I, p. 227).*

Pintar na imaginação com "harmoniosas palavras" o período de Ana d'Áustria e Richelieu, como "*período áureo, em que o Ocidente estava para atingir um ápice de bom gosto, de boas maneiras, de elegância e de nobreza de atitudes*" certamente é ter uma visão bem romântica de uma época das mais corruptas da História de França, em cuja corte não se respeitava a lei de Deus, e principalmente em seu nono mandamento.

Aliás, na História dos Três Mosqueteiros não faltam adultérios, e adulterar sua história apresentando o século XVII como "ápice" de "*nobreza de atitudes*" é fazer a verdade histórica cometer adultério com "dame fantasie".

É ridículo.

Mas como Dona Lucília e Plínio gostavam das histórias adulterinas narradas, entre mil duelos, por Dumas, então, sendo Plínio, para Scognamiglio, arautos e tefepistas, o maior "santo da história, e Lucília a maior "santa" do universo, românticos adultérios são vistos fechando-se pudicamente... "um olho": o da coerência.

E ao contar como a Rainha Anna d'Áustria conseguiu enganar seu marido, a respeito do presente que ela dera a seu enamorado adúltero, Buckingham, entrando no baile, ostentando o colar que dera a seu apaixonado, iludindo assim a seu marido...

"Ruidosa e alegre aclamação interrompia a narradora [Lucília] Seus jovens ouvintes [entre os quais "são" Plínio] acolhem assim a grande vitória da Rainha, magnificamente descrita por Dona Lucília" (João Scognamiglio Clá Dias, **Dona Lucília**, Volume I, p. 233).

Assim é que uma "santa" educava um "santo" a aplaudir e a se alegrar que uma Rainha adúltera, pelo menos em espírito, conseguisse enganar seu marido realmente tolo...

Isso que é ser contra revolucionário e adversário "implacável" das paixões realmente desordenadas?

Nessa Parte III do livro **Revolução e Contra Revolução** é que Plínio vai tratar do Vaticano II e sua relação com a Revolução.

"4. A Ofensiva Psicológica da III Revolução na Igreja" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, ed. cit., Parte III, cap. I, nº 4, p. 193. O desataque é nosso).

Para Plínio, o Vaticano II foi uma ofensiva "psicológica" do comunismo—a III revolução – na Igreja.

"Ofensiva Psicológica"???

E o Modernismo, onde ficou?

Plínio Corrêa de Oliveira não cita o Modernismo, nem o Neo Modernismo. Ele não fala das heresias de Loisy, de Tyrrel, do Padre de Lubac, de Rahnner, de Chenu, de Congar, de Urs Von Balthasar. Esses nomes, para ele, são inexistentes. O Vaticano II só foi mau por ter feito silêncio sobre o marxismo.

Claro que o silêncio do Vaticano II sobre o marxismo e sobre o comunismo, sobre a URSS e Cuba, foi um escândalo. Mas o que motivou esses silêncios covardes e cúmplices de um Concílio dito "pastoral" foi a heresia Modernista—heresia gnóstica nele triunfante -- da qual Plínio não toma conhecimento, não fala dela, não a cita e não a condena.

A invasão sofrida pelo Vaticano II não foi "psicológica": foi doutrinária. Foi ofensiva herética. Foi intrusão gnóstica.

E nesse ponto, Plínio escreve:

"Do ponto de vista de *Revolução e Contra-Revolução*, o êxito dos êxitos alcançado pelo comunismo pós-staliniano sorridente foi o silêncio enigmático, desconcertante, espantoso e apocalipticamente trágico do Concílio Vaticano II a respeito do comunismo.

"Este Concílio se quis pastoral e não dogmático. Alcance dogmático ele realmente não teve. Além disso, sua omissão sobre o comunismo pode fazê-lo passar para a História como o Concílio a-pastoral" (Plínio Corrêa de Oliveira, *Revolução e Contra Revolução*, ed. cit., Parte III, cap. I, nº 4, p. 193).

Para Plínio, que nega existir uma doutrina na raiz da Revolução, o maior mal do Vaticano II não foi, entre outros erros graves, a revelação quenótica, não foi a colegialidade, não foi a Liberdade de religião, não foi o ecumenismo, não foi nem mesmo o igualitarismo religioso, não foi a democratização da Igreja. O maior mal teria sido o silêncio sobre o comunismo,-- que certamente foi um erro bem grave-- mas conseqüente da raiz gnóstica oriunda do Modernismo.

Daí Plínio vai defender um erro crasso,-- "*um disparate do tamanho de uma casa*", no dizer de um ex eremita tefepista, que tentou defender essa tese esdrúxula e depois, graças a Deus, desistiu --erro crasso que nenhum católico sincero pode aceitar:

"Em uma palavra, o alcance desta transformação [trazida pelo Vaticano II] é tal, que não hesitamos em afirmar que o centro, o ponto mais sensível e mais verdadeiramente decisivo da luta entre a Revolução e a Contra-Revolução se deslocou da sociedade temporal para a espiritual, e passou a ser a Santa Igreja, na qual, de um lado, progressistas, criptocomunistas, pró-comunistas, e de outro lado, antiprogressistas, e anticomunistas se confrontam" (Plínio Corrêa de Oliveira, *Revolução e Contra Revolução*, ed. cit., Parte III, cap. I, nº 4, p. 203. O destaque é nosso).

Como o "profeta" "inerrante" da TFP escreveu e assinou esse "*disparate do tamanho de uma casa*"?

Quer dizer que a Revolução só se deslocou da esfera temporal para a esfera da Igreja com o Vaticano II?

E Lutero não era padre?

E a Reforma não era religiosa?

E a Revolução não começou na Igreja?

Somente mentes tefepistas fanática e cegamente "viotescas" poderão tentar defender tal disparate.

Isso é uma besteira.

Não há outro termo para qualificar isso.

A Revolução é Satânica. A Revolução é Religiosa. A Revolução é gnóstica.

Como escreveu muito bem o Abbé Emmanuel André: **"A Revolução é a insurreição do homem contra Deus e seu Cristo. Ela tem como forma o antropocentrismo, que é a eliminação de Deus e de seu Cristo"**.

Desse modo, é um disparate, é um absurdo afirmar que só com o Vaticano II **"o centro, o ponto mais sensível e mais verdadeiramente decisivo da luta entre a Revolução e a Contra-Revolução se deslocou da sociedade temporal para a espiritual, e passou a ser a Santa Igreja"**.

E que Plínio escamoteia sistematicamente a existência da heresia Modernista, limitando-se a combater o esquerdismo católico, isto é, apenas a aplicação do Modernismo ao campo político temporal, se pode ter prova no que ele diz explicitamente: "Cingimo-nos a dizer que, em cada um dos países onde existe uma TFP ou organização afim, vem esta combatendo sem tréguas a Revolução, ou seja, mais especificamente no campo religioso, o chamado **esquerdismo católico**; e no temporal o comunismo" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, ed. cit., Parte III, cap. I, nº 1, p. 164. O destaque é nosso).

Falando especificamente da obra do Vaticano II, escreveu Plínio:

"Com táticas *aggiornate*—das quais, aliás, o mínimo que se pode dizer que são **contestáveis no plano teórico** e se vêm mostrando ruinosas na prática — o Concílio Vaticano II tentou afugentar, digamos abelhas, vespas e aves de rapina. Seu silêncio sobre o comunismo deixou aos lobos toda a liberdade" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, ed. cit., Parte II, cap. I, nº 4 letra A, p.194. O negrito é nosso).

Que vespas e aves de rapina afugentou o Vaticano II?

E o único lobo ao qual o Vaticano II teria deixado liberdade teria sido ao lobo comunista. Plínio não fala dos uivos do lobo Modernista, uivos emitidos e ensinados pelo Vaticano II.

É verdade que Plínio considera que o Vaticano II como "uma das maiores calamidades, se não a maior, da História da Igreja" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, ed. cit., Parte III, cap. I, nº 4, p. 195). Verdade é que cita, nesse sentido as palavras de Paulo VI sobre a "auto demolição da Igreja" e, sobre a penetração da "fumaça de satanás no templo de Deus". Mas, mesmo aí, ele nunca fala da heresia Modernista.

E, para variar, Plínio Corrêa de Oliveira não renuncia a seu vizo de bancar o profeta marcando prazos de modo vago, é verdade, mas sempre esperando uma catástrofe que ele sempre esperou, e sempre foi adiando. Em 1979, ele marcou novo prazo máximo —até 1999—para o comunismo dominar o mundo inteiro. E um prazo mínimo: 1984 ou 1989. E até menos:

"Nestas condições, se o curso do processo revolucionário continuar como até aqui, é humanamente inevitável que o triunfo geral da III Revolução acabe se impondo ao mundo inteiro. – Dentro de quanto tempo? Muitos se assustarão caso, a título de mera hipótese, sugiramos mais vinte anos. Parecer-lhes-á surpreendentemente exíguo o prazo. Na realidade quem poderá garantir que esse desenlace não sobrevenha dentro de dez ou cinco anos, ou antes ainda? A proximidade, a eventual iminência desta hecatombe -- [A BAGARRE !!!] – é sem dúvida uma das notas que, comparados os horizontes de 1959 com os de 1976, indicam maior transformação na conjuntura mundial" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, ed. cit., Parte III, cap. II, nº 1, p. 172. O destaque é do autor. O texto entre colchetes é nosso).

Mas em 1989, o que ruuiu foi o muro de Berlim, e, dois anos depois, a URSS.

E Plínio explicava na TFP que não ruíra nada como famoso Muro. Que a adoção de moeda única pelas duas Alemanhas ia fazer a Alemanha Oriental devorar a Ocidental...

Sonhos.

E quando ruuiu a própria URSS, Plínio dizia que era uma pura manobra para enganar o Ocidente, que era "jogo".

Profecias de falso profeta.

E ele previu, pela enésima vez, que a Bagarre afinal ia chegar na primeira guerra do Golfo.

Falhou pela enésima vez.

Agora os membros da defunta TFP—a dos Provectos —e os membros da TFP, camuflada em carismática banda de coreto, esperam a Bagarre —e, com a ressurreição de Plínio, no ano que vem, ou no máximo, segundo um sonho, para 2.007.

E os fanáticos ficam firmemente esperando...

Pois, "para aqueles que se perdem, **porque não abraçaram o amor da verdade**, para serem salvos. Por isso, Deus lhes enviará o artifício do erro, de tal modo que creiam na mentira" (São Paulo, II Tess., II, 9-12).

Essa omissão da Gnose Modernista no Vaticano II e a redução o mal do Vaticano II à Ost Politik—que foi um grande mal – pe que vai permitir que, por oportunismo e por conveniências políticas, o discípulo preferido de Plínio, João Scognamiglio, junto com a maioria dos eremitas de Plínio, renegassem a esta terceira parte do livro em pauta, aceitando o Vaticano II, a Nova Missa e até a "aeróbica do Senhor".

Das omissões covardes nascem erros explícitos

Da omissão da Gnose Modernista por Plínio só podia nascer, um dia, a traição à Fé pela banda de Scognamiglio.

Se doutrinariamente o livro **Revolução e Contra Revolução** escamoteia verdadeira raiz da Revolução e separa essa crise do mundo Moderno de toda a guerra que a Serpente e sua raça fazem contra a Igreja Católica, do ponto de vista histórico essa obra também deixa muito a desejar pelo que ela omite.

E se se desejava omitir a verdadeira doutrina da Revolução, era preciso omitir também os fatos que a denunciavam.

Diante disso, é ocioso perguntar se as omissões históricas cometidas por Plínio Corrêa de Oliveira são por ignorância ou propositais.

III

QUESTÕES HISTÓRICAS

1 - A DECADÊNCIA DA IDADE MÉDIA



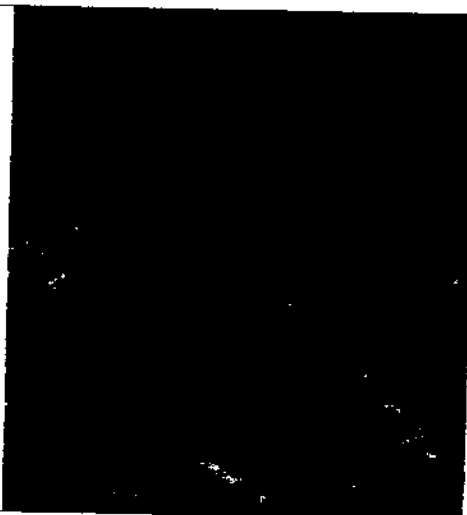
Christ Majestoso

Moissac – Séc. XII

Influência platônica na escultura românica e do gótico primitivo.

Cristo puramente idealizado

Le Beau Dieu
D'Amiens – Séc. XIII



O Belo Deus de
Amiens.

Gótico radiante.
Influência do
tomismo. A
escultura retrata a
a forma e a
matéria.
Equilíbrio entre o
ideal e o real

Cristo em estilo flamejante no final da Idade Média --Perpignan -- Séc. XIV

A imagem retrata o desespero da idade Média decadente ante o problema da morte. A arte gótica flamejante esboça , no século XV, o horror que se atingirá na Arte Moderna.



Se de um lado Plínio era pouco estudioso, e, ademais, quando lia História, a lia com as lentes de seu preconceito romântico e mitificador, de outro lado, deve-se reconhecer que ele era um homem muito inteligente que não podia deixar de perceber certos problemas.

Haja vista sua leitura histórica preferida—as **Memórias de Saint Simon** sobre a Corte de Luis XIV. Por mais mitificadora que fosse sua leitura das “maneiras aristocráticas francesas”, seria deixar-se arrastar por paixão desregrada não querer ver mal na educação efeminante que propositadamente se deu ao Duque de Orléans, o irmão de Luis XIV, a fim de que não fizesse sombra ao Rei, nem lhe pudesse ser rival.

Por que Plínio não criticava com a devida ênfase à corrupção do Ancien Regime? Por que — ele que se dizia tão cioso e pundonoroso em matéria de castidade — porque não só não condenava a Corte dos Reis Bourbons franceses, mas antes a elogiava, apesar de sua escandalosa corrupção.

De qualquer modo que seja, o resultado é que **Revolução e Contra Revolução** é um livro que muito deixa a desejar também do ponto de vista histórico.

Veja-se este erro fundamental, que coloca a origem da Revolução no século XV, omitindo —será ignorância ?— todos os erros doutrinários gravíssimos do século XIV, e mesmo alguns do século XIII, que prepararam a crise da Revolução:

“No século XIV começa a observar-se, na Europa cristã, uma **transformação de mentalidade** que ao longo do século XV cresce cada vez

mais em nitidez. O apetite dos prazeres terrenos se vai transformando em ânsia. As diversões se vão tornando mais freqüentes e mais suntuosas. Os homens se preocupam sempre mais com elas. Nos trajes, nas maneiras, na linguagem, na literatura e na arte o anelo crescente por uma vida cheia de deleites da fantasia e dos sentidos vai produzindo progressivas manifestações de sensualidade e moleza. Há um paulatino deperecimento da seriedade e da austeridade dos antigos tempos. **Tudo tende ao risonho, ao gracioso, ao festivo.** Os corações se desprendem gradualmente do amor ao sacrifício, da verdadeira devoção à Cruz, e das aspirações de santidade e de vida eterna. **A Cavalaria**, outrora uma das mais altas expressões da austeridade cristã, **se torna amorosa e sentimental**, a literatura de amor invade todos os países, os excessos do luxo e a conseqüente avidez de lucros se estendem por todas as classes sociais". (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, I Parte, cap.III, nº 5 -A, edição de 1993, p. 19. O destaque é nosso).

Costuma-se dizer que História não pode ser escrita por míopes.

Essa descrição acima da decadência da Idade Média, nos séculos XIV e XV, feita por Plínio Corrêa de Oliveira, é parcialmente verdadeira, em certos aspectos, mas vista com olhos de míope, e com o nariz colado á pintura. Para ele, o século XIV – um dos mais trágicos da História – revela principalmente uma **"transformação de mentalidade"**.

Ora, isso é muito pouco, e isso, dito só assim, é falso.

O que houve, no século XIV, foi o início da derrocada da Civilização cristã e o princípio do triunfo da raça da Serpente e de sua doutrina, e não tão somente uma mudança de mentalidade. Houve mudança de cosmovisão: o Antropocentrismo começou a vencer o Teocentrismo. A Cidade do homem começou a se impor à Civitas Dei..

Plínio nada diz de causas longínquas da Reforma protestante. Basta lembrar, por exemplo, o famoso Atentado de Anagni – fato trágico – em que, como já narramos, o Papa, maior poder da sociedade medieval, foi pessoalmente agredido por Nogaret e por Sciarra Colonna, para compreender que a transformação ocorrida no século XIV não era só de mentalidade, não era apenas de paixões, mas que a decadência da Fé começara bem antes, e com causas doutrinárias bem profundas.

A) O ATENTADO DE ANAGNI

Foi logo no início do século XIV que se deu uma tragédia inaudita na História da Cristandade: o Atentado de Anagni contra o Papa Bonifácio VIII, o Papa da Bula **Unam Sanctam**, Bula que afirmara o supremo poder do Papa sobre todos os soberanos da Terra, que proclamava a doutrina do Teocentrismo do modo mais retumbante e mais solene.

Em 1303, subitamente a vila de Anagni, feudo do família do Papa, foi invadida por tropas a soldo de Felipe IV, o Belo, Rei da França, e dos Príncipes Colonna, inimigos fegadais do Papa Bonifácio VIII, então reinante.

Os líderes da invasão foram um ministro do rei francês, Guillaume de Nogaret, neto de cátaros, e Sciarra Colonna. Eles tomaram de assalto a catedral de Anagni e o palácio do Papa, aprisionaram o Papa, e durante três dias o mantiveram sob ameaça de morte. Consta que o Papa teria até levado um tapa no rosto, que o feriu, porque o agressor estava com um gūante de ferro, ao agredir fisicamente o Papa.

Esse atentado marca muito simbolicamente o fim da Idade Média. O ultraje ao Sumo Pontífice provava que toda a doutrina católica sobre o papado já ruíra em certas mentes, pelo menos, pois que a chave de cúpula da Idade Média, o Papa, era assim insultado.

O Teocentrismo foi esbofetado em Bonifácio VIII. A afirmação solene da Bula **Unam Sanctam** de que há um só Princípio ao qual tudo deve estar submetido, e não dois princípios como afirma a Gnose, fora negado de modo sacrílego e brutal. Desse ato anti papal como não ia decorrer a revolta luterana?

Plínio C. de Oliveira nem cita esse fato de importância transcendental na questão da Revolução, guerra da Cidade do Homem contra a Cidade de Deus.

Que adianta ele dizer que o alvo principal da Revolução é a Igreja, se ele nem cita este fato único na História da Igreja?

(Para estudo deste fato, é interessante o livro de Agostino Paravicini Bagliani, **Boniface VIII - Un Pape Hérétique?**, Payot, Paris, 2.000).

B) O CATIVEIRO DE AVIGNON

Além do Atentado de Anagni, e dele consequência direta, Plínio também não cita o Cativoiro de Avignon.

Depois de esbofetear o Papa Bonifácio VIII, e tendo morrido o Papa poucas semanas depois desse atentado, foi eleito Papa Bento XI, que morreu tão rapidamente, que se desconfiou de alguma nova ação do Rei francês.

O Conclave se reuniu em Avignon, na França. Os Cardeais escolheram exatamente para Papa um amigo pessoal do rei da França, homem bem pouco piedoso...o Arcebispo de Bordeaux, Bertrand de Gott, que tomou o nome de Clemente V. Esse novo Papa transferiu a Santa Sé de Roma para Avignon, dando início ao que se chamou de novo "Cativeiro de Babilônia".

Os papas ficaram em Avignon durante muitas décadas, praticamente dominados pelos Reis da França, o que fez com que as potências rivais da França passassem a ver o Papa não mais como juiz imparcial, mas como um mero capelão do Rei francês. Esse foi certamente um dos fatores que influenciaram a Inglaterra e a Alemanha a se separarem de Roma, no século XVI.

A isso tudo, Plínio nem sequer faz alusão, quando, de fato, isso, influenciou profundamente a Revolução.

C) O GRANDE CISMA DO OCIDENTE

Do Cativo de Avignon, que perdurou de 1305 a 1376, vai decorrer outro fato importantíssimo para o desencadeamento da Reforma protestante que foi o Grande Cisma do Ocidente (1378-1417), crise na qual houve até três Papas ao mesmo tempo, e que acostumou ao povo católico a ficar sem saber a quem obedecer, destruindo a autoridade papal.

Esses três fatos importantíssimos abalaram a autoridade papal na Cristandade e foram causas muito importantes da reforma luterana.

Nem a eles Plínio faz qualquer menção como fatos preparadores da Revolução.

Destes três fatos, dois são do século XIV, e o terceiro é do século XV, e início do século XV. Os três foram causas longínquas da Reforma, e anteriores—pelo menos dois deles—ao certo momento do século XV em que Plínio supõe terem se desencadeado as paixões às quais ele atribui a Revolução.

D) Duns Scotto contra o Tomismo

Como vimos, Gilson afirma que a linha de ruptura entre a cosmo visão medieval e a cosmo visão moderna passa entre Santo Tomás e Dante. Em outra obra, Etienne Gilson faz uma aguda observação sobre a ruptura entre o mundo medieval e o mundo moderno, entre a certeza católica dos medievais e a dúvida dos homens do século XIV:

Escreveu Etienne Gilson:

"O caráter próprio do século XIV é o, de ter desesperado da obra tentada pelo século XIII, ou antes, de ter usado a Filosofia para mostrar como estavam certos aqueles teólogos desconfiados que desde o século XIII denunciavam a impossibilidade de apoiar o dogma [a Fé] sobre a Filosofia. Melhor seria colocar a Fé enquanto tal, do que baseá-la em pseudo justificações" (Etienne Gilson, *La Philosophie au Moyen Age*, Payot, Paris, 1976, II Volume, p. 638).

Essa declaração mostra como o fideísmo moderno começou longe, ainda no século XIII.

O Franciscano Duns Scotto, nos últimos anos do século XIII, opondo-se a São Tomás, levou a repudiar a tese tomista de que tudo tem fundamento no Verbo. Para Duns Scotto, Deus poderia ter determinado mandamentos completamente contrários aos que Ele deu a Moisés. Desse modo, no fim do século XIII, Duns Scotto preparou o caminho para Ockham e para o relativismo moral de Ockham.

Para Duns Scotto, a vontade seria superior ao intelecto, e por isso também a liberdade seria superior ao amor, e este seria superior ao conhecimento.

Parece-nos então, que com Duns Scotto, a Liberdade entrou pela primeira vez como personagem principal na história do Ocidente, e isto era já um princípio de Revolução. (Cfr. F. Copleston, **A History of Philosophy, Mediaeval Philosophy**- Image Books, The Newman Press, Westminster Maryland, Volume II, Parte II, pp. 199 a 209).

Gilson, comentando a decadência da Filosofia, pelo avanço do Averroísmo, no final do século XIII e início do Século XIV, escreveu:

"Assiste-se a esse espetáculo, até então desconhecido da Idade Média: Cristãos rompendo deliberadamente os liames que, desde o século II, tinham unido Filosofia e Teologia, e fundando-se exclusivamente na primeira em tudo o que tem relação com a pura razão. Não se tratava aí de um simples acidente, já que esse divórcio entre a filosofia e a Teologia devia ser consumado., no século XIV, pela proibição feita aos Mestres em Artes de não ensinar qualquer matéria atinente à Teologia" (Etienne Gilson, **La Philosophie au Moyen Age**, Payot, Paris, 1976, II Volume, p. 589).

Como se vê, essa ruptura entre a Teologia e a Filosofia, -- entre a Fé e a razão -- fruto da perda das certezas, devia levar o pensamento, de um lado, ao racionalismo, e de outro ao fideísmo irracionalista. É o que vai acontecer com o racionalismo incrédulo de Ockham e com o irracionalismo fideísta e gnóstico de Eckhart, ambos lançando as bases para a Reforma protestante de Lutero.

E Duns Scotto é do início do século XIV, bem longe do momento suposto por Plínio para a erupção das paixões desordenadas causadoras, segundo ele, de toda a Revolução.

E) As Heresias de Eckhart e Ockham

Também à pregação da Gnose mística de Eckhart e ao racionalismo nominalista de Ockham, que tão profundamente influíram no pensamento de Lutero, Plínio não alude. E foram fatos heréticos ocorridos no século XIV

Mestre Eckhart elaborou todo um sistema gnóstico irracionalista e antinomista que justificava qualquer ação pecaminosa, e mesmo aceitou a teoria cabalista da santidade do pecado, que Lutero fará sua no princípio "Crê firmemente e peca muitas vezes".

A essa mística e "moral" antinomista, Lutero saberá juntar o racionalismo de Ockham com todo o seu relativismo. Foi graças a essa fusão dialética do irracionalismo de Eckhart com o racionalismo do nominalismo de Ockham que Lutero deveu seu enorme êxito. Dr. Plínio nem cogita disso, reduzindo todo o problema da Reforma ao orgulho e à sensualidade -- que certamente tiveram um papel na revolta reformista e no Renascimento -- mas que, de per si, eram incapazes de montar sistemas doutrinários com alguma coerência, que lhe pudesse dar vitória, como, aliás, o próprio Plínio admitiu.

Como então Plínio tenta fazer passar a seus leitores que a Revolução teve por raiz uma erupção de paixões desordenadas ocorrida em algum momento do século XV? As raízes doutrinárias da Revolução se estendem bem mais longe no passado. Elas alcançam os séculos XIV, XIII, XII, etc.,

indo até os primeiros tempos da luta entre a Raça da Virgem e a raça da Serpente. Escamotear essa ligação da Revolução com todo esse passado é falsear a sua compreensão e preparar a vitória para a... Serpente.

Se Plínio, como vimos, reconhece que as paixões, por serem cegas, não poderiam dar dinamismo organizado à Revolução, por que não se esforça ele para descobrir qual teria sido o motor real da Revolução?

Por que o oculta?

Imaginar que ele ignorasse todas essas coisas, então, é bondosamente diminuir a sua culpa nessa questão.

F) A Cabala "Cristã"

Outra causa importante da Reforma e do Renascimento, mas misteriosa, ocorrida nos séculos XIV e XV a que Plínio nem alude é a influência da Cabala judaica no pensamento cristão.

Vimos que a Cabala foi inicialmente escrita exatamente na região onde ia se desenvolver o Catarismo. Vimos ainda que a obra fundamental da Cabala judaica—o Zohar—foi redigida no fim do século XIII.

Se a Cabala, inicialmente, ficou restrita a certos círculos rabínicos muito fechados, ela logo começou lentamente a penetrar em grupos intelectuais e religiosos cristãos, dando origem àquilo que se chamou de Cabalismo "Cristão".

Johanes Reuchlin, na Alemanha, e Pico de Mirandola, na Itália, foram dos primeiros pensadores cristãos a receberem influência da Cabala, ainda no século XV. Reuchlin transmitiu a gnose cabalista aos Reformistas alemães, enquanto Pico a transmitiu aos Humanistas italianos.

O tema é pouco conhecido, mas, quem pretenda escrever um pseudo Tratado—ainda que seja um Mini Corão sobre a Revolução—não pode desleixar da sombra lançada pela Cabala na primeira Revolução.

[Sobre esse tema misterioso, recomendamos como obras mais importantes que devem ser conhecidas o livro de François Secret, **Les Kabbalistes Chrétiens de la Renaissance** (Dunod, Paris, 1964); na coleção **Cahiers de l'Hermétisme**, os ensaios reunidos sob o título **Kabbalistes Chrétiens** (Albin Michel, Paris, 1979); a obra de Joseph Leon Blau, **The Christian Interpretation of the Cabala in the Renaissance**, (Kenicat Press, Port Washington, New York, 1944)].

Que a Cabala visava infiltrar-se na Igreja para destruí-la é apontado por Windmannstadt, e é reconhecido nada menos pelo maior conhecedor da Cabala entre os especialistas judeus nessa matéria: Gerschon Scholem.

Escreveu Scholem após dar uma citação de Windmannstadt sobre a doutrina cabalista da presença de elementos divinos em todas as coisas:

"Tudo isso é manifestamente muito interessante, ao mesmo tempo pela própria citação como pela reação de Windmannstadt. Este vê, portanto, na Kabbalah não um testemunho da verdade cristã, mas — muito

pelo contrário – um “ cavalo de Tróia” que os cabalistas cristãos, em sua extrema ingenuidade -- se seguirmos bem o pensamento deste erudito cristão--, teriam acreditado ser bom arrastar em direção de seu próprio domínio, o do cristianismo. Esta construção na aparência tão atraente que é a Kabbala, conteria , na realidade, teorias monstruosas no mais alto grau, em contradição flagrante com o dogma cristão da salvação por meio de Cristo, e próprias a minar esse dogma.

“Parece-nos que o julgamento assim formulado por Windmannsatadt manifesta, sobre este ponto pelo menos, uma compreensão bastante rara do autêntico caráter da Kabbala, assim como da ambigüidade que se apegava á empresa dos cabalistas cristãos, sobretudo quando ela se fundava – como em Pico de la Mirandola – sobre um sincretismo deliberado e afirmado como valioso positivo”(Geershom G. Scholem, **Considérations sur l'Histoire des Débuts de la Kabbale Chrétienne**, in **Cahiers de l'Hermétisme, Kabbalistes Chrétiens**, Albin Michel, Paris, 1979, p. 21).

Só resta agradecer a sinceridade e a franqueza de Scholem reconhecendo que o Cabalismo “Cristão” foi um “cavalo de Tróia” infiltrado na Igreja, para tentar destruí-la.

Pena que pensadores católicos desconheçam esta sinceridade de Scholem.

Pena que Plínio, em seu Mini Corão, nem aluda a isso. Para ele a Cabala—que ele ignorava absolutamente – nada teria que ver com a Reforma e a Renascença. E os tefepistas, decoradores de seu Mini Corão, desconhecem absolutamente estes problemas.

G) Heresias Precursoras de Lutero e outros fatos omitidos.

Entre as causas da Reforma que Plínio omite estão as seitas precursoras do Luteranismo, como por exemplo, a heresia de Wyclef, que faz uma ponte entre as heresias franciscanas e o protestantismo, através da heresia de João Huss e dos Taboritas.

Plínio nem fala das inúmeras heresias gnósticas do século XIV, da Peste Negra, que tanto marcou a Europa, da Guerra dos Cem Anos, da Gnose dos Humanistas do século XV—o Hermetismo de Ficino --, fatos todos esses, que prepararam e influenciaram a eclosão da Reforma protestante e do Renascimento.

Claro que compreendemos que num livro nos limites do de Plínio não era possível tratar de todos esses fatos históricos profundamente – como nós mesmos não tratamos deles a fundo, e só os citamos. Mas Plínio não só não os conta, como nem os cita, e até afirma que a Revolução nasceu nas mais profundas zonas da alma humana, em certo momento do século XV, por um desregramento de paixões, sem ter uma doutrina como raiz, o que é um absurdo doutrinário, e que é historicamente falso.

E Plínio, para comprovar que, de fato, havia uma tendência para o desregramento de paixões, já no século XIV, afirma que nesse tempo: **“Tudo tende ao risonho, ao gracioso, ao festivo”**.

Que existiu uma tendência ao risonho, no século XIV, acentuada no século XV, é verdade. Mas só em parte. Que **"tudo"** tendeu **"ao risonho, ao gracioso, ao festivo"** é completamente falso.

No século XIV, especialmente depois da Peste Negra, que marcou profundamente a mentalidade e a arte dos povos daquele tempo, surgiram as danças macabras, a música muitas vezes se tornou tétrica e fúnebre, como mostram os cantos das Sybilas, o Dies Irae. Os gisants (estátuas tumulares) representando esqueletos e vermes, ou as imagens de cadáveres contorcidos esculpidos sobre os túmulos, demonstram a perda de equilíbrio em face da morte, caindo-se no desespero. Apareceram nessa época os "pleurants" [chorões] fúnebres de Claus Sluter. Foi escrita a Ballade des Pendus ("A Balada Dos Enforcados") de François Villon, que fez também poesias graciosas, além dessa poesia trágica.

A pintura da época também possui marcas nítidas do desespero fúnebre que dominou a Europa no "gracioso" século XV. Veja-se, por exemplo, a pintura "O Triunfo da Morte". Ou explique-se como são "risonhas" as pinturas do adamita e gnóstico Hyeronimus Bosch

Se disséssemos que, no século XV, **tudo** tendia ao fúnebre, seria um exagero. Mas afirmar, porém, que no século XV **"tudo"** tendia ao risonho e ao gracioso, evidentemente é uma deturpação dos fatos históricos.

Vejam-se, por exemplo, as imagens das esculturas e da Arquitetura no século XIV que mostramos abaixo:

[Colocar FOTOS do Flamboyant]

Como dissemos, para Plínio e para seus românticos adeptos, na Idade Média, até o surgimento da cavalaria "amorosa e sentimental", não houve nunca dois jovens enamorados. Todos os enamorados medievais teriam "amor à Cruz" e à "austeridade". O que é puro sonho romântico.

Essa concepção romântica e parcial da Idade Média e de sua decadência tem como ponto péssimo, a omissão da existência de movimentos organizados gnósticos que trabalhavam astuta e ativamente contra a Igreja Católica mesmo no século XII e XIII.

Na Idade Média, o demônio já era ativo. A Serpente sibilava e Judas não dormia no apogeu do período medieval. E havia também, então, homens e mulheres com paixões desregradas. Homens com sede e ânsia de prazeres sempre existiram. Carlos Magno com suas onze mulheres é prova disso. E Roland, com seu olifante, é pura lenda. Tanto quanto o mágico e gnóstico castelo do Rei Arthur, com seus cavaleiros de mito em torno da Távola Redonda.

Em suma, a Revolução não começou nas profundezas da alma humana em certo momento do século XV. Ela foi fruto de uma conspiração, e descendia de tentativas heréticas anteriores. A Gnose sempre existiu na História, e o demônio não acordou no século XV. A serpente sabe se esconder muito bem, quer entre as folhas das árvores do Paraíso terrestre, quer entre as folhas das páginas de livros escritos para enganar incautos românticos tradicionalistas, no século XX, que se fantasiavam de cavaleiros e monges com a mentalidade de personagens de Alexandre Dumas.

Todas essas omissões foram necessárias para Plínio fazer crer que a Revolução não teve uma raiz gnóstica, para isolar a Revolução da luta multi secular da Serpente contra a Igreja na História.

2- Pseudo- Reforma e Renascimento

Plínio C. de Oliveira faz uma exposição por demais encolhida do Renascimento e da Reforma Protestante.

Ele afirma inicialmente que o novo estado de alma surgido na época do Renascimento e da Reforma era fundamentalmente diverso do que existia nos séculos XII e XIII. Ora, o que mudara não fora apenas um "estado de alma". Na época do Renascimento e da Reforma mudou algo muito mais profundo. Passara-se de uma cosmo visão católica para uma cosmo visão panteísta ou gnóstica. Abandonara-se a Fé. Abraçara-se a heresia.

Mudara a Fé.

A diferença entre São Tomás e Marsílio Ficino é que São Tomás era católico e Marsílio Ficino era gnóstico. Não mudara apenas a mentalidade, ou um "estado de alma". Havia-se mudado de doutrina, trocara-se de religião. Abraçara-se a heresia e se fazia propaganda dela.

Acidade do Homem conquistara muitos da Cidade de Deus.

O Antropocentrismo começara a se impor vitoriosamente ao Teocentrismo.

O Homem começou a se assentar no trono de Deus.

Escreveu Plínio, que mal tinha idéia do que ensinava na Academia Platônica de Florença: "A admiração exagerada, e não raro delirante pelo mundo antigo, serviu como meio de expressão a esse desejo. Procurando muitas vezes não colidir de frente com a velha tradição medieval, **o Humanismo e a Renascença tenderam a relegar a Igreja, o sobrenatural,**

os valores morais da Religião, a um segundo plano." (Plínio Corrêa de Oliveira, *Revolução e Contra Revolução*, I Parte, cap.III, nº 5 -B, edição de 1993, p. 20. O destaque é nosso).

Dizer que "o Humanismo e a Renascença tenderam a relegar a Igreja, o sobrenatural, os valores morais da Religião, a um segundo plano", é muito pouco.

O Antropocentrismo do Humanismo e da Renascença era, de fato, uma divinização do homem, uma colocação do Homem no lugar de Deus. Era a substituição do Catolicismo pelo panteísmo materialista ou pela Gnose espiritualista. Não era "um segundo plano" o que se queria para a Igreja: era a sua aniquilação.

D.P. Walker em seu livro *Spiritual and Demonic Magic from Ficino to Campanella* (University of Notre Dame Press- London, 1975) demonstra como o hermetismo de Ficino e dos Humanistas e artistas do Renascimento era de fundo gnóstico e mágico. Era, na verdade, luciferino.

Edgar Wind mostra como essa doutrina hermética foi exposta na sobras de muitos dos grandes mestres do Renascimento, como Botticelli, Leonardo, e Michelangelo (Cfr. Edgar Wind, *Pagan Mysteries in the Renaissance* (Faber and Faber, London, 1968) .

Vejam-se, por exemplo, alguns versos de Petrarca, para se conhecer a que "*segundo plano*" se queria relegar a Igreja, e que ódio os humanistas tinham da Igreja:

SONETO

"Fontana di dolore, albergo d'ira,	Fonte de dor, albergue de ira,
Scuola d'errori, e tempio d'eresia;	Escola de erros, e templo de heresia,
Già Roma, or Babilônia falsa e ria,	outrora Roma, agora Babilônia falsa e ré
Per cui tanto si piagne e si sospira.	Por quem tanto se chora e se suspira.
O fucina d'inganni, o prigion dirá,	Ó oficina de enganos, ó prisão de ira
Ove'l bem more, e 'l mal si nutre e cria;	onde o bem morre e o mal se nutre e cresce,
Di vivi inferno; um gran miracol fia	dos vivos, inferno, um grande milagre seria

Se Cristo teco al fine non s'adira.

Se Cristo contigo por fim não se irrita

Fondata in casta ed umil povertate

Fundada em casta e humilde pobreza

Contra tuoi fondatori alzi le corna,

contra teus fundadores levantas os teus chifres

Putta sfacciata: e dov'hai posto spene?

Meretriz desaforada, onde colocaste esperança?

Negli adulteri tuoi, nelle mal natte

Em teus adultérios, nas mal nascidas

Ricchezze tante? Or Costantin non torna;

riquezas tantas? Agora Constantino não volta

Ma tolga il mondo tristo che 'l sostiene.

Mas pegue-as o triste mundo que suporta isso.

(Petrarca, **Le Rime di Francesco Petrarca**, In **Vita di Madonna Laura**, CXXXVIII, Sansoni Editore, Firenze, 1949, p. 221-222).

Por essa furiosa amostra, se pode ver a que segundo plano se visava colocar a Igreja Católica. Considerando-se isso se vê como o comentário de Plínio sobre o Humanismo é ridiculamente pobre.

Tal qual outros falaram em "Liberalismo católico" e em "socialismo cristão", Plínio Corrêa de Oliveira fala de um pseudo Renascimento cristão...

"Os esforços por uma Renascença cristã não lograram esmagar em seu germe os fatores de que resultou o triunfo paulatino do neo paganismo" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, I Parte, cap.III, nº 5 -B, edição de 1993, p. 21).

Imagine-se! Plínio que pretendia ser "o varão totus Católicos et totus Apostolicus" – Que auto elogio pedante e orgulhoso!-- lamentando que não se tenha realizado um paganismo "cristão"!...

Como podia ele atacar sinceramente o "liberalismo católico" e o "socialismo cristão" se ele admitiu a possibilidade de um paganismo cristão?

Ao tratar da Reforma protestante, ficou impossível para Plínio não falar mais da Igreja. Conseguir falar do Protestantismo sem falar da Igreja seria proeza de ilusionista.

Mas vejamos o que diz Plínio Corrêa de Oliveira da Reforma luterana e da Igreja

"Mas, em outros países ele - [o neo paganismo] - investiu às escâncaras contra a Igreja. O orgulho e a sensualidade, em cuja satisfação esta o prazer da vida pagã, suscitaram o protestantismo" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, I Parte, cap.III, nº 5 -B, edição de 1993, p. 21).

Evidentemente, nisso há uma simplificação excessiva –e, portanto, falsa – das causas do protestantismo. Que orgulho e sensualidade colaboraram para a vitória do Protestantismo, não há dúvida. Reduzir, porém, a Reforma de Lutero somente a esses dois fatores é simplificar a questão até à deformação. O autor não leva em conta os precedentes doutrinários do luteranismo: a heresia dos valdenses, a Gnose de Mestre Eckhart e a dos Irmãos do Livre Espírito, os erros de Wyclef, de João Huss e de John Ball. Não considera o papel da filosofia nominalista da qual o luteranismo foi uma aplicação. Não leva em conta o papel da Cabala judaica e sua influência entre os chamados cabalistas cristãos, como causas da heresia luterana.

O autor não leva nada disso em conta, na sua obsessiva mania de focalizar apenas as causas morais e instrumentais da Revolução. Para ele, tudo na Revolução se explicaria apenas pelo orgulho e sensualidade desregrados, apesar de ter reconhecido que, de si mesmas, essas paixões desregradas fossem incapazes de arquitetar a Revolução.

Em História, isso é absolutamente insuficiente.

Veja-se essa insuficiência nas seguintes por demais simplificadoras afirmações do autor em foco:

"O orgulho deu origem ao espírito de dúvida, ao livre exame, à interpretação naturalista da Escritura. Produziu ele a insurreição contra a autoridade eclesiástica, expressa em todas as seitas pela rejeição do caráter monárquico da Igreja Universal, isto é pela revolta contra o Papado. Algumas, mais radicais, negaram também o que se poderia chamar a alta aristocracia da Igreja, ou seja, os Bispos, seus Príncipes. Outras ainda negaram o próprio sacerdócio hierárquico, reduzindo-o a mera delegação do povo, único detentor do poder sacerdotal".

"No plano moral, o triunfo da sensualidade no protestantismo se afirmou pela supressão do celibato eclesiástico e pela introdução do divórcio" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, I Parte, cap. III, nº 5 -B, edição de 1993, p. 21-22).

Nestas linhas, Plínio não cita explicitamente nenhum dogma de Fé negado pelo Protestantismo, e nem defende explicitamente nenhum dos dogmas negados pela heresia luterana e calvinista.

É verdade que ele cita o livre exame, mas não fala da negação do poder do Papa mostrando como ele foi dado por Cristo a Pedro, nos Evangelhos. Ele se limita quase que só a citar os efeitos das heresias protestantes no campo institucional da Igreja: negação da autoridade papal — da Monarquia papal — negação da aristocracia eclesiástica (o Episcopado) e mesmo do sacerdócio hierárquico. Evidentemente, ele tem em mira mais o modelo social do antigo regime do que a dogmática católica.

E quando cita a questão moral do Protestantismo ele nem cita a consideração luterana de que a natureza humana seria inteiramente má, e, por isso, incapaz de boas obras, o que radica o protestantismo diretamente à Gnose. Ele não cita a negação do livre arbítrio humano, como não fala da doutrina da santidade do pecado, que liga diretamente a Teologia luterana à Cabala judaica. Ele não cita a negação de vários sacramentos, especialmente o da Eucaristia, sacramento que a Gnose, condenando a matéria, não poderia jamais aceitar, pois que se para a Gnose a matéria é má, como se poderia aceitar a comunhão da Carne e do Sangue de Cristo? Nem fala o autor da posição protestante contrária ao culto da Santíssima Virgem e dos santos, exigida pela concepção protestante e gnóstica de que a natureza humana é essencialmente má. Ele somente lembra dois efeitos morais — com repercussão direta no mundo natural da doutrina moral protestante: o casamento dos padres e o divórcio. O que é pouco demais.

Essa visão diminuída do protestantismo, radicada apenas no orgulho e na sensualidade, não diferenciaria o protestantismo de outras seitas anteriores. Também os cátaros negavam a Hierarquia eclesiástica, negavam o sacerdócio, negavam a moral cristã.

Tratar somente desses pontos institucionais e jurídicos da Igreja, desleixando todo o problema teológico, -- problema ao qual nem sequer se faz menção -- deturpa a visão correta do que foi o Protestantismo, que o autor apresenta quase que só como movimento político contra a Igreja Universal... (Por que será que ele não a chamou de Igreja Católica, nesse ponto?).

Em **Revolução e Contra Revolução**, Plínio faz uma exposição excessivamente enrolada das três revoluções que destruíram a sociedade medieval e criaram o Mundo Moderno. Tão enrolada e embutida que lhe permite esconder nas dobras de sua exposição muitos problemas agudos e graves

Pior que isso, ele centra as revoluções mais em questões naturais, envolvendo a sociedade civil do que em questões religiosas. As questões

políticas e econômicas primam sobre as questões doutrinárias, teológicas. Assim, na Reforma, ele quase não trata das heresias luteranas e calvinistas. Na Renascença, ele não toca na gnose hermetista, e quem o lê nem fica informado de que havia uma Gnose muito elaborado por trás das obras de arte clássicas. Curiosamente, porém, ele omite o problema da Monarquia absoluta criada pela Reforma e pelo Renascimento.

Fã das cortes e da Monarquia tal como ele a imaginou através das "**Mémoires**" de Saint Simon, admirador incondicional da corte dos Valois e dos Bourbons, Plínio cego por seu monarquismo fanático, não faz crítica alguma à Monarquia absoluta, que, acaba, em concreto, sendo identificada com a Monarquia "tout court", o que é uma mentira. Para ele, as maneiras refinadas dessas cortes efeminadas e adúlteras, faziam-no fechar os olhos para as sodomias e adultérios que lá se davam. Ele não critica a monarquia absoluta nascida da Reforma e da Renascença e que pretendia dar ao rei poder absoluto sobre a Igreja e sobre o Estado. Lutero declarou que cada Príncipe era chefe da Religião em seus territórios. Ele fez isso, não só para combater o poder da Igreja, mas também para subornar os nobres, a fim de comprar o apoio da nobreza alemã, miserável e ávida de se apossar dos bens da Igreja, para assim obter defesa militar para a heresia protestante. E o conseguiu. Por sua vez o Renascimento queria restaurar o império pagão, no qual César era chefe do estado e da Religião mais ainda: era tido como deus. Os legistas prepararam a ambição dos Reis e os ajudaram a tecer razões legalistas para usurpar os bens da Igreja e para proclamarem os soberanos com poder de aprovar ou não Bulas e decretos papais, nomearem Bispos e concederem benefícios eclesiásticos. Foi da coligação da concepção luterana e renascentista de Igreja que nasceram a monarquia absoluta de Henri VIII, que se fez chefe da Igreja anglicana, e a monarquia absoluta dos Bourbons, que fez nascer o Galicanismo.

Ambas monarquias, a inglesa e a francesa, por serem absolutistas, combateram o feudalismo e a aristocracia, preparando a própria decapitação e guilhotinamento.

Luis XI colocou as primeiras traves, para o patíbulo de Luis XVI, enquanto, na Inglaterra foi Henrique II, no século XII, quem, matando São Thomas Becket, preparou o divórcio de Henrique VIII, os crimes de Isabel e a fundação da "igreja" da Inglaterra. O que leva a Revolução na Inglaterra para muito antes do "risonho" século XV.

Foram esses reis absolutos que dissolveram os costumes da nobreza, obrigando-a a viver no ócio e no luxo corruptor das Cortes. Dessas cortes, Plínio só guarda a imagem da finura de maneiras, esquecendo-se dos "mignons" do sodomita e incestuoso Henrique III, rei francês que usava saia, brincos, e lábios pintados... Como se esquecia também da "Missa Nova", elaborada por Margarida de Navarra...

Ele não tem espaço para acusar Luis XIV de pretender ser um Lénin coroado ao afirmar que, na Monarquia francesa, só havia propriedade particular, porque ele, o rei Sol, a tolerava, porque tudo devia ser do Rei. Luis XIV, predecessor de Marat e de Stalin.

Contra a Monarquia absoluta, revolucionária por ser anti papal e anti feudal, Plínio Corrêa de Oliveira não faz crítica... por falta de espaço. Um livro de teses não lhe permitia entrar em detalhes tão "pouco importantes", mas tão comprometedores para a Monarquia francesa.

Em Revolução e Contra Revolução, pretensioso Mini Corão para ajudar a entortar ainda mais a já tão torta toda a "Direita" dos católicos tradicionalistas, Plínio nem sequer alude a Jacob Boehme do qual nasceu toda a gnose Moderna, como não alude a Descartes e ao seu "Cogito, ergo sum" que tanta devastação causou na Filosofia. Para **Revolução e Contra Revolução** não existiram o Pietismo e o Quietismo. Não existiram Martinez de Pasqually e Louis Claude de Saint Martin. Não existiram Spinoza, Novalis e Schelling. Não existiu o mesmerismo e o Romantismo.

Et pour cause!!

Como Plínio falaria do Romantismo sem se condenar a si mesmo, e sem condenar toda a sua visão romântica da História?

3- A Revolução Francesa

Tratando das causas da Revolução Francesa, no Mini Corão tefepista, Plínio escreveu:

"A ação profunda do Humanismo e da Renascença entre os católicos não cessou de se dilatar numa crescente cadeia de conseqüências, em toda a França. Favorecida pelo enfraquecimento da piedade dos fiéis – ocasionada pelo Jansenismo e pelos **outros fermentos que o protestantismo** do século XVI desgraçadamente deixara no Reino Cristianíssimo – tal ação teve por efeito no século XVIII uma dissolução quase geral dos costumes, um modo frívolo e brilhante de considerar as coisas, um endeusamento da vida terrena, que preparava o campo para a vitória gradual da irreligião. Dúvidas em relação à Igreja, negação da divindade de Cristo, deísmo, ateísmo incipiente foram as etapas dessa apostasia". (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, ed. cit.; Parte I, cap. III, letra C, p. 22. O destaque é nosso).

Quais seriam esses "**outros fermentos do protestantismo**" que o autor não cita?

Por que ele não fala do falso misticismo gnóstico do Quietismo que tanto mal fez à França? Por que ele não cita a ação das seitas secretas, o Martinesismo e especialmente o Martinismo que -- usando uma formulação pliniana -- tanto penetrou nos "*ambientes católicos tradicionais*"? Joseph de

Maistre, autor caro a Plínio e à TFP, pertenceu a esse ambiente. Essas duas sociedades secretas maçônicas gostavam de utilizar, em suas lojas, símbolos geométricos como o losango e o círculo, tão caros à TFP (Cfr. R. L. Forestier, *La Franc Maçonnerie occultiste au XVIII ème Siècle & L'Ordre des Élus Cohens*, Dorbon- Ainé, Étampes, 1928).

Por que será que Plínio nem alude a tudo isso?
Quanta coisa Plínio ignorava...

Ou sabia ele de tudo isso e tudo omitiu... por falta de espaço, em seu pequeno livro?

É bem mais caridoso supor que ele ignorava tudo isso.
Mas... Ele era bem inteligente para ignorar tudo isso...

E como transparece a admiração de Plínio pelo Ancien Régime ao qualificar de "frívolo e brilhante" o modo em que a apodrecida aristocracia francesa do século XVIII percorreu os caminhos da apostasia. Pode-se qualificar de "brilhante" o modo de decair pela corrupção e pela apostasia até a guilhotina e até o inferno? Isso é ter seriedade ao considerar os fatos históricos? Por que não deixa mais claro que o Absolutismo real, o excesso do poder dos Reis resultante de sua revolta contra o Papado, é que levou a Burguesia a querer se igualar aos nobres? Por que não falou ele das Origens Intelectuais da Revolução Francesa? Há um livro bem interessante de Daniel Mornet tratando dos fatos doutrinários e concretos das origens da Revolução Francesa. (Cfr. Daniel Mornet, *Les Origines Intellectuelles de la Révolution Française*, Collin, Paris, 1927).

E por que não mostrou ele que toda a "direita" antes da Revolução estava já contaminada de esquerdismo já que todos os intelectuais contra Revolucionários admitiam pelo menos algumas das idéias da Revolução, em maior ou menor grau (Cfr., Jacques Godechot, *La Contre Révolution*, PUF, Paris, 1961).

Por que ele não deixa claro que se os Reis não obedeciam mais a Roma, por que razão os ricos deveriam acatar e aceitar a Nobreza como superior a eles?

Por que ele não mostra que a Corte dos reis era um foco de corrupção e de escândalo?

Por que elogia ele a aristocracia e sua vida de Corte, Corte que era uma sentina moral?

De novo, se nota, na análise que Plínio faz da preparação da Revolução Francesa, uma minimalização das causas doutrinárias. Ele não trata nem do Iluminismo e da Enciclopédia atea e anti clerical, ligada ao Grande Oriente, e muito menos da ação da Maçonaria mística, que foi o martinismo, matriz da cosmo visão pré romântica de Rousseau, que penetrou profundamente nos meios católicos e aristocráticos.

Se ele cita a palavra Jansenismo, é para acentuar não os aspectos teológicos e doutrinários mais profundos dessa seita, mas apenas seus efeitos na "piedade" dos fiéis.

E ele não fala de fatos muito importantes que prepararam a Revolução como a Enciclopédia, que era muito lida pelo Clero. Não fala de Rousseau e de sua penetração na Nobreza. Ele não diz que a Revolução Francesa, mais do que anti monárquica, foi anti Católica, e que ela até aceitaria um Rei que apoiasse totalmente a Constituição Civil do Clero e as penas contra os padres refratários que permaneceram fiéis ao Papa.

E Plínio não faz nenhum ataque ao regime nascido da Revolução Francesa, isto, a Democracia liberal. Pode-se imaginar um Contra Revolucionário que não aproveite uma ocasião para atacar o liberalismo e a Democracia Liberal condenada pela Igreja?

Pois esse "Contra Revolucionário" muito "sui generis" existiu. Foi Plínio Corrêa de Oliveira.

É claro que a Igreja sempre ensinou que a Democracia é uma forma de governo legítima. Mas a democracia liberal foi sempre condenada pela Igreja quando eela condenou :

a) o igualitarismo político e o sufrágio universal, que supõem que todos têm igual direito de votar e de serem votados.

b) As chamadas liberdades democráticas como a liberdade de religião, de culto e de consciência; a liberdade de imprensa; a liberdade de propaganda; a liberdade de educação, todas elas condenadas por Pio VI, Gregório XVI, Pio IX, Leão XIII. São Pio X, Pio XI e Pio XII.

c) A separação entre Igreja e estado, sempre condenada pela Igreja, especialmente reprovada pelo Syllabus de Pio IX.

E veremos que Plínio Corrêa de Oliveira, em ocasião de importância ímpar, defenderá a "hipótese liberal" da separação entre Igreja e Estado por oportunismo.

d) A doutrina de que o poder vem do povo, quando a Sagrada Escritura diz expressamente que o poder vem de Deus.

e) O direito de revolução rousseauiano. Pois que, se o povo é quem dá o poder, o povo também pode retirar o poder de quem o recebeu.

f) A ditadura popular exercida por quem recebeu o poder do povo. Pois que se o povo dá o poder, aquele que recebeu o poder do povo pode fazer qualquer lei, por exemplo aprovar a morte dos judeus, ou a morte dos embriões. Foi com base nesse princípio liberal que Hitler fez suas leis genocidas criminosas. Desde a Revolução Francesa, o Ocidente oscila entre democracias libertárias tendentes ao anarquismo, e ditaduras populares eleitas ou apoiadas pelo povo em plebiscitos maciços, como aconteceu em Berlim de Hitler, e na Havana de Fidel Castro, com as bênçãos de Frei Boff e do semi Frei Betto.

g) A separação dos poderes proposta por Montesquieu, contra a realidade de que todo poder é, por essência, uno.

h) A liberdade absoluta de comércio e de concorrência, separando a economia da moral, que são os pontos condenáveis do capitalismo, forma econômica do liberalismo.

i) O Nacionalismo e o anti colonialismo, que a maçonaria sempre defendeu e que Plínio defenderá ensinando em seu Magistério de professor "católico".

Plínio, e a TFP sempre defenderam o capitalismo, a pretexto de que ele conserva dois pontos da ordem natural: a o direito de propriedade particular—que é um direito natural —e a livre iniciativa, sem condenar seus pontos negativos apontados mais acima.

O espírito "Contra Revolucionário da TFP" pode ser qualificado de ser um tradicionalismo um tanto liberal capitalista de "conveniências e oportunidades".

j) O Liberalismo na arte, que foi o Romantismo, que Plínio e a TFP adotaram praticamente, e mesmo tentaram defender teoricamente, pelo menos em parte, como se lê no romântico livro *Dona Lucília*, assinado por João Scognamiglio Clá Dias, e muito provavelmente ditado pelo próprio Plínio Corrêa de Oliveira.

4 - A Revolução Comunista na Rússia.

Ao tratar da ligação da Revolução Francesa com a Revolução Comunista de Lênin, escreveu Plínio:

"Da Revolução Francesa nasceu o movimento Comunista de Baboeuf. E, mais tarde, do espírito cada vez mais vivaz da Revolução irromperam as escolas do comunismo utópico do século XIX e do comunismo dito científico de Marx" (Plínio Corrêa de Oliveira, *Revolução e Contra Revolução*, ed. cit., Parte I, cap. III, letra C, p.24).

Plínio cita o comunista Baboeuf, mas omite o comunismo dos "enragés".

E Plínio não explica que diferenças há, e por que há diferenças, entre o socialismo utópico e religioso de Saint Simon e Fourier, por exemplo, e socialismo "científico" de Marx, nem de onde se originaram esses dois socialismos.

Plínio ignora a divergência entre jacobinos adoradores da Razão e jacobinos adoradores do Ser supremo, entre comunistas racionalistas, como Hébert, e comunistas irracionais, como Rousseau. Plínio desconhece — ou faz que não conhece? — a divisão entre Maçonaria racionalista, deísta ou atéia, geradora do socialismo materialista, pretensamente científico, de Marx, e a Maçonaria mística gnóstica, que vai dar origem ao socialismo utópico, isto é, irracional e sonhador de Proudhon, Fourier, Saint Simon etc.

Escreveu Plínio:

"E' o que de mais lógico? O deísmo tem como fruto normal o ateísmo. A sensualidade revoltada contra os frágeis obstáculos do divórcio, tende por si mesma ao amor livre. O orgulho, inimigo de toda superioridade, haveria de investir contra a última desigualdade, isto é, a de fortunas" (Plínio Corrêa

de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, ed. cit., Parte I, cap. III, letra C, p.24).

Plínio não vai ao fundo da questão, pois ele não mostra o igualitarismo revolucionário como sendo metafísico, quer na forma racionalista panteísta, quer na forma irracionalista gnóstica.

Não tomando conhecimento da Maçonaria Gnóstica, fazendo de conta que ela não existe, Plínio não diz uma palavra da revolução irracionalista e gnóstica do Nazismo. Não diz, nesse livro, uma palavra sobre a revolução nazi-fascista, que era o pendant irracionalista da revolução atéia e materialista de Lênin e Stalin.

Por que ?

5- Monarquia, República e Religião.

A visão naturalista que Plínio apresenta da Revolução e da Contra Revolução, o leva logicamente a tratar antes dos aspectos políticos, do que de aspectos religiosos e metafísicos, na questão em foco. Daí, ele tratar do problema das formas de governo, Monarquia e República, problema a ele bem caro.

Claro, se a Revolução é causada pelas "paixões desregradadas", e se, antes de tudo, ela é natural, sua solução viria de uma vida piedosa, e da restauração da Monarquia e da devolução dos direitos da Aristocracia..

Plínio C. de Oliveira sempre teve em vista os problemas da França, e sempre visou arrebanhar para seu girão de influência os remanescentes da Action Française, cujo lema era "Travail, Famille et Patrie" [Trabalho, Família e Pátria], lema que provavelmente inspirou exatamente a sigla TFP. E como a Action Française era monarquista, Plínio tinha que defender a Monarquia, mas sem querer seguir a Action Française em seu choque com o Papado.

Daí, Plínio se apressar em citar Leão XIII, na questão da Monarquia, exatamente o Papa que defendeu o "Ralliement", isto é, que os católicos podiam e deviam aceitar a República, já que, pela doutrina católica, as três formas de governo (Monarquia, Aristocracia e Democracia) são aceitáveis e legítimas.

"A fim de evitar qualquer equívoco, convém acentuar que esta exposição não contém a afirmação de que a república e um regime político necessariamente revolucionário" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, ed. cit., Parte I, cap. III, letra C, p.24).

O que é correto.

Note-se, porém, que ele fala em República, e não em Democracia, pois República é um termo genérico. Que inclui a República aristocrática e a democrática. É assim que Plínio falava, quando tinha que evitar equívocos: falava ambígua e vagamente.

Plínio vai então defender a Monarquia, para atrair os tradicionalistas franceses, mas tomando o cuidado de não contrariar a política de Leão XIII e de Pio XI, que condenou a Action Française.

Corretamente, ele vai afirmar que a Monarquia e a Aristocracia são inteiramente compatíveis com a doutrina católica, para isto citando São Pio X e Pio VI.

Ele atacava—também corretamente -- o preconceito democrático, que recusa como ilegítimas a Monarquia e a República Aristocrática. Mas só isso. O que é insuficiente.

Se a Democracia é uma forma de governo aceita pela doutrina católica, o mesmo não se pode dizer da democracia liberal, da qual Plínio evita tratar

Como vimos, ele se guarda bem de atacar, nesse livro, a democracia liberal, por seus graves erros contra a doutrina católica, como, por exemplo, a liberdade de religião e de culto, com a correspondente separação entre Igreja e Estado; ele não ataca, nessa obra em foco, o sufrágio universal, e nem a afirmação liberal de que o poder vem do povo.

Veja-se a crítica que P.C. de Oliveira faz à Democracia —à República :

"Desse ódio antimonárquico e anti aristocrático, nascem as democracias demagógicas que combatem a tradição, perseguindo as elites, degradam o *tonus* geral da vida, e criam um ambiente de vulgaridade que constitui como que a nota dominante da cultura e da civilização — se é que os conceitos de civilização e de cultura se podem realizar em tais condições" (Plínio Corrêa de Oliveira, *Revolução e Contra Revolução*, ed. cit., Parte I, cap. III, letra C, p.26. O destaque é nosso).

Note-se como o autor escapa de qualificar a democracia moderna de liberal, evitando condená-la do ponto de vista doutrinário, substituindo o adjetivo doutrinário "liberal", doutrinariamente bem claro, por uma mais vaga e politicamente correta adjetivação de uma democracia má simplesmente como "demagógica", crítica que até um liberal poderia admitir.

Para ele, o que a democracia liberal teria de mais condenável seria a vulgaridade que combateria o *tônus* que ele mais aprecia, e que seria uma espécie de granfinismo do que ele chamava "elites" endinheiradas do bairro Jardim Europa, em São Paulo, cujas "*maneiras aristocráticas*" Plínio queria manter.

[Certa vez, um sacerdote ligado à TFP -- Padre D. F. -- me criticava, certamente repetindo palavras de Dr. Plínio contra mim:

"O Fedeli era um italiano vulgar, e mal educado, que jamais compreenderia as amizades aristocráticas e francesas da Belle Époque, quando dois primos, até os 16 anos, podiam passear de mãos dadas, na rua".

Absolutamente certo!

Jamais compreenderíamos essas maneiras e "*amizades aristocráticas e francesas*", condenáveis pela doutrina católica. Em qualquer tempo, e na linguagem comum, essas "*maneiras aristocráticas e francesas*" têm outro nome].

Para Plínio Corrêa de Oliveira o mais condenável na democracia liberal não eram os seus princípios liberais, e sim o seu "*tonus*" vulgar...

E com isto, fica mais uma vez provado como o livro *Revolução e Contra Revolução* evita a questão doutrinária do combate entre a Revolução e a Igreja Católica.

6 - O Problema da Ditadura

Ao considerar essa questão, pela primeira vez nessa obra que analisamos, o autor se refere ao "pensamento católico" para responder à seguinte questão: a ditadura é um fator de Revolução, ou de Contra Revolução?" (Cfr., op. cit. P. 27-28).

Dr. Plínio, previne que responderá com "clareza" essa questão, e escreve então:

"Confundindo a ditadura em tese com o que ela tem sido *in concreto* em nosso século, o público entende por ditadura um estado de coisas em que **um chefe dotado de poderes irrestritos** governa um país. Para o bem deste, dizem uns. Para o mal, dizem outros. Mas em um e outro caso, tal estado de coisas é sempre uma ditadura.

"Ora, este conceito envolve dois elementos distintos:

--- onipotência do Estado;

--- concentração do poder estatal em uma só pessoa." (Plínio Corrêa de Oliveira, *Revolução e Contra Revolução*, ed. cit., Parte I, cap. III, letra E, p.26. O destaque é nosso).

Plínio considera que o primeiro elemento, dos dois citados mais acima, é o mais importante e essencial à ditadura. E diz:

"Que uma ditadura possa ser exercida por um Rei (a ditadura real, isto é, a **suspensão de toda ordem jurídica e o exercício irrestrito do poder pelo Rei**, não se confunde como *Ancien Régime*, em que estas garantias existiam em considerável medida, e muito menos com a monarquia orgânica medieval) ou um chefe popular, uma aristocracia hereditária, ou um clã de banqueiros, ou até pela massa, é inteiramente evidente." (Plínio Corrêa de Oliveira, *Revolução e Contra Revolução*, ed. cit., Parte I, cap. III, letra E, p.28-29. O destaque é nosso).

Ora, a idéia de uma ditadura católica, suspendendo toda a ordem jurídica e com "**exercício irrestrito do poder pelo Rei**" é um absurdo, porque jamais um governante católico pode exercer o poder de modo **irrestrito**, pois ele estará sempre subordinado à lei natural, à lei de Deus e à lei da Igreja, como também não poderá anular os privilégios e direitos adquiridos.

O que Plínio defende é um Duce, ou um Führer católico.

E se é verdade que o monarca absoluto, no *Ancien Régime* francês não gozava de um poder irrestrito, Plínio esconde também que o ideal de

Luis XIV – um Rei que Plínio admirava, e cujos “costumes” “morais” eram vícios imorais, dizia que se havia propriedade privada na França, era porque ele a tolerava, pois que tudo, na França era do rei. Esse Rei absoluto que dizia que o Estado era ele, e que julgava que toda propriedade era dele, esse Rei, no fundo, era um Lenin coroadado. Mas dessa possibilidade de um Rei revolucionário Plínio não trata. Neste seu livro, Plínio não diz que a Monarquia Absoluta, sendo anti feudal, era revolucionária.

Conclui Plínio que “Em si, uma ditadura exercida por um chefe ou um grupo de pessoas não é revolucionária nem contra revolucionária. Ela será uma ou outra coisa em função das circunstâncias de que se originou, e da obra que realizar” (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, ed. cit., Parte I, cap. III, letra E, p.28-29. O destaque é nosso).

Corretamente, ele diz que uma ditadura legítima deve suspender os direitos, mas para manter a ordem natural, e que essa suspensão deve ser provisória. Portanto, essa ditadura legítima não poderia **exercer um poder irrestrito**, com ele afirmara antes.

Corretamente ainda, ela afirma que uma ditadura revolucionária visa eternizar-se no poder, e não respeita os direitos autênticos, como procura ainda penetrar em todas as esferas sociais, subvertendo hierarquias, sujeitando tudo ao Estado, como aconteceu, ele nota bem, com Hitlerismo.

Daí ele dizer:

“Por isto, a ditadura revolucionária é fundamentalmente anti católica. Com feito em um, ambiente verdadeiramente católico não pode haver clima para uma tal situação. **O que não quer dizer que a ditadura revolucionária, neste ou naquele país, não tenha procurado favorecer a Igreja.** Mas trata-se de atitude meramente política que se transforma em perseguição franca ou velada, logo que a autoridade eclesiástica comece a deter o passo à Revolução” (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, ed. cit., Parte I, cap. III, letra E, p.31. O destaque é nosso).

Em que país a ditadura totalitária favoreceu a Igreja?

Plínio estaria pensando na Espanha fascista de Franco que socializou o país, e o enervou de tal modo que após a ditadura do Caudillo já não houve mais resistência católica, e a Espanha ficou pronta para aceitar o socialismo de Felipe Gonzalez que preparou, por sua vez, a atual perseguição socialista e democrática de Zapatero?

Ou estaria ele pensando no Duce, que com o Tratado de Latrão, concedeu grandes salários e vantagens financeiras ao clero e à Igreja?

Por que Plínio não deu nome aos bois, isto é, aos ditadores que “neste ou naquele país” favoreceram a Igreja?

Plínio mostra que a Revolução se apresenta sob vários aspectos diversos, de acordo com as circunstâncias históricas, o que comprova que ela não foi simplesmente um desregramento de paixões. Estas, por sua própria natureza, são cegas. O disfarce e a adaptação às circunstâncias exigem uma inteligência controladora que, mirando um fim, muda

parcialmente de rota, para contornar obstáculos, sem mudar o desejo do mesmo objetivo final.

O autor exemplifica isso, com a Revolução Francesa, dizendo:

"Assim, o espírito da Revolução Francesa, em sua primeira fase, usou máscara e linguagem aristocrática e até eclesiástica. Frequentou a Corte e sentou-se à mesa do Conselho do Rei" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, ed. cit., Parte I, cap. IV, p. 32. O destaque é nosso).

Em primeiro lugar, note-se que o autor confessa que foi o "espírito" da Revolução que se adaptou às circunstâncias, e não as paixões desregradadas, cegas por natureza e incontroladas.

Restaria perguntar se foi mesmo o espírito da Revolução que usou máscara e linguagem aristocrática, ou antes, como contatamos na História e como cremos, se foram os nobres que adotaram os modos e a linguagem revolucionária. Porque, quem adota a terminologia de outrem é que se deixa impregnar pelas idéias que a terminologia expressa. Cremos que foi Rivarol quem primeiro salientou esse ponto: a aristocracia adotou os termos revolucionários, e com eles, as idéias revolucionárias. Palavras como Nação, Patriotas, Igualdade, Liberdade, Povo, tinham então uma carga ideológica imensa, e o uso dessas palavras, ainda que inconscientemente, transmitia conotações semânticas extremamente subversivas.

A Nobreza francesa, antes de 1789, aceitou as idéias de Montesquieu, admirou a Monarquia parlamentar inglesa, simpatizou com a Revolução americana e lutou por ela, defendendo a democracia no Potomac, antes de implantá-la no Sena. E a Nobreza e a Corte brincaram de iniciações maçônicas, sem atinar que a brincadeira terminaria em tragédia.

Também as maneiras revolucionárias foram adotadas pelos nobres e até pela Rainha. Nobres deixaram de usar espada—muito aristocrática—trocando-a pelo guarda chuva. Alguns deixaram de usar sapatos finos, e passaram a usar sapatos com pregos, propositadamente para riscar os parquets muito trabalhados e envernizados. Ficou de modo o uso pelos filhos dos nobres o chapéu grosseiro de marinheiros ingleses. Maria Antonieta gostava de representar peças de teatro e fazia questão de desempenhar o papel de empregada doméstica. Ela detestava a etiqueta da Corte, e, quando recebia seus amigos no Petit Trianon, proibia que eles se levantassem quando ela chegava, dizendo-lhes: "Fiquem à vontade. Aqui não sou mais a Rainha, mas apenas Maria Antonieta".

E assim seria possível citar dezenas de outros exemplos.

E antes que a Revolução se sentasse à mesa do Conselho do Rei, fora Luis XVI que se assentara na escola dos mestres revolucionários, pois até seu educador, o Duque de La Vauguyon, era quietista, e seus conselheiros políticos e eclesiásticos sempre foram escolhidos entre os que tinham idéias revolucionárias...moderadas.

Prossegue Plínio em sua descrição imprecisa e distorcida da Revolução Francesa:

"Depois, [o espírito da Revolução Francesa] tornou-se burguês e trabalhou pela extinção incruenta da monarquia e da nobreza, e por uma

velada e pacífica supressão da Igreja Católica" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, ed. cit., Parte I, cap. IV, p. 32).

Será que foi mesmo assim?

O espírito da Revolução Francesa sempre foi burguês e, pior ainda, populacheiro e sanguinário.

Já na queda da Bastilha, logo no começo da Revolução, mataram-se brutalmente alguns soldados do rei, cujas cabeças foram espetadas, assim como os seus corações, em lanças, no Palais Royal, na noite da Queda da Bastilha (14 de Julho de 1789) enquanto em torno desses despojos macabros se cantava: *"Só há alegria quando o coração está presente"*.

E o espírito da Revolução se revela totalmente na forma como foram brutalmente massacrados, logo depois, o Intendente Foulon e seu genro, Berthier de Sauvigny.

E o combate da Revolução contra a Igreja Católica se não foi desde logo sanguinário, desde sempre foi tirânico e ameaçador. A Constituição Civil do Clero, elaborada antes das ações sanguinárias, foi profundamente contrária à doutrina católica, pois era brutalmente cismática e igualitária. E imediatamente a Revolução despojou a Igreja de seus bens, e já antes de usar a Guilhotina contra o clero cantava: *que enforcaria as carmelitas "à la lanterne"*

Plínio C de Oliveira lembra que a Revolução "se embriagou de sangue no Terror". Pena que ele não tenha especificado o horror que foi o genocídio da Vendée, sob as Colunas infernais. Sobre isso haveria muito o que contar.

E o autor, comentando as metamorfoses da Revolução, diz que "Com Napoleão [a Revolução] estendeu a mão à Igreja e abriu as portas à nobreza exilada, e, por fim, aplaudiu a volta dos Bourbons" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, ed. cit., Parte I, cap. IV, p. 33).

O que é um resuminho simplificador demais do que realmente aconteceu.

A Revolução só estendeu a mão à Igreja, para aprisioná-la e dominá-la, através da Concordata de 1802. O próprio Napoleão dizia que dava liberdade para a igreja, para vantagem dele. E em 1813, depois de ter aprisionado o Papa Pio VII, Napoleão o forçou a vender o Vaticano à França, e a transferir a Santa Sé para Fontainebleau. Se Napoleão estendeu a mão ao Papa foi para agarrá-lo pelo pescoço.

E sobre a Restauração diz Dr. Plínio: "terminada a Revolução Francesa, não termina com isto o processo revolucionário. Éi-lo que torna a explodir com a queda de Carlos X e a ascensão de Luis Felipe" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, ed. cit., Parte I, cap. IV, p. 33).

Como se a Restauração tivesse sido boa, do modo como se deu. Como se o mal tivesse ocorrido só com a deposição de Carlos X, e não a aceitação de uma Constituição liberal.

O que é uma enganação, pois a Restauração dos Bourbons na França, foi o triunfo da conciliação da Monarquia com a Revolução. Essa conciliação espúria foi bem simbolizada por Paul Claudel na peça **L'Otage**, na qual a Monarquia parlamentar é representada por um casamento entre uma nobre católica e um terrorista, assassino de seus pais.

Afirmar que a Revolução só tornou a explodir em 1830, quando foi derrubado Carlos X e se colocou no trono Luis Felipe, o rei guarda chuva, é "desconhecer" – ou querer ocultar que, além da Revolução racionalista havia a Revolução, patrocinada pela Maçonaria mística e gnóstica. A Santa Aliança foi totalmente dominada pelo pensamento gnóstico romântico de Madame Krüdener, que inspirava o Czar Alexandre I. E até o nome Restauração estava ligado à Gnose martinista que pretendia restaurar o homem na "inocência primeva", coisa também almejada por Plínio Corrêa de Oliveira que considerava ter ele mesmo já alcançado a Inocência primeva. Ele até compôs, para seus sequazes, uma oração da Restauração.

Plínio mostra a Revolução como "**movimento sempre vivo, ela tem simulado estar morta**, e essa é uma de suas metamorfoses mais interessantes" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, ed. cit., Parte I, cap. IV, p. 33. O destaque é nosso).

Tão interessante que isso, talvez, é que tenha inspirado Dr. Plínio a fundar a Sociedade Secreta: "**A Sempre Viva**", que tinha por símbolo a flor chamada de "**sempre viva**", flor que, quando viva, parece seca, e quando morta, parece viva. Dizia dr Plínio que a sua sociedade secreta, quando parecia morta, aí é que estava mais ativa. Pelo contrário, quando aparecia viva e ativa, aí estaria morta.

7 - Os Contra Revolucionários

Plínio, ao tratar daqueles que ele qualifica de semi contra revolucionários, diz;

"É característica do conformismo do revolucionário de marcha lenta e do "semi contra revolucionário" a facilidade com que ambos aceitam as conquistas da Revolução. Afirmando a tese da união da Igreja e do Estado, por exemplo, vivem displicentemente no regime de hipótese, isto é, da separação, sem tentar qualquer esforço sério para que se torne possível restaurar algum dia em condições convenientes a união" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução é Contra Revolução**, ed. cit., Parte I, cap. IV, p. 45).

E como classificaria Plínio Corrêa de Oliveira um Deputado membro de uma Assembléia Constituinte, que defendesse, como artigo constitucional, a separação entre Igreja e Estado?

Certamente, ele o classificaria como um revolucionário, ou como semi-contra-revolucionário, e, caso esse Deputado Constituinte fosse católico, Plínio não só o chamaria de revolucionário, mas ainda de traidor.

Ora, houve um Deputado católico, oficialmente representante dos católicos, que num debate na Assembléia Constituinte Brasileira de 1934, defendeu a separação da Igreja e do Estado, afirmando a tese liberal de que a união entre Igreja e Estado, no Brasil, só prejudicou a Igreja. Esse Deputado foi Plínio Corrêa de Oliveira.

Verdade é que ele considerava a união entre Igreja e Estado como melhor em tese. Mas, como inventara o líder católico liberal, Monsenhor Dupanloup, ele defendia bem conformado que, em hipótese concreta, defendia que a separação entre Igreja e Estado seria a melhor solução

Eis o debate sobre a separação entre Igreja e Estado, na Assembléia Nacional Constituinte em que o Deputado Plínio Corrêa de Oliveira participou, defendendo a tese liberal e revolucionária, condenada pelo Syllabus de Pio IX:

"Um Deputado: (...) "o que desejam todos os católicos é a religião do Estado"

O Sr. LUÍS SUCUPIRA: "É o ideal de todos os católicos".

O Sr. GUARACY SILVEIRA—"É o mínimo que querem. Desejo, portanto fazer sentir a esta nobre Assembléia que estamos apenas no princípio da luta.

"O Sr. CORRÊA DE OLIVEIRA — Julgo representar bem o pensamento católico. E posso afirmar a V. Ex. que o episcopado brasileiro não deseja absolutamente a restauração da

união da Igreja ao Estado, pelo simples, pelo simples motivo de que, sendo uma situação, em tese, ideal, porquanto reconhece à Igreja verdadeira os direitos que tem, em virtude de seu mandato divino, é no entanto, uma situação de fato que provou mal na experiência que tivemos durante o império. Pode ser que o respeitável episcopado pernambucano tenha feito declaração no mesmo sentido da que fiz agora e que o senhor Deputado não tenha entendido na sua legítima expressão”(Diário da Assembléia Nacional Constituinte, Quarta feira, 14 de Dezembro de 1934, p.409).

Eis aí o "Contra Revolucionário" Plínio defendendo a posição liberal do liberal Monsenhor Dupanloup: a União entre Igreja e Estado seria boa em tese, mas na hipótese concreta, teria sido má.

O que Plínio condenou no livro **Revolução e Contra Revolução**, ele praticou em 1934.

O Contra Revolucionário Plínio era um Revolucionário de marcha lenta em 1934. O "leão" da TFP era coelhinho em 1934.

E depois de defender a separação entre Igreja e Estado, respondendo ao Deputado Guaraci Silveira, ainda nesse debate, Plínio citou favoravelmente nada menos que Augusto Comte!!!

E quando Guaraci Silveira afirmou que a Igreja veio tentar "se sobrepôr ao poder secular" e citou o Syllabus como prova disso, Plínio respondeu:

"Sr. CORRÊA DE OLIVEIRA – " Conheço o Syllabus e poderei examiná-lo juntamente com V, Ex. para provar o contrário" (Diário da Assembléia Nacional Constituinte, Quarta feira, 14 de Dezembro de 1934, p.409).

Ora, o Syllabus condenou a separação entre Igreja e Estado:

"Erro 55: "A Igreja deve separar-se do Estado e o Estado da Igreja"(Pio IX, Syllabus, Erro 55. Denzinger - 1755).

Qual a sinceridade de Plínio C. de Oliveira em sua atuação política?

Conforme a classificação de Plínio Corrêa de Oliveira, Plínio Corrêa de Oliveira, em 1934, era já um revolucionário de marcha lenta.

IV

A Contra Revolução

1- Que é a Contra Revolução, seus Fins

A Segunda parte do Mini Corão da TFP é bem menos interessante do que a primeira. Nos primeiros capítulos desta II parte, Plínio analisa inicialmente o que é a Contra Revolução. O assunto é desenvolvido de modo bem superficial, sem maiores pensamentos.

Como amostra da superficialidade do pensamento desenvolvido nesta parte, basta citar como o autor define a Contra Revolução:

"Se tal é a Revolução, a Contra Revolução é, no sentido literal da palavra, despido das conexões ilegítimas e mais ou menos demagógicas que a ela se juntaram na linguagem corrente, uma "re-ação". Isto é, uma ação que é dirigida contra outra ação" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, ed. cit., Parte II, cap. I, p. 95).

Nesse nível ginasiano de expor o problema, é ociosa uma análise mais profunda.

Fim da Contra Revolução seria restaurar a ordem. Evidentemente, Plínio pensa essencialmente na ordem social e política, já que ele deslocou todo o problema Revolucionário para o terreno natural e da ação, deixando a doutrina em segundo plano ou nem tratando dela. Plínio, neste seu livrinho, não fala da luta da Cidade Terrena contra Cidade de Deus.

E quando fala em restaurar a ordem, ele usa agora fórmulas católicas: "E por ordem entendemos a paz de Cristo, no reino de Cristo. Ou seja a **Civilização cristã**, austera e hierárquica, fundamentalmente sacral, anti igualitária e anti liberal" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, ed. cit., Parte II, cap. I, p. 97. O destaque é nosso).

Nada a dizer contra esse desejo de restaurar a ordem social cristã. Lembramos, todavia, que embora esse desejo de seja correto e bom, é pena que o autor tenha deixado na sombra a causa mais profunda da revolução—a Gnose. Porque sem combate a essa causa profunda, toda restauração material será vã e inútil.

No mini Corão da TFP se diz que a Contra Revolução deve ser **tradicionalista**, porque a Revolução ataca "todo um legado de instituições, de doutrinas, de costumes, de modos de ser, sentir e pensar cristãos que recebemos de nossos maiores". Portanto: "Uma ação contra revolucionária é essencialmente uma ação tradicionalista" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, ed. cit., Parte II, cap. III, nº 1, pp. 100e 101. O destaque é nosso).

Nesse ponto, o único motivo para ser tradicionalista, segundo Plínio, seria porque a Revolução é contrária às tradições humanas. O que é bem pouco. E ele coloca antes as instituições do que as doutrinas. E doutrinas, ele coloca no plural.

Logo a seguir, ele reafirma que "a Revolução ataca a **civilização cristã**" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, ed. cit., Parte II, cap. III, nº 1, p. 100. O destaque é nosso).

A "civilização cristã", e não a Igreja, note-se. É sistemática em Plínio a colocação dos efeitos em lugar da causa: em vez de afirmar continuamente que a Revolução ataca a doutrina da Igreja, ele sempre coloca antes a civilização, os costumes, e outros efeitos da doutrina. Claro: tendo recusado colocar uma doutrina na raiz da Revolução, ele tem que insistir em outros objetivos não doutrinários para a Revolução.

Entretanto, Plínio previne seus leitores contra "o falso e estreito tradicionalismo" por mero apego ao passado, "sem qualquer apreço pela **doutrina** "e que seria mero "arqueologismo e não sadio e vivo tradicionalismo" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, ed. cit., Parte II, cap. III, nº 1, 102. O destaque é nosso).

Ainda bem que se faz aí uma referência à **doutrina** que fundamentaria a tradição verdadeira.

Pena que dr. Plínio não diga mais claramente que doutrina é essa, pois que tradicionalismos, além do católico, os há de várias espécies. Por exemplo, há o tradicionalismo de fonte esotérica e maçônica de Bonnety, de Joseph de Maistre, de Bonald, Donoso Cortés, autores que Dr Plínio cita e admira...

Há o tradicionalismo diretamente cabalista, já que Cabala significa Tradição.

Há o tradicionalismo esotérico e gnóstico de René Guénon.

Há um tradicionalismo sede vacantista

Há o tradicionalismo dos atuais lefevristas.

Há o tradicionalismo lefevrista, digamos, oportunista, de Dom Rífan, -- um tradicionalismo à la Henri IV -- para o qual uma Mitra vale bem uma Missa... Nova.

Há o tradicionalismo o conservador, "arqueológico".

Há o tradicionalismo exibido e voraz da banda dos filhos do profeta

E há, por fim, o tradicionalismo tefepista.

O que distingue este último tradicionalismo dos outros?

Isso não é nada claro.

O **Míni Corão** da TFP afirma que a **Contra Revolução** é "conservadora", "em certo sentido sim, e profundamente. E em outro sentido, não, também profundamente" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, ed. cit., Parte II, cap. III, nº 2, p. 102). E também que "A **Contra Revolução** é progressista" "Sim, se o progresso for autêntico" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, ed. cit., Parte II, cap. III, nº 3 p. 103).

Está aí um dos jogos prediletos de Dr Plínio: o abuso das palavras.

É claro que "progressista" tem um sentido teológico e que é praticamente sinônimo de modernista. Mas essa palavra tem também um sentido literal que é de ser favorável ao progresso. Dr Plínio então joga com os sentidos dessa palavra brincando de anfibia. Esse era um joguinho

useiro e vezeiro do profeta de Higienópolis, saltando de um sentido a outro dos termos que usava, permitindo-lhe enganar ou escapar de erros que defendera.

Agora, a Contra Revolução é tradicionalista e ... progressista, ao mesmo tempo...

Em que sentido?

Seria um tradicionalismo dialético...

Depois de assim "caracterizar" bem ambigualmente o que e é a Contra Revolução, Plínio trata de explicar "**O que é um Contra Revolucionário**" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, ed. cit., Parte II, cap. IV, p. 105).

E ele escolasticamente distingue "o contra revolucionário em estado atual" e "em estado potencial".

Pois não é metafísico?

E define o Contra Revolucionário atual como sendo aquele que:

---"Conhece a Revolução, a **ordem** e a Contra Revolução em seu espírito, suas doutrinas, seus métodos respectivos"(Sic!).

---Ama a Contra Revolução e a ordem cristã, odeia a Revolução e a "anti-ordem".

---Faz desse amor e desse ódio o eixo em torno do qual gravitam todos os seus **ideais**, preferências e atividades" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, ed. cit., Parte II, cap. IV, nº 1, 105. O destaque é nosso).

O primeiro desse três itens está mal redigido.: "Conhece a Revolução, **ordem...**"

Que ordem?

Que significa aí, a palavra "**ordem**" separada da Contra Revolução por uma vírgula?

É só uma redação mal feita, convimos.

Mas é uma redação mal feita.

O que não fica bem nem mesmo para um Mini Corão.

Pior ainda é colocar o "espírito" antes que as doutrinas.

E como conhecer as doutrinas da Revolução, se o autor declarou que a Revolução não tem uma causa capaz de ser posta em um sistema doutrinário?

Pois disse ele:

"a causa mais ativa da grande apostasia hodierna (...) não pode ser reduzida simplesmente a um sistema doutrinário: pois ela é a paixão desregrada em altíssimo grau de exacerbação". (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, ed. cit., Parte I, cap. VIII, nº 2, p. 78. O destaque é nosso).

Como, agora, ele fala em doutrinas da Revolução?

E a palavra "**ideais**" fica bem mal num texto que se peja de tradicionalista e de contra revolucionário, e que se gaba de fazer distinções escolásticas e metafísicas.

Quem tem "**ideais**" são os subjetivistas e românticos, especialmente quando cantam hinos de teor maçônico, ou fazem discursos empolados em festas cívicas...

Quem é católico não tem "**ideais**": tem Fé.

E, pouco depois, o autor explica que o Contra Revolucionário em "estado atual" "possui ele uma clara visão das coisas, um amor fundamental à coerência e um ânimo forte. Por isto tem uma noção lúcida das desordens do mundo contemporâneo e **das catástrofes que se acumulam no horizonte**" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, ed. cit., Parte II, cap. V, nº 1, 107. O destaque é nosso).

Que qualidades têm o contra revolucionário!

Como se um revolucionário não as pudesse ter também ânimo forte, coerência e visão clara.

Napoleão, por exemplo, era um Revolucionário genial e assassino. Ninguém pode dizer, porém, que ele não tinha "*uma clara visão das coisas, um amor fundamental à coerência e um ânimo forte*". Podia ser ele coerente no mal, mas não deixava de ser coerente.

E a noção lúcida "**das catástrofes que se acumulam no horizonte**", na boca de Dr Plínio significa que o Contra Revolucionário tem a noção clara de que virá a "Bagarre", isto é de um grande castigo que viria destruir a Revolução e dar a vitória a Plínio e à TFP.

Plínio, aquele que se dizia imortal morreu. Bagarre que ele dizia vir, não veio. TFP que le previa vencer, faliu. Só restou uma Banda a passar, tocando coisas de amor...

Pois tudo passa.

Passam as revoluções.

Passam os livros.

Passam os imortais.

Passam os professores.

Passam os deputados.

Passam, ainda mais depressa, os falsos profetas e seu Corões.

Passam as heresias.

A tempestade passa

Até a banda passa.

Somente a Igreja Católica não passa.

Somente Deus não passa

"Solo Dios basta".

No Mini Corão Tefepista há um trecho que nos parece bem oportuno salientar:

"Mas, admitir uma colaboração onímoda e estável com pessoas infectadas de qualquer influência da Revolução é a mais flagrante das

imprudências e a causa, talvez, da maior parte dos malogros contra revolucionários" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, ed. cit., Parte II, cap. V, nº 3, letra A, p. 110).

Pena que o que se dizia profeta não previu que seu discípulo mais dileto is dividir a TFP e fazer exatamente essa aliança de colaboração até com o movimento carismático.

Quem cria cordeiros, terá lã.

Quem cria serpentes, sofrerá traições.

Como o profeta inerrante, de visão clara de águia, que vasculhava até o mais recôndito das consciências, não viu ele que ovo ele chocava?

Tratando dos obstáculos que a Contra Revolução deve enfrentar, Plínio C. de Oliveira diz que "A Contra Revolução deve mostrar sempre um aspecto ideológico" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, ed. cit., Parte II, cap. VII, p. 114).

Consideramos que a Revolução tem, sim, uma doutrina em sua raiz mais profunda, e que, por isso, a Contra Revolução tem que ser doutrinária. Não dizemos ideológica.

Há diferença entre doutrina e ideologia. As ideologias são sistemas derivados da filosofia subjetivista, que coloca a idéia do sujeito na origem do objeto real. Uma ideologia é, assim, um conjunto mais ou menos coerente de idéias subjetivas que procura enquadrar a realidade em seu sistema.

Mas o autor do Mini Corão da TFP não tem direito em falar em ideologia contra revolucionária, em primeiro lugar, porque ele não admitiu que a Revolução tivesse um sistema de idéias em sua raiz. Em segundo lugar, porque a Revolução sendo gnóstica, o que se opõe diametralmente a ela não é uma ideologia, e sim a doutrina católica.

Plínio critica, num rasgo de heroísmo, aqueles que apresentam "a Contra Revolução como uma se fosse uma simples nostalgia". Mas, logo em seguida, arrependido de seus "heroísmo" acrescenta: "Não negamos, aliás, a legitimidade dessa nostalgia" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, ed. cit., Parte II, cap. VII, p. 114).

A quem é romântico custa renunciar, de todo, à nostalgia...

Ah! os antigos tempos!...

Ah! a Belle Époque granfina dos quatrocentões paulistas!

Ah! a Paris dos antigos tempos!

Ah! a água Perrier de outrora!

"Sabem de uma coisa? A Perrier na é mais como a de antes. Mitterand. Tem um gostinho de Mitterand"

"Sai tu cos'è questa nostalgia?" [Sabe você o que é esta nostalgia?], soluçava outrora uma miserável "canzoneta" romântica.

Sabe você o que é essa miserável nostalgia "contra revolucionária"?

É puro romantismo revolucionário.

Ao explicar **"como destroçar o processo revolucionário"**, Plínio lembra em primeiro lugar, que é absurdo dar esquemas prontos sobre isso, pois que o Espírito Santo cujas vias são imprevisíveis, pode suscitar vias diversas.

O que facilita aos pretensos profetas justificar o fiasco de suas profecias!

A seguir, ele lembra que "no itinerário do erro para a verdade não há para a lama **os silêncios velhacos** da Revolução. **Nada se lhe oculta** do que ela deve saber. A verdade e o bem lhe são ensinados integralmente pela Igreja. **Não é escondendo sistematicamente o termo último de sua formação**, mas mostrando-o e fazendo-o desejado sempre mais que se obtém dos homens o progresso no bem.

A Contra Revolução não deve, pois, dissimular seu vulto total" (Plínio Corrêa de Oliveira, *Revolução e Contra Revolução*, ed. cit., Parte II, cap. VIII, nº 3, letra B, p. 125. Os destaques são nossos).

Exatamente o oposto que Plínio fazia na TFP, onde os temas "parânicos" – isto é, que só podiam ser conhecidos pelos que estavam nos "paramos", nos níveis mais altos da seita, eram freqüentes. Na TFP, os segredos doutrinários eram a norma.

O chamado MNF – sigla que significava **Manifesto**, do verbo manifestar, na primeira pessoa do indicativo presente, e que reunia as palestras reservadas era só para um muito pequeno círculo de sequazes do profeta de Higienópolis, aos quais ele se manifestava mais livremente, enquanto o grosso dos membros do grupo sabia apenas que ele existia.

Plínio, em seu pequeno Corão ataca os **"silêncios velhacos"**...

Mas na TFP os **"silêncios velhacos"** eram a regra comum através da prática sistemática das "restrições mentais" que eram mentiras deslavadas empregadas para enganar os sabugos do grupo, as pessoas mais tibias, as mal vistas, das quais se desconfiava.

"Nada se oculta", "Não é escondendo sistematicamente o termo último de sua formação" diz Plínio publicamente. Mas, internamente vigorava a lei do segredo, através dos círculos concêntricos em que a TFP estava organizada.

"A Contra Revolução no deve, pois, dissimular seu vulto total" publica Plínio em seu Corão. Mas na realidade, o que existia era a seita secreta a **Sempre Viva**.

Essa é a sinceridade do Mini Corão da TFP. Essa era a sinceridade do profeta de Higienópolis.

E até hoje na TFP, em estado comatoso e terminal, ainda é assim.
Silêncios velhacos...

Plínio afirma ainda que se deve **"Mostrar a face total da Revolução"** (Plínio Corrêa de Oliveira, *Revolução e Contra Revolução*, ed. cit., Parte II, cap. VIII, nº 3, letra E, p. 125).

Mas como ele recomenda isso, se seu livro ocultou constante e sistematicamente o caráter gnóstico da Revolução, negou que ela tem um sistema doutrinário em sua raiz, e separou o processo revolucionário da luta que a Serpente faz à Igreja no decorrer de toda a História? !

Fazer isso é **"Mostrar a face total da Revolução"**?

Plínio Corrêa de Oliveira ocultou sistematicamente a face total da Revolução.

Ao estudar a Contra Revolução e a Sociedade temporal, o autor da obra em pauta, declarou que "o fim supremo da Contra Revolução é o Reinado de Nosso Senhor Jesus Cristo" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, ed. cit., Parte II, cap.XI, nº 1, p. 137).

Ótimo!

Entretanto, intra muros foi se firmando cada vez mais a idéia de que o fim seria a o Reino de Maria.

Como entre Nosso Senhor e Nossa Senhora não há diferença de querer, pode-se muito bem argumentar que há identificação entre o Reinado social de Jesus Cristo e um "Reino de Maria".

Porém, intra muros, esse "Reino de Maria" tomou características quiliásticas exacerbadas. Nele, dizia Plínio, haveria mudanças na natureza humana, na Terra, e em muitas coisas.

Plínio deu palestras reservadas, nas quais dizia que no Reino de Maria, os bons seriam alcandorados e angelizados, enquanto os maus seriam animalizados...

Na terra, haveria mudanças climáticas que agradassem ao "Profeta": no Rio de Janeiro, cairia neve, para tornar os morros da Guanabara mais belos, e a floresta amazônica se tornaria uma floresta temperada (O Profeta não entendia nada de Geografia e nem de Climatologia), o café perderia a cafeína, e o chocolate deixaria de ser aliciante.

Mais que tudo, haveria transformação na natureza humana quanto à reprodução, que deixaria de ser sexual, para ser por meio da palavra humana, conforme ensinam as cabalísticas visões de Anna Katharina Emmerich. E esse era o ponto que causava mais anseio e admiração nos tefepistas: acabar com ao to conjugal.

O que mostra a tendência cátera e gnóstica da TFP.

Até hoje, há quem defenda esse delírio lá na comatosa entidade.

Eles sonham ser anjos.

Mas... *"qui fait l'ange, fait la bête"*...

2- Nacionalismo, Colonialismo, e República Universal

No Capítulo XI, ainda, Plínio trata da "Cristandade e da República Universal".

E aí ele escreveu: "A Contra Revolução, inimiga da República Universal, também não é favorável à situação instável e anorgânica criada pela cisão da Cristandade e pela secularização da vida internacional nos tempos modernos.

"A plena soberania de cada nação não se opõe a que os povos que vivem na Igreja, formando uma vasta família espiritual, constituam, para resolver suas questões no plano internacional, órgãos profundamente impregnados de espírito cristão e possivelmente presididos por representantes da Santa Sé."(Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, Parte II, cap XI, nº 2, p. 144. O destaque é nosso).

Note-se que Plínio praticamente não trata da divisão da Cristandade, do ponto de vista religioso, mas antes do ponto de vista político. Pudicamente ele fala de uma cisão da Cristandade. Ele não fala da divisão da Cristandade pela heresia protestante, mas apenas pelos Estados Absolutistas ou nacionais, e nem fala da restauração do Império.

Além disso, ele aceita um princípio liberal, sem lhe fazer qualquer restrição: o princípio de que cada nação deve ser plenamente soberana, que foi um princípio do liberalismo político. Foi o liberalismo que defendeu a tese de que toda nação tem direito a se constituir como Estado soberano e independente. Ora, ele se esqueceu que as forças secretas, pela boca de Mazzini proclamaram que "O nacionalismo é um meio, para chegar a um fim: o Internacionalismo".

E foi desse princípio que nasceram as unificações nacionais, e a independências das colônias, o anti colonialismo.

E o liberalismo é revolucionário.

Como um homem que se põe como líder do pensamento contra revolucionário defende um tal princípio liberal e nacionalista?

Logo a seguir, Plínio faz uma distinção entre nacionalismo – que ele diz contra revolucionário — do nacionalismo liberal, que seria revolucionário:

"Mas seu nacionalismo [o da Contra Revolução] não tem o caráter de depreciação sistemática do que é dos outros, nem de adoração dos valores pátrios como se fossem desligados do grande acervo da civilização cristã" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Revolução e Contra Revolução**, Parte II, cap XI, nº 2, p. 144).

No nacionalismo, para Plínio, o mal seria a xenofobia e não mo princípio nacionalista em si, que dividiu a Crsitandade.

Foi o nacionalismo – o igualitarismo entre as nações – pregado epla revolução Francesa que causou as inúmeras guerras nacionais do século XIX, assim como a I Guerra Mundial. Foi o nacionalismo que unificou a Itália e a Alemanha e acabou com os Estados da Igreja. Foi o nacionalismo que fez nascer o germanismo e dele o Nazismo, com suas doutrinas criminosas e genocidas. Foi o lema de que a Alemanha devia unir todos os que falavam

alemão que causou o Anschluss e a destruição da Áustria, e que levou à II Guerra Mundial com suas hecatombes.. Foi o nacionalismo que fez surgir o Sionismo e o Estado de Israel com os conseqüentes problemas nacionalistas e religiosos árabes e islâmicos.

Pois se Monroe proclamou que a América era dos americanos, a Alemanha deveria ser dos alemães, e a Judéia dos judeus. E isso é que explica a paradoxal aliança dos nazistas com os sionistas, como denunciou uma insuspeita autora de origem judia (Cfr. Hanna Arendt, **Eichmann em Jerusalém**).

Por que Plínio dobrou um joelho – um só –diante do princípio liberal e revolucionário do nacionalismo?

Muito provavelmente por politiquice, pois pretendia atrair as simpatias dos nacionalistas franceses maurrassianos—os da Action Française -- e latino americanos, especialmente argentinos.

Mas, por politiquice ou não, ele acabou defendendo um princípio liberal revolucionário. Onde fica então o combate franco e total contra a Revolução

3- NA CÁTEDRA DA BUCHA, PLÍNIO ERA LIBERAL E NACIONALISTA

Claro que Plínio sabia que o nacionalismo é liberal, por pregar o igualitarismo entre as nações..

Mas Plínio era um oportunista que sabia matreiramente insinuar algo, e recusar fluidamente o que havia insinuado.

Como todo politiqueiro, Plínio era oportunista.

Veja-se como a oportunidade o fazia dizer, por conveniência, o oposto do que ele dizia pensar e defender. Tomaremos as provas disso das aulas de História que ele deu no Curso Preparatório da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, da Universidade de São Paulo, na cadeira de Júlio Frank, o fundador da Burschenschaft, a conhecida "Bucha"

(E como Plínio Corrêa de Oliveira, o "herói" da Contra Revolução logrou dar aulas de História de modo católico na cátedra do fundador da principal sociedade secreta brasileira? Mistérios da vida do "Contra Revolucionário" Plínio...).

Veja-se como o Contra Revolucionário Plínio, defendia o nacionalismo e condena a colonização exatamente como o fazem os professores marxistas nos colégios, hoje:

"A colônia moderna é uma fonte de exploração. Estabelecidas entre povos incultos as nações européias faziam toda a sorte de distorções, e estabelecendo sempre, como mais prático meio para se chegar a este resultado, o regime de monopólio era a colônia nos tempos modernos um feudo do Estado, por isso que em geral a extorsão se fazia em benefício do Estado Metrópole"

(**História da Civilização**, Curso realizado pelo Professor Dr. Plínio Corrêa de Oliveira, Colégio Universitário da Faculdade de Direito da

Universidade de São Paulo, Apostila. Tachyg. Carlos Vasconcellos. Sem Responsabilidade da Ilustrada Cadeira. Ponto Nº 22, **Regime Colonial no Séc. XVIII**, p.57).

Um tefepista viotesco se apressará a pretender justificar Plínio C. de Oliveira dizendo que ele, aí, criticou o colonialismo do século XIX, mas claro, sem dizer nunca que esse foi um colonialismo capitalista. Mas esse fanatismo que tudo quer explicar ainda que viotescamente, seria logo desmentido pelo próprio Plínio Corrêa de Oliveira, pois que ele criticava exatamente o colonialismo católico do século XVI. E, depois, o colonialismo que Plínio elogiou foi exatamente o colonialismo protestante.

"REGIMES COLONIAIS: COLÔNIAS PORTUGUESAS - Os portugueses fundaram os seus estabelecimentos apenas com objetivo comercial. Seus navios de Guerra eram ao mesmo tempo comerciais, porem este sistema era bastante caro. Os particulares não podiam ir as zonas de comércio, senão com autorização do Estado. Os funcionários nomeados por 3 anos procuravam se enriquecer rapidamente, administrando muitas vezes mal, impedindo os particulares de comerciar" (**História da Civilização**, Curso realizado pelo Professor Dr. Plínio Corrêa de Oliveira, Colégio Universitário da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, Apostila. Tachyg. Carlos Vasconcellos. Sem Responsabilidade da Ilustrada Cadeira. Ponto Nº 22, **Regime Colonial no Séc. XVIII**, p.58).

Note-se o absurdo ensinado pelo "Contra Revolucionário", "inerrante" e "pseudo santo". Plínio Corrêa de Oliveira: **"Os portugueses fundaram os seus estabelecimentos apenas com objetivo comercial"**.

Mas essa tese de Plínio é a tese revolucionária, que é bem fácil desmentir, pois nas velas das caravelas não estava pintado um cifrão, mas a Cruz de Cristo. E esquecia-se Plínio de que já na carta de Pero Vaz de Caminha se diz que a maior riqueza da terra eram as almas dos índios a conquistar para Cristo.

Plínio, para se garantir bem sentado na cadeira de Júlio Frank, recebendo seu salário – com o qual se aposentou – assumiu as teses históricas revolucionárias do fundador da Bucha.

Como um homem que ensinou isso, posa de Contra Revolucionário e de católico?

E tratando das COLÔNIAS ESPANHOLAS ensinava o futuro profeta de Higienópolis:

"O governo era exercido unicamente por espanhóis: 160 vice-reis que teve a América espanhola até o séc XIX, só quatro eram 'crioulos' e de 396 bispos até 1673 apenas 12 foram 'crioulos'. A classe dos crioulos para não poder agir em comum era dividida pelos espanhóis em : crioulos de sangue azul, gente de côr e etc. Todas as colônias eram organizadas da mesma maneira que a Espanha: Sistema feudal com as "economiendas", pagamento de impostos nas mesmas usadas em Espanha, censura de publicações, ação plena da inquisição. Em suma, uma sociedade velha num país novo. Aos americanos não cabia direito nenhum." (**História da Civilização**, Curso

realizado pelo Professor Dr. Plínio Corrêa de Oliveira, Colégio Universitário da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, Apostila. Tachyg. Carlos Vasconcellos. Sem Responsabilidade da Ilustrada Cadeira. Ponto N° 22, Regime Colonial no Séc. XVIII, p.59).

Como um homem que é tido católico, profeta, inerrante tinha a coragem de criticar o sistema feudal, a tentativa de instalar a Inquisição nas colônias, e até afirmar que "Aos americanos não cabia direito nenhum" ?

É inacreditável!

E mais inacreditável é que haja, ainda hoje, sequazes de um homem que ensinou tais coisas e que o cultuem como santo.

E como "Inerrante"!

Se em alguma coisa ele nunca errou foi em adaptar-se como camaleão aos ambientes e circunstâncias e oportunidades.

E das Colônias Francesas ensinou ele:

"COLÔNIAS FRANCESAS – Eram organizadas como as províncias em França. Não podiam administrar-se por si, um intendente decidia todas as questões. Transportou-se à América a censura e também a perseguição religiosa, os protestantes não eram recebidos nas colônias e os colonos estavam em má situação; não tinham liberdades, o monopólio de comércio era dado todo a companhias que forçavam os seus produtos". (História da Civilização, Curso realizado pelo Professor Dr. Plínio Corrêa de Oliveira, Colégio Universitário da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, Apostila. Tachyg. Carlos Vasconcellos. Sem Responsabilidade da Ilustrada Cadeira. Ponto N° 22, Regime Colonial no Séc. XVIII, p.60).

Quem imaginaria o contra revolucionário Plínio C de Oliveira ensinado que

"Transportou-se à América a censura e também a perseguição religiosa, os protestantes não eram recebidos nas colônias e os colonos estavam em má situação; não tinham liberdades"

Plínio atacando a censura e defendendo a liberdade de religião para os protestantes !!!

Como tinha influência a cátedra de Júlio Frank !

Que misteriosos eflúvios revolucionários dela emanavam e que faziam do paladino da Contra Revolução um reles professorzinho que repetia slogans e afirmações marxistóides.

Sobre as COLÔNIAS INGLESAS, protestantes, porém, Plínio tinha sobre elas conceitos positivos:

"COLÔNIAS INGLESAS –As tendências coloniais da Inglaterra começaram com Isabel, porém foi Cromwell no " Ato de Navegação" quem mais profundamente tratou do problema. Tomaram uma direção diferente,

estabelecendo o regime colonial que devia servir de modelo" (**História da Civilização**, Curso realizado pelo Professor Dr. Plínio Corrêa de Oliveira, Colégio Universitário da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, Apostila. Tachyg. Carlos Vasconcellos. Sem Responsabilidade da Ilustrada Cadeira. Ponto Nº 22, **Regime Colonial no Séc. XVIII**, p.60).

Depois de criticar de modo totalmente liberal e revolucionário, praticamente marxista a colonização feita pelos países católicos. Plínio elogia a colonização protestante apresentando-a como modelo de colonização:

"Tomaram uma direção diferente, estabelecendo o regime colonial que devia servir de modelo".

Onde estão os princípios de Revolução e Contra Revolução?

Onde ficou o "leão" da TFP? Sentadinho na cadeira do fundador da Bucha o leão da TFP sibilava como serpente.

Plínio era um politiqueiro oportunista que sabia uivar com os lobos, como também balir como humilde ovelhinha, conforma as circunstâncias.

No Ponto nº 26 desse Curso de **História da Civilização**, tratando do **DESENVOLVIMENTO DO COMÉRCIO CONTEMPORÂNEO E SUAS CONSEQUÊNCIAS SOCIAIS**, Plínio ensinou que:

"Do ponto de vista da família podemos dizer: A família do trabalhador praticamente não existe, mormente no grandes centros, onde a vida é difícil, e por isso os filhos, desde os primeiros anos são atirados à procura dos meios de subsistência" (**História da Civilização**, Curso realizado pelo Professor Dr. Plínio Corrêa de Oliveira, Colégio Universitário da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, Apostila. Tachyg. Carlos Vasconcellos. Sem Responsabilidade da Ilustrada Cadeira. Ponto Nº 26, **DESENVOLVIMENTO DO COMÉRCIO CONTEMPORÂNEO**, p.66).

Essa Apostila escandalosa não é de Frei Betto: é de Plínio Corrêa de Oliveira.

Ainda nesse mesmo ponto, ensinou Plínio:

"IMPERIALISMO COMERCIAL – A maior ameaça da paz em nossos dias. As potências industriais têm necessidades de colônias que lhe garantem a compra de fornecimento de matérias primas" (**História da Civilização**, Curso realizado pelo Professor Dr. Plínio Corrêa de Oliveira, Colégio Universitário da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, Apostila. Tachyg. Carlos Vasconcellos. Sem Responsabilidade da Ilustrada Cadeira. Ponto Nº 26, **DESENVOLVIMENTO DO COMÉRCIO CONTEMPORÂNEO**, p.67).

Que tal?

Só faltou Plínio clamar com a estudiantada: "Yankees, go Home!"
 Frei Boff aplaudiria Plínio Corrêa de Oliveira, quando ele faz essa afirmação marxistóide e anti Yankee.

No Ponto Nº 13 desse curso revolucionário de **História da Civilização**, tratando do **VIDA POLÍTICA NA IDADE MÉDIA** ensinou Plínio Corrêa de Oliveira:

"A observação fundamental que os srs. devem reter é de que na Idade Média as diversas classes sociais TINHAM DIREITOS E DEVERES DESIGUAIS, o que não era injusto porque havia uma perfeita proporção entre os direitos e os deveres de cada classe, e a maiores direitos correspondiam sempre maiores deveres.

"HOJE EM DIA, OS DIREITOS E DEVERES, PELA LEI, SÃO IGUAIS. AMBOS OS REGIMES PODEM SER JUSTOS, TANTO O DA DESIGUALDADE QUANTO O DA IGUALDADE" (História da Civilização, Curso realizado pelo Professor Dr. Plínio Corrêa de Oliveira, Colégio Universitário da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, Apostila. Tachyg. Carlos Vasconcellos. Sem Responsabilidade da Ilustrada Cadeira, **VIDA POLÍTICA NA IDADE MÉDIA**, p.67).

Pois esta é de cabo de esquadra !!!

Plínio defendendo a legitimidade de um regime igualitário!!!

Como era então revolucionário Plínio Corrêa de Oliveira!

Ele era revolucionário, se o ambiente o exigia.

Ao adentrar o s pátios da São Francisco, Plínio deixava á porta seu catolicismo e seu espírito Contra Revolucionário, para vestir a opa dos revolucionários. "Salaire oblige"!

Plínio Corrêa de Oliveira foi um oportunista camaleônico.

Claro que os defensores incondicionais de Plínio Corrêa de Oliveira clamarão que o texto que citamos **não é de responsabilidade da ilustrada cátedra**, como nós mesmos fizemos questão de assinalar.

E sobre isso há duas observações;

1ª O "tachygrafo" que taquigrafou o que Plínio Corrêa de Oliveira dizia em suas aulas no Largo de São Francisco, quando estava sentado na cátedra do fundador da maçonaria paulista escreveu:

"AVISO

" OS ENCARREGADOS DAS APSOTILAS, ANTES D ETERMINAR O CURSO, COMUNICAM QUE TODAS AS PRELEÇÕES PUBLICADAS NO DECORRER DO ANNO O FORAM SEM RESPONSABILIDADE DA ILUSTRADA CADEIRA, RAZÃO PELA QUAL SE NOTAM **ALGUMAS INCORREÇÕES DE LINGUAGEM**" (O destaque é nosso).

Note-se bem: só se fazem restrições a possíveis "INCORREÇÕES DE LINGUAGEM" e não os conceitos e idéias registradas.

2ª observação:

Certamente essas apostilas "não são de responsabilidade da ilustre cátedra", nós o reconhecemos.

Se as apostilas, porém, não tinha registrado as idéias expostas pelo Professor é claro que, nas provas, os alunos que por elas estudaram, colocariam as idéias registradas como respostas às perguntas feitas pelo professor na prova. Desse modo, o professor sabia certamente que o texto das suas apostilas—que eu continham o seu nome,, não era o que lê havia ensinado. Isso criaria uma grande confusão, como bombas e reclamações. Nada disso aconteceu. Portanto, Plínio engoliu e aceitou o conteúdo de suas apostilas.

Mais ainda. Plínio deve ter elogiado essas suas apostilas e recomendado que as estudassem, porque elas foram copiadas pelos tefepistas.

E se as apostilas não são da responsabilidade da ilustrada cátedra, elas se tornaram DA RESPONSABILIDADE DO PROFETA DE HIGIENÓPOLIS, JÁ QUE OS TEFEPISTAS AS XEROCAVAM E, AS ESTUDAVAM.

Obtivemos esse documento, já quando coletávamos provas dos erros do inerrante, de uma cópia das apostilas de Plínio, possuída por antigo aluno meu, quando ele criticava Plínio e sus culto, o sr. A.B.A.

Portanto, se o profeta inerrante permitia que essas cópias de seus Cursos fossem estudados por seus sequazes, as Apostilas passaram a ser aprovadas por Plínio Corrêa de Oliveira.

Dirão que ele se esquecera que ensinar tanta besteira e tantos erros em sua vida magisterial. Mas então estarão confessando que, além de esquecido, ele foi errante em boa parte de sua vida.

Desde quando ele ficou inerrante?

A partir de quando decidiu fazer o papel de Contra revolucionário?

Quem lhe deu esse papel ?

Por que ?

Para que?

V – CONCLUSÃO

Concluída esta análise do livro fundamental da TFP, o que se depreende do conjunto examinado é que o livro **Revolução e Contra Revolução** dá uma visão distorcida além de fazer graves omissões na exposição do processo revolucionário.

O pequeno e pretensioso livro de Plínio Corrêa de Oliveira, livro ao qual ele atribuiu transcendental importância, expondo uma tese centralmente verdadeira e já conhecida—a de que a Reforma-Renascimento, Revolução Francesa e Revolução Russa formam um único processo revolucionário, erra profundamente no enfoque da causa eficiente real desse processo, confundindo uma causa instrumental que de fato existiu—as paixões desregradas do homem – com a sua causa eficiente: a Serpente maligna e sua raça, que movem uma guerra sem trégua à Igreja Católica e à Cristandade que ela criou com base no Evangelho de Cristo.

A exacerbação de um problema moral—o desregramento de paixões – colocado como causa motora do processo revolucionário é um erro, pois que as paixões são cegas, e a Revolução é a execução de um plano larga e profundamente pensado. Aliás, o autor contraditoriamente reconhece que seria impossível às paixões terem arquitetado o processo revolucionário.

Desse modo, Plínio deu para a TFP uma concepção de Revolução a doutrinária, que faz dela um fenômeno predominantemente político e natural.

Uma visão romântica e mitificadora do autor sobre a Idade Média o impede de reconhecer as causas doutrinárias e as raízes sectárias do processo revolucionário existentes já antes do século XV, na própria Idade Média.

Em consequência, o autor separa o processo revolucionário da modernidade da luta que, desde sempre, a raça da Serpente move contra a raça da Virgem, guerra que a Cidade do Homem move contra a Cidade de Deus.

Revolução e Contra Revolução de Plínio Corrêa de Oliveira não se insere na grande luta que existe entre a raça da Virgem e a da Serpente, por isso ela falseia o que é realmente a Revolução. E esse falseamento só pode beneficiar a Revolução, pois que desvia muitas pessoas de reta intenção do verdadeiro combate à Revolução que Satanás promove contra Igreja de Deus.

Essa separação arbitrária realizada pelo autor impede ver a profunda unidade doutrinária que a Gnose dá a todo o processo revolucionário, buscando a vitória do Antropocentrismo sobre o Teocentrismo, e seria mais preciso dizer do Antropoteísmo sobre a Fé Católica, processo que culminou na proclamação de Paulo VI de que, no Vaticano II, a Igreja Católica assumiu o antropocentrismo, admitindo o Culto do Homem:

"A Igreja do Concílio [Vaticano II] se ocupou bastante do homem, do homem tal qual ele se apresenta em nossa época, o homem vivo, o homem todo ocupado consigo mesmo, **o homem que se faz centro de tudo aquilo que o interessa, mas que ousa ser o princípio e a razão última de toda a realidade...** O humanismo laico e profano, enfim, **apareceu na sua terrível estatura, e, em certo sentido, desafiou o Concílio. A religião de Deus que se fez homem encontrou-se com a religião do homem que se fez Deus.**

"Que aconteceu? Um choque, uma luta, um anátema? Isso poderia ter acontecido, mas isso não aconteceu. A antiga história do samaritano foi o modelo da espiritualidade do Concílio. Uma imensa simpatia o [o Concílio] investiu inteiramente. A descoberta das necessidades humanas absorveu a atenção deste Concílio. Reconheci-lhe ao menos este mérito, o vós humanistas modernos, que haveis renunciado à transcendência das coisas supremas, que saibais reconhecer o nosso novo humanismo: também nós, Nós, mais que qualquer outro, **nós temos o culto do homem**" (Paulo VI, **Discurso de Encerramento do Vaticano II**, 7 de Dezembro de 1965. O negrito é nosso). - -

Essa foi uma proclamação de concórdia inaudita entre a Igreja — a *Civitas Dei* por excelência — e o Mundo Moderno, com o Humanismo, fundamento da Cidade do Homem.

E desta conciliação impossível só poderia nascer a submissão, a servidão da Igreja ao homem.

"Ainda há um outro ponto que Nós devemos destacar: toda esta riqueza doutrinária [do Concílio Vaticano II] visa somente uma coisa: **servir o Homem**" (Paulo VI, Discurso citado).

"Tudo isto, e tudo aquilo que Nós podemos ainda dizer do valor humano do Concílio [Vaticano II], talvez tenha desviado o pensamento da Igreja do Concílio em direção de posicionamentos antropocentros, tomados da cultura Moderna? Não, a Igreja não se desviou, mas Ela se voltou em direção ao homem..."

"A mentalidade moderna, habituada a julgar todas as coisas pelo seu valor, pela sua utilidade, queria bem admitir que o valor do Concílio é grande pelo menos por esta razão: tudo foi orientado para a utilidade do homem! Portanto, não se declare mais inútil uma religião, como a religião Católica que, na sua forma, a mais consistente e eficaz, como esta do Concílio, proclama que Ela está toda inteira a serviço do homem..." (idem).

"Neste Concílio [Vaticano II] a Igreja quase se fez escrava da humanidade" (Paulo VI, Discurso de Encerramento do Concílio Vaticano II).

Na Sagrada Escritura se proclamou: Isto diz o Senhor: maldito o homem que confia no homem" (Jer. XVII, 5).

Mas, desgrazadamente, Paulo VI escreveu: **"Nós temos fé no homem"**. (Paulo VI, Entrevista em Sidney, 2 de Dezembro de 1970).

Como era diversa a posição de São Pio X a respeito do homem.

"É necessário que com todos os meios e trabalhos nós façamos desaparecer radicalmente a enorme e detestável maldade própria do nosso tempo, **que substitui Deus pelo homem**" (S. Pio X, **Supremi Apostolatus**, 14).

Outra falha muito grave do autor foi a de considerar entre os instrumentos da Revolução antropocêntrica apenas as sociedades secretas mais conhecidas como a maçonaria racionalista, jamais tratando das sociedades secretas místicas e decididamente gnósticas. São estas sociedades secretas místicas irracionaisistas que se constituem como o motor mais subtil e oculto do processo revolucionário.

O autor desconhece essa força oculta atuando na História. Ele não faz sequer referência ao hermetismo da Renascença e da Reforma. Não fala jamais da Gnose romântica, com a qual ele manifesta profundas relações doutrinaárias, e nem menciona a Gnose irracionalista e assassina do Nazismo na terceira Revolução realizada no século XX.

Toda a questão da Gnose fica assim posta sob um véu, assim como toda a ação da maçonaria mística. Salientam-se as ações políticas desenvolvidas pela Maçonaria racionalista, escamoteando-se todos os problemas doutrinaários, todas as questões filosóficas que impregnam o problema da Revolução.

Deste modo, a luta da Revolução contra a Revolução, mesmo quando se dá no campo especificamente religioso, é vista sob ângulo político e natural.

E isso é bem de se estranhar, porque ele mesmo liderou um movimento caracteristicamente romântico, e as doutrinas que expunha em certas reuniões "discretas", assim como na sociedade secreta que ele fundou por trás da TFP-- A Sempre Viva -- ele defendia idéias tipicamente gnosticizantes.

Seria então por ignorância ou premeditadamente que ele omitiu a influência das seitas gnósticas no processo revolucionário?

A nítida falta de conhecimentos históricos mais profundos do autor tenderia a fazer crer que ele omitiu a ação das seitas gnósticas na Revolução por mera ignorância.

A sua inegável inteligência, sua mentalidade claramente romântica, assim como a defesa de teses decididamente gnosticizantes em reuniões mais secretas propendem a indicar premeditação nesse ocultamento.

Em concreto, esse livro fundamental da TFP explica porque os seguidores de Plínio Corrêa de Oliveira optaram por uma ação apenas política e exclusivamente combatente da Revolução em sua faceta racionalista, jamais atuando contra a faceta gnóstica do processo revolucionário.

Plínio Corrêa de Oliveira e as suas TFPs só atuaram contra o leão racionalista e panteísta, nunca contra a ação da serpente irracionalista. Ora, como citamos, no salmo XXV versículo 5, se revelou que o combate da Raça da Virgem é contra todo o Antropoteísmo, quer sob a forma panteísta, quer sob a forma gnóstica.

Qual a verdadeira responsabilidade de Plínio Corrêa de Oliveira?

Só Deus, que sonda os rins e corações, realmente a conhece.

ÍNDICE

RELEND O MINI CORÃO TEFEPISTA

ANÁLISE DO LIVRO

REVOLUÇÃO E CONTRA REVOLUÇÃO

<u>DE PLÍNIO CORRÊA DE OLIVEIRA</u>	p. 1
CRISTO ESMAGANDO O LEÃO E A SERPENTE -- CHARTRES.....	p. 2
OBSERVAÇÃO INICIAL: UT VIDEANT, DOMINE.....	p.3
DESAFIO TEFEPISTA.....	p. 6
RIDENDO ET "ZUMBINDO".....	p.6
INSISTINDO NO DESAFIO.....	p. 8
RESPOSTA AO DESAFIO.....	p 9
I- INTRODUÇÃO.— A LUTA ENTRE A IGREJA E A SINAGOGA DE SATANÁS NA HISTÓRIA.....	
p. 10	
1- O PECADO ORIGINAL E A GNOSE.....	p. 10
2- A MALDIÇÃO DA SERPENTE.....	p. 12
3 - IGREJA E ANTI IGREJA.....	p. 13
4 - A GNOSE, DOCTRINA DA ANTI IGREJA.....	p.21
CRISTO ESMAGANDO O LEÃO E A SERPENTE—NOTRE DAME de PARIS.....	
p.25	
5 - CONCEITUAÇÃO DE REVOLUÇÃO.....	p.34
6- AS CAUSAS DA REVOLUÇÃO.....	p. 38
7- CARACTERÍSTICAS DA REVOLUÇÃO.....	p. 39

REVOLUÇÃO E CONTRA REVOLUÇÃO de PLÍNIO CORRÊA DE OLIVEIRA

I QUESTÕES DOCTRINÁRIAS..... p. 44

1 - O MISTERIOSO INIMIGO DE "CATOLICISMO".....	p.44
2 - CONCEITO DE REVOLUÇÃO SEGUNDO PLÍNIO C. DE OLIVEIRA.....	p.47
3- CRISE DO HOMEM CONTEMPORÂNEO.....	p.49

4- CRISE DO HOMEM OCIDENTAL E CRISTÃO.....	p.50
5 - O ESTUDO DAS CAUSA DA REVOLUÇÃO SEGUNDO PLÍNIO.....	p.50
A) PLÍNIO ERRA DO PONTO DE VISTA HISTÓRICO.....	p. 52
a) O ROMAN DE LA ROSE.....	p. 52
b) DANTE ALIGHIERI.....	p. 52
c) MARSÍLIO DE PÁDUA.....	p.54
d) WYCLEFF.....	p. 55
B) PLÍNIO NEGA QUE HAJA UMA DOCTRINA NA RAIZ DA REVOLUÇÃO.....	p. 58
C) NOVO VAI-VEM DE PLÍNIO SOBRE A RAIZ DA REVOLUÇÃO.....	p.59
D) REFUTAÇÃO LÓGICA DESSE ERRO DE PLÍNIO.....	p. 60
E) NOVA CONTRADIÇÃO LEVANDO A UM CÍRCULO VICIOSO.....	p. 62
F) IDEOLOGIA OU DOCTRINA.....	p.66
6— POR QUE PLÍNIO CORRÊA DE OLIVEIRA SEPARA A REVOLUÇÃO MODERNA DAS AÇÕES ANTERIORES DA ANTI IGREJA.....	p. 67
A) MENTALIDADE MITIFICADORA.....	p. 67
B) MITIFICAÇÃO ROMÂNTICA DA IDADE MÉDIA.....	p.69
C) O SÉCULO XIII, APOGEU DA HISTÓRIA.....	p.70
7 - CARACTERÍSTICAS DA REVOLUÇÃO CONFORME PLÍNIO.....	p.74
8 - AS TRÊS REVOLUÇÕES.....	p.81
9 - AS TRÊS PROFUNDIDADES DA REVOLUÇÃO SEGUNDO PLÍNIO.....	p. 84
10 - UM CAPÍTULO ABSURDAMENTE AUSENTE.....	p. 90
11- ARTE E REVOLUÇÃO.....	p. 92
O JARDIM DAS DELÍCIAS - Hyeronimus BOSCH.....	p.97
O TRIUNFO DA MORTE --- Pieter BREUGHEL.....	p. 98
12 - A REVOLUÇÃO, O PECADO E A REVOLUÇÃO - A UTOPIA REVOLUCIONÁRIA.....	p. 99
13 - A IGREJA CATÓLICA - REVOLUÇÃO E CONTRA REVOLUÇÃO.....	p.102
14 -REVOLUÇÃO E VATICANO II.....	p. 107
III- QUESTÕES HISTÓRICO -DOCTRINÁRIAS.....	p.114
1 - A DECADÊNCIA DA IDADE MÉDIA.....	p.114
TRÊS CRISTOS.....	p. 114-115
A) O ATENTADO DE ANAGNI.....	p. 116
B) O CATIVEIRO DE AVIGNON.....	p. 117
C) O GRANDE CISMA DO OCIDENTE.....	p.118

D) DUNS SCOTTO CONTRA O TOMISMO.....	p.118
E) HERESIAS DE ECKHART E DE OCKHAM.....	p.119
F) A CABALA CRISTÃ.....	p.120
G) HERESIAS PRECURSORAS DE LUTERO E OUTROS FATOS OMITIDOS.....	p.121
2- PSEUDO REFORMA E RENASCIMENTO.....	p.123
3- A REVOLUÇÃO FRANCESA.....	p.129
4- A REVOLUÇÃO COMUNISTA RUSSA.....	p.132
5- MONARQUIA - REPÚBLICA E RELIGIÃO.....	p.133
6- O PROBLEMA DA DITADURA.....	p.138
7- OS CONTRA REVOLUCIONÁRIOS.....	p.140
8 - PLÍNIO CORRÊA DE OLIVEIRA DEPUTADO LIBERAL. PORTANTO REVOLUCIONÁRIO.....	p.140
IV - A CONTRA REVOLUÇÃO.....	p.142
1- QUE É A CONTRA REVOLUÇÃO..-SEUS FINS	p.142
2- NACIONALISMO- COLONIALISMO E REPÚBLICA UNIVERSAL.....	p.149
3—NA CÂTEDRA DA BUCHA, PLÍNIO ERA LIBERAL E NACIONALISTA	p.150
V - CONCLUSÃO.....	p.156
ÍNDICE.....	p.160-162